

SOCIOLOGIA

CONTEXTOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS CULTURAIS

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Maria Francisca da Rocha e Cunha Rodrigues
Machado

M

2024



Maria Francisca da Rocha e Cunha Rodrigues Machado

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor
Doutor João Teixeira Vaz Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

A ti mãe, com muito amor e muitas saudades

Sumário

Declaração de honra	8
Agradecimentos	10
Resumo	11
Abstract.....	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	13
Introdução.....	14
Capítulo 1 - Enquadramento teórico.....	16
1.1 Cultura	16
1.2. Democracia cultural	18
1.3. Animação sociocultural.....	21
1.4 Políticas culturais	23
1.5 Os Museus na Sociedade Contemporânea	26
Capítulo 2- Estágio curricular	40
2.1 Caraterização da instituição	40
2.2 O Serviço Educativo	42
2.3 Objetivos do estágio	43
2.4 Papel do sociólogo	44
Capítulo 3 - Metodologia	45
3.1 Plano de trabalho e tarefas realizadas	50
3.2 Avaliação	51
Capítulo 4 - Análise dos dados/ Resultados	53
4.1 Observação participante	53
4.1.1. De início	53
4.1.2. Inauguração exposição Vida e Segredo - Aurélia de Souza	54
4.1.3. Museografia	55
4.1.4. Visitas orientadas a professores	58
4.1.5. Visitas orientadas a turmas.....	60
4.1.6. Visitas orientadas ao público em geral	61
4.1.7. Discurso da visita	62
4.1.8. Oficinas	63
4.1.9. No Serviço Educativo	67
4.1.10. CMIN	71
4.1.11. Programa performativo - De corpo presente	73

4.1.12. Congresso Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900	75
4.1.13. Ciclo de Conversas	76
4.1.14. Inauguração exposição longa duração	77
4.1.15. Problemas	78
4.1.16. Comunicação	80
4.1.17. Síntese.....	81
4.2 Análise dos inquéritos aos trabalhadores	84
4.3. Análise dos inquéritos aos participantes de visitas e oficinas.....	89
4.4 Análise do inquérito aos visitantes das oficinas para famílias	101
4.5 Entrevista Coletiva CMIN	104
4.6 Entrevista a técnico do SE	106
Capítulo 5 - Recomendações.....	108
Considerações finais	113
Referências Bibliográficas	115
Anexos.....	120
Anexo 1 - Modelo hierarquizado dos níveis de cultura	121
Anexo 2- Mapa acessível do MoMA.....	122
Anexo 3- Grelha de análise de programas acessíveis em diferentes Museus	123
Anexo 4- Análise dos conteúdos disponibilizados pelo Serviço Educativo do MNSR.....	130
Anexo 5- Grelha de observação	137
Anexo 6- Protocolo de consentimento informado para recolha de imagens.....	138
Anexo 7- Protocolo de consentimento informado para entrega de inquéritos	139
Anexo 8- Protocolo de consentimento informado aos trabalhadores	140
Anexo 9- Protocolo de consentimento informado aos visitantes	141
Anexo 10- Protocolo de consentimento informado às famílias	142
Anexo 11- Inquérito aos trabalhadores	143
Anexo 12- Inquérito aos visitantes.....	150
Anexo 13- Inquérito às famílias.....	158
Anexo 14- Protocolo de consentimento informado CMIN	163
Anexo 15- Guião de entrevista às educadoras do CMIN	164
Anexo 16- Protocolo de consentimento informado ao Serviço Educativo	165
Anexo 17- Guião de entrevista a técnico do Serviço Educativo	166
Anexo 18- Imagens.....	167
Anexo 19- Análise dados trabalhadores.....	190
Anexo 20- Análise dados visitantes	194
Anexo 21- Grelha de análise de entrevista às educadoras do CMIN.....	212
Anexo 22- Grelha de análise de entrevista a técnico do Serviço Educativo	215

Anexo 23- Indicadores de avaliação.....	224
---	-----

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio curricular é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo

[Póvoa de Varzim, Setembro de 2024]

[Maria Francisca da Rocha e Cunha Rodrigues Machado]

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor João Teixeira Lopes, pelo apoio, dedicação e confiança prestada ao longo deste mestrado, principalmente durante o estágio e redação deste relatório.

Agradeço ainda a todos os professores que durante o meu percurso académico me fizeram ganhar interesse por esta área, incentivando-me sempre a procurar saber mais.

Obrigada a toda a equipa do Museu Nacional Soares dos Reis por me terem acolhido tão bem, em especial à Dra. Paula Azeredo, à Dra. Adelaide Carvalho, ao Dr. Jorge Coutinho e à Dra. Liliana Aguiar, que me acompanharam no dia-a-dia e que muito me ensinaram, que me fizeram sentir todos os dias que fazia parte do Museu.

Um especial agradecimento ao meu pai, à minha irmã, ao meu irmão e à Andreia por todo o carinho, por todo o apoio e por me mostrarem que com dedicação tudo é possível.

Ao António, por estar sempre presente, nos melhores e nos piores momentos.

Um especial agradecimento a ti, mãe, por sempre acreditares em mim. Recordo de coração quente, as inúmeras vezes que te telefonei ao sair do Museu. Não houve uma quinta-feira nem um domingo que não estivesses à minha espera. Tenho tanto que te agradecer. Ficaram tantas palavras por dizer. Só quero que saibas... foi por ti que continuei. Sei que não haveria ninguém no mundo que ficasse mais feliz do que tu ao ver-me terminar esta fase da minha vida. Ainda assim, sinto que te deixei orgulhosa. Um enorme obrigada.

Por fim, obrigada Helena, por iluminares os dias mais escuros, os meus e os de toda a família. És a nossa maior alegria.

Resumo

O presente relatório é resultado de um estágio curricular realizado no Museu Nacional Soares dos Reis, no âmbito do Mestrado em Sociologia com especialização em Contextos, Práticas e Políticas Culturais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O mesmo decorreu entre 21 de Novembro de 2022 e 21 de Maio de 2023.

Depois de exposto ao Diretor do Museu a minha área de interesse, foi proposto pelo mesmo que acompanhasse o Serviço Educativo e que fizesse uma avaliação do mesmo. Desse modo, e de forma a conseguir uma análise mais completa, foram adoptadas diversas técnicas tradicionais da Sociologia, como a observação participante, o inquérito por questionário, a entrevista coletiva e individual. Ainda assim, o meu trabalho na instituição passou não só pela realização da avaliação do Serviço Educativo mas também pelo seu acompanhamento, através da realização de várias tarefas como a preparação de oficinas, discussão de conceitos a serem trabalhados e a retrospecção de como as atividades funcionaram, entre uma série de outros afazeres.

Para tal, a revisão da literatura revelou-se crucial, incidindo em temáticas como a cultura, a animação sociocultural, as políticas culturais e os museus na sociedade contemporânea. Foi sempre uma preocupação minha perceber se o Museu Nacional Soares dos Reis se mostrara um museu acessível e inclusivo, que fomentasse a diversidade e a sustentabilidade e que estimulasse a participação dos diferentes públicos.

Enquanto estagiária, tive a oportunidade de por em prática os conhecimentos obtidos ao longo destes anos de estudo e de desenvolver competências apenas passíveis de aprimorar em contexto profissional. Para além disso, foi uma excelente experiência que me permitiu compreender o modo de funcionamento de uma entidade cultural de grande importância no contexto em que se insere.

Palavras-chave: Museu; Serviço Educativo; Avaliação

Abstract

This report is the result of a curricular internship carried out at the Museu Nacional Soares dos Reis, within the Master's Degree in Sociology, specialization in Cultural Contexts, Practices and Policies of the Faculty of Arts and Humanities of University of Porto. The internship took place between November 21, 2022 and May 21, 2023.

After presenting my area of interests to the Museum Director, it was suggested that I followed and evaluated the Educational Service. In order to achieve a more completed analysis, various traditional sociological techniques were employed, such as participant observation, questionnaire surveys, and both group and individual interviews. Nonetheless, my role at the institution was not limited to evaluating the Educational Service but also involved its monitoring, through various tasks such as the preparation of workshops, discussion of key concepts to be worked on and reflection of how activities functioned, among other duties.

For this purpose, the literature review proved to be a crucial step, focusing on themes such as culture, sociocultural animation, culture policies and museums on the contemporary society. It was always a concern understanding whether the Museu Nacional Soares dos Reis presented itself as an accessible and inclusive museum, fostering diversity, sustainability, and encouraging the participation of different audiences.

As an intern, I had the opportunity to apply the knowledge gained throughout my studies, while also developing skills that could only be refined in a professional context. Moreover, it was an excellent experience that allowed me to understand how a significant cultural entity operates within its context.

Key-words: Museum; Educational Service; Evaluation

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
MNSR.....	MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS
SE.....	SERVIÇO EDUCATIVO
SPSS	STATISTICAL PACKAGE FOR SOCIAL SCIENCE
MET.....	METROPOLITAN MUSEUM OF MODERN ART
MoMA.....	MUSEUM OF MODERN ART
CMIN.....	CENTRO MATERNO INFANTIL DO NORTE

Introdução

No âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), decidi realizar um estágio curricular no Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR) sob a orientação do Professor Doutor João Teixeira Vaz Lopes. Desejava partir para o terreno, perceber como uma instituição cultural realmente funciona e aprender com a prática. A escolha desta instituição encontra-se relacionada com o meu percurso académico em História da Arte, tendo como objetivo dar continuidade a este estudo sobre a cultura, agora através de uma perspetiva mais social.

Ao reunir com o Diretor do MNSR, António Ponte, foi-me proposto a avaliação do Serviço Educativo (SE), tendo o estágio decorrido entre 21 de Novembro de 2022 e 21 de Maio do ano seguinte. A exposição *Vida e Segredo Aurélia de Souza 1866-1922* era o meu principal objeto de análise, esperando-se que esta avaliação contribuísse para uma melhor gestão da exposição de longa duração e outras exposições futuras, através de recomendações para o Museu e principalmente para o SE.

O meu trabalho encontrava-se essencialmente dividido em quatro partes - consulta e análise de bibliografia; - observação e análise das atividades do museu; - avaliação do SE; - redação do relatório. Desta forma, o meu horário era bastante flexível, dado que grande parte do meu trabalho passava por acompanhar as atividades e o seu planeamento, tendo de adaptar o meu horário à programação do museu, que ia sempre sofrendo grandes alterações. Tendo sido a consulta e análise de bibliografia outra parte fundamental do meu trabalho, tive permissão para me deslocar em horário de trabalho a locais como bibliotecas. Assim, o estágio curricular estendeu-se durante cerca de 500 horas, como definido logo numa fase inicial.

Numa primeira fase, dediquei-me à observação participante de forma a conhecer melhor o Museu, os seus técnicos e as suas dinâmicas, mas também os comportamentos dos visitantes. A revisão da literatura tinha já dado início, acabando por acompanhar todo este processo.

Posteriormente dei início à aplicação dos inquéritos. Num primeiro momento, foram enviados por correio eletrónico inquéritos online aos trabalhadores, e num segundo momento foram aplicados inquéritos presenciais aos visitantes participantes

de visitas e oficinas. Todos os inquéritos foram entregues por mim, de forma a esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir ao inquirido¹. No total, foram recolhidas 7 respostas no inquérito aos trabalhadores e 75 respostas nos inquéritos aos visitantes.

Numa terceira fase, realizei uma entrevista coletiva com as educadoras do Centro-Materno Infantil do Norte, no sentido de avaliar o projeto colaborativo *Arte e Saúde*. Para além disso, realizei uma entrevista semi-diretiva a um técnico do SE, de forma a ter acesso a informações mais gerais sobre o modo de trabalho do serviço.

Aliada à observação, a análise destes dados foi fundamental para compreender qual a perceção dos trabalhadores e visitantes no que diz respeito ao SE, possibilitando assim o delinear de algumas recomendações para o Museu, de forma a que este responda as características do novo paradigma museológico, tornando-se assim num espaço acessível, inclusivo, que promove a diversidade, a sustentabilidade e a participação.

Neste relatório, irei expor as diferentes tarefas realizadas ao longo do estágio, passando pela preparação das visitas e oficinas, pela descrição do modo como decorreram e pela discussão das mesmas no contexto de trabalho. As diferentes técnicas utilizadas serão também explicadas e justificadas.

É sabido que o exercício de uma profissão exige competências várias que só podem ser desenvolvidas ao longo do tempo. Isto é, a transposição de conhecimento para o exercício profissional só é parcialmente ensinada durante a aprendizagem académica, sendo a prática profissional muito importante. As competências necessárias debruçam-se não só num conhecimento científico mas também no saber fazer e no saber ser. O saber fazer implica não só conhecimento teórico mas também prático, dando-me este estágio a oportunidade de por em prática esses mesmos conhecimentos. Foi desta forma que passei a ter um olhar mais atento e mais crítico, tornando-me ainda capaz de uma reflexão mais fundamentada. O saber ser torna-se também bastante importante, sendo fundamental o sociólogo saber se adaptar ao contexto em que se insere, não só pela sua integração mas pela própria recolha de dados.

¹ Com exceção de uma visita orientada em que não pude estar presente, tendo sido entregues pela Dra. Liliana Aguiar

Para além disso, esta foi uma grande oportunidade de estar no terreno e de compreender o modo de funcionamento de uma entidade cultural pública de grande importância no contexto em que se insere.

No que diz respeito à estrutura deste relatório, o mesmo encontra-se dividido em cinco capítulos. No primeiro foi fundamental apresentar uma reflexão teórica sobre o que é a cultura, a animação sociocultural e as políticas culturais, e por fim, foi feita uma abordagem aos museus na sociedade contemporânea.

O segundo capítulo diz respeito ao estágio curricular, onde passo à caracterização da instituição e explico os objetivos deste estágio, abrindo ainda espaço para abordar o papel da sociologia neste contexto e outros similares.

O capítulo seguinte apresenta a metodologia utilizada, onde desde os primeiros passos relato as diferentes etapas deste processo, como a observação participante, a construção e aplicação de inquéritos e as entrevistas, tal como o plano de trabalho e outras tarefas realizadas.

Num quarto capítulo passo à análise dos dados e respetivos resultados desta investigação de carácter qualitativo e quantitativo.

No que concerne ao último capítulo, termino com uma série de recomendações que visam a melhoria do SE do MNSR, aproveitando ainda para demonstrar alguns indicadores relevantes nesta avaliação e qualquer outra de contexto semelhante.

Capítulo 1 - Enquadramento teórico

1.1 Cultura

Definir o que é cultura não é tão simples como pode parecer. Estudada em diversas áreas como a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história, etc., esta acaba por ser percebida e trabalhada de formas distintas, resultando assim numa multiplicidade de definições. Ainda assim, é importante que qualquer tentativa de definir o conceito de cultura tenha em consideração a sua multidisciplinaridade proveniente das diferentes lentes de análise. Podemos mesmo dizer que cada indivíduo tem a sua definição de cultura, e assim sendo, podemos também dizer que

por vezes dá-se um desentendimento quanto a essa definição. Isto porque estamos perante diversos universos estruturados de referências, que resultam também numa multiplicação de noções. Segundo João Teixeira Lopes, podemos entender por cultura um “conjunto de significados partilhados e entendidos, embora de forma desigual, pelos agentes sociais” (2008, p.11). Para além disso, podemos dizer que a cultura e a identidade estão fortemente relacionadas. O autor refere ainda que o conceito de cultura possui uma “íntima imbricação entre o político, o social e o simbólico” (2008, p.14). Aliás, como escreve António Teixeira Fernandes, a cultura é, no fundo, condição da existência humana, não sendo algo externo à vida social (2002). Jaume Trilla quando escreve sobre a animação sociocultural transporta-nos para uma definição de cultura enraizada na antropologia cultural, remetendo-nos para a definição de Edward Tylor. Para este, a cultura é “o modo complexo que inclui conhecimentos, convicções, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade” (Como citado por Trilla, 1998, p.20). Quer isto dizer que cultura é tudo aquilo que se adquire através da aprendizagem e da socialização. Cultura são os conhecimentos, os valores, os costumes e tradições, as normas e regras, as formas de relacionamento (Trilla, 1998). Maurice Imbert faz ainda uma distinção entre uma cultura-ação que podemos entender como uma cultura vivida, resultante do conhecimento prático, e uma cultura-objeto assinada, uma cultura de autor (Lopes, 2008).

Já Pierre Bourdieu fala-nos do capital cultural e do capital económico como elementos diferenciadores das classes sociais. Em 1979, o mesmo diferencia três estados do capital cultural - o estado incorporado; o estado objetivado e o estado institucionalizado. Por estado incorporado Bourdieu quer dizer que grande parte do capital cultural é incorporado através de processos de inculcação e assimilação, sendo, muitas vezes, adquirido de forma inconsciente. Trata-se de um capital pessoal, que não pode ser transmitido instantaneamente, fruto de algum cultivo. Já por estado objetivado, Bourdieu refere-se ao capital cultural em suporte material, como livros, pinturas, monumentos, etc. Apesar destes materiais poderem ser adquiridos através de um capital económico, a sua apropriação simbólica já pressupõe algum capital cultural incorporado. Finalmente por estado institucionalizado, o sociólogo define o

capital cultural sob a forma de diploma, ao qual é atribuído um grande valor por parte da sociedade (Bourdieu, 1999).

Posto isto, sendo as diferentes culturas fortemente dependentes das relações sociais, e dado que existem sempre relações inigualitárias e lutas de poder, é também claro que existe uma hierarquia social na cultura. Como sabemos, não deixam de ser geradas inúmeras tensões entre dominados e dominantes, sendo estas cada vez mais difíceis de gerir. Com a globalização, a difusão cultural foi se intensificando, verificando-se ainda uma grande homogeneização que só pode ser entendida como um projeto de poder. As lutas sociais são sempre sobre visões do mundo e modos de viver, que se tornam lutas através da linguagem, ou seja, através da partilha de signos. Karl Marx e Max Weber falam da cultura da classe dominante como a cultura dominante. Com isso não querem dizer que esta possui qualquer superioridade natural, mas que se impõe numa relação de dominação (Cuche, 2003). Quanto a esta hierarquização, conseguimos identificar três classes (burguesia, pequena burguesia, proletariado ou classes populares) a que correspondem “três públicos, três visões do mundo, três formas de organização social, estanques e incommunicantes” (Lopes, 2007, p.21) - a cultura erudita, a cultura de massas e a cultura popular. João Teixeira Lopes propõe um modelo, demonstrador dos três níveis de cultura (anexo 1).

1.2. Democracia cultural

Se nos transportarmos para tempos passados, verificamos que os museus nem sempre foram acessíveis ao público em geral. Foi com as transformações sociais, com o emergir da democratização que tal se tornou possível (Macdonald, 1992). Assim, é em França nos anos sessenta que a centralidade dos públicos começa a ser discutida, sendo posta em causa na construção de políticas culturais públicas. A preocupação maior do Ministério dos Assuntos Culturais era, no fundo, fazer chegar as obras de arte ao maior número de franceses que fosse possível (Lopes, 2009). Neste sentido, é da maior relevância distinguir democratização de democracia cultural, conceitos que carregam duas perspetivas opostas e que surgem muitas vezes como sinónimos.

A democratização cultural tem como objetivo levar a criação artística de uma minoria de especialistas às grandes massas, numa tentativa de elevar o nível cultural da população. Isto é, o seu objetivo é alargar os públicos da cultura, fazendo com que

esta chegue às grandes massas. Conceção esta importante mas não suficiente, dado que não procura uma reinterpretação da obra por parte do indivíduo, não sendo esperado que estes construam novos sentidos, de acordo com a sua história individual de vida. Por muito simples que pareça de ser posta em prática, a verdade é que diferentes grupos sociais não possuem os códigos necessários para fazer qualquer interpretação desses objetos, nem conseguem apropriar-se dos mesmos dada a especificidade do que é considerado arte e cultura por um conjunto de indivíduos no topo da hierarquia social e económica. Em 1966, Pierre Bourdieu publica *L'Amour de l'art*, onde escreve que os obstáculos à cultura não são unicamente materiais mas simbólicos (Lopes, 2009). Por essa mesma razão, a democratização cultural continuou a falhar à população, sendo que as barreiras à alta cultura permaneceram, não exclusivamente por razões económicas, mas pela falta de códigos. Como facilmente percebemos, os responsáveis pelas coleções dos museus acabam por ser os indivíduos que definem o que é arte. Arte é o objeto que se encontra num museu, selecionado por algum estudioso que assim o afirma e assim o expõe. Os objetos encontrados na grande maioria dos museus pertencem a uma cultura erudita, poucas vezes a uma cultura de massas e raríssimas vezes a uma cultura popular. Essa falta de identificação por parte de certos públicos, tanto relativamente aos objetos expostos como ao discurso adotado, leva a uma “falta de vontade e de familiaridade, a consciência difusa de «não estar no seu lugar», que se manifesta nas posturas do corpo, na aparência indumentária, na maneira de falar ou de se deslocar” (Lopes, 2009, p.5).

Quer isto dizer que continuamos realmente perante uma cultura dominante e uma cultura de dominados. Assim, seguimos numa luta para substituir o consumo cultural pela participação. A democracia cultural torna-se necessária, dado que a cultura deve ser de todos e para todos. É só desta forma que conseguimos transformar o panorama cultural, tornando-o inclusivo e dando resposta às necessidades dos vários indivíduos. Para tal é necessário desconstruir a ideia de que determinada cultura é inferior a outra, dado que certos grupos sociais continuam a não reconhecer a definição de cultura por parte de outros grupos. Assim, temos de trabalhar para a auto-consciência dos mesmos, pois é dessa forma que se combate a dominação social e cultural. Posteriormente, continuarão a existir algumas tensões devido a diferenças de linguagem verbal ou corporal, e nesse momento, o mediador será indispensável

para a construção de pontes entre os diversos universos simbólicos, primando sempre pelo respeito à diversidade. Não esqueçamos que os diversos indivíduos assumem uma série de posturas e rituais diferenciados de acordo com os seus códigos, valores e trajetórias de vida. Todos e cada um deles são seres conscientes e ativos, envolvidos num espaço social onde permanecem uma série de desigualdades e conflitos. É por essa mesma razão, e como tão bem defende João Teixeira Lopes, que a democracia cultural tem de aceitar todos os públicos e respetivos gostos, que são igualmente legítimos, sendo que “formar públicos (...) entra já numa lógica descendente” (2009, p.6). Quer isto dizer que a cultura não se pode restringir ao património artístico existente, sendo urgente abrir espaço para todos os grupos culturais. Só há democracia cultural quando houver liberdade, liberdade na criação, na distribuição e receção. A formação de públicos não pode continuar a considerar o público como uma coletividade homogénea, tem de aceitar a sua pluralidade - a pluralidade dos públicos, a pluralidade das culturas e a pluralidade dos modos de relação com as obras (Lopes, 2009).

É dever das instituições desenvolverem dinâmicas que contribuam para a construção de “regimes de familiaridade” (Lopes, 2009, p.10), necessárias para uma transformação das relações com a cultura, que certamente acabam por se relacionar também com outras disposições do *habitus*² dos indivíduos. Isso passa não só pela seleção de objetos a serem expostos, como pela criação de um espaço que estimule a participação de todos. O que é conseguido através de um espaço acessível, com uma linguagem acessível, que permita a qualquer indivíduo o pensamento, a reflexão e troca de ideias. Deve ser uma preocupação das entidades culturais a eliminação de barreiras, constrangimentos e tensões que possam ser sentidas por qualquer visitante. É ainda esperado que as instituições transformem os indivíduos, mas que também se deixem ser transformadas pelos mesmos, dando-lhes voz e algum poder nas suas dinâmicas. Quanto a esta mediação, esta deve sempre aceitar de igual forma as diversas perspetivas que possam ter os diferentes públicos. Sem um esforço por parte das instituições culturais os públicos continuarão distantes.

² Por *habitus*, Bourdieu entende um “conhecimento adquirido”, uma “disposição incorporada quase postural” (Bourdieu, 1998, p.61)

Por conseguinte, e transportando-nos para o estudo de caso aqui apresentado, devemos nos questionar - Qual o ambiente construído pelo MNSR? Disponibilizará os códigos necessários? Proporcionará a liberdade de construção de novos sentidos? Incentivará à participação por parte de todos? Permitirá uma transformação mútua?

1.3. Animação sociocultural

É neste panorama de uma luta pela democracia cultural que surge a animação sociocultural, que tem como objetivo principal “promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural” (Trilla, 1998, p.26), pois só assim os indivíduos se transformam “em protagonistas activos da sua própria história” (Lopes, 2009, p.6). A preocupação da animação sociocultural prende-se muito com estimular os indivíduos para participarem nas várias dinâmicas culturais e sociais e assim tornarem-se sujeitos ativos que não só trabalham no seu desenvolvimento como contribuem para o desenvolvimento da comunidade. Podemos ainda dizer que esta é uma ação que procura a integração e a coesão social.

Foi com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, que tivemos acesso a vários projetos exteriores que permitiram o aparecimento da mediação sociocultural no país durante os anos 90. O mediador passou assim a ocupar um papel fundamental na sociedade, trabalhando para estabelecer a igualdade de oportunidades em relação à cultura, estimular a criatividade e incentivar à participação de todos, ajudando a decodificar códigos e a construir pontes. Através da animação sociocultural procuram ajudar o indivíduo a tomar uma posição e a melhorar a sua qualidade de vida, atingindo assim a transformação social e a reconstrução de uma consciência coletiva (Trilla, 1998). É desta forma que o mediador consegue atenuar as desigualdades que acabam por prejudicar a auto-estima do indivíduo e a sua inserção social.

Ao falarmos de animação sociocultural não temos como não falar sobre educação. Como bem sabemos, a aprendizagem não tem qualquer limite temporal, decorrendo ao longo de toda a vida de uma pessoa. Quer isto dizer que também não se limita a um só contexto, mas que ocorre em vários espaços e momentos, como em momentos de trabalho, momentos em família, momentos de lazer, etc. Existindo três

níveis de educação³, e sendo a aprendizagem um *continuum*, é importante que estes prevaleçam articulados uns com os outros, não devendo nenhum substituir o outro em nenhuma ocasião.

Voltando à animação sociocultural, esta é geralmente situada na educação não formal, focando-se nas necessidades dos indivíduos em causa e recorrendo a metodologias participativas, que não exigem grandes conhecimentos académicos.

Tendo agora como foco o objeto deste estudo - o museu, sabemos que este é realmente muito procurado por escolas, dado que reconhecem a importância da aprendizagem fora do contexto formal. É desta forma que os museus mostram-se lugares de interdisciplinaridade, com forte capacidade de estimular debates e oferecer diferentes experiências participativas (Falcão, 2009). Conforme explica Teresa Eça, a experiência dos indivíduos no museu depende sempre dos seus próprios interesses e motivações “baseadas na sua experiência de vida, nos seus conhecimentos, na sua posição social, económica e cultural, que irão necessariamente condicionar o seu modo de olhar, sentir e recriar o que encontram no museu” (2010, p.277). Do museu é esperado que consigam educar os diversos públicos sobre os diferentes temas das suas coleções mas que também alertem para temas sociais relevantes, devendo criar condições para que os mesmos sejam ativos e participem. Como salienta a autora, com todo o conhecimento que temos hoje, todos nós temos responsabilidades sociais. Vivemos “num mundo onde cada um tem um papel social a desempenhar, onde cada um tem direitos e deveres não só como profissionais mas também como seres humanos” (Eça, 2010, p.278). Assim, é esperado que os mediadores culturais tenham consciência de que o museu não é um espaço reservado à fruição e contemplação, mas que deve ser um espaço de problematização, onde é possível estimular as crianças, jovens e adultos a pensar as problemáticas do passado, do presente e do futuro e a assumir uma posição.

Deste modo, perceber se o MNSR é uma instituição que oferece experiências

³ Os três níveis de educação são os seguintes: educação formal, educação não formal e educação informal. Por educação formal entende-se a aprendizagem institucionalizada em contexto escolar, com conteúdos previamente selecionados. A educação não formal diz respeito a uma aprendizagem organizada mas que se realiza fora do contexto escolar formal, podendo ocorrer noutras instituições como museus ou mesmo em clubes ou outros grupos. A educação informal define-se como uma aprendizagem espontânea, resultante de diferentes experiências do quotidiano (Rocha, 2017).

participativas, que educa e alerta os seus públicos para temas sociais atuais relevantes é uma das preocupações deste estudo.

1.4 Políticas culturais

É agora tempo de tecermos algumas notas sobre políticas culturais. Uma política tem sempre um caráter intencional, isto é, tem sempre como base determinados objetivos em busca de uma mudança. Quando falamos em políticas públicas, e como escreve António Firmino da Costa, combinam-se sempre “duas dimensões fundamentais das relações sociais: a cultura e o poder (...) dois pilares na organização das sociedades e dos processos que nelas ocorrem” (1997, p.1). Augusto Santos Silva afirma que “o debate em torno das políticas públicas é, de raiz, um debate político” (1997, p.44).

Ao falarmos sobre políticas culturais, importa ter em conta o contexto português. Portugal viveu um clima de ditadura durante quarenta e oito anos, entre 1926 e 1974. Período este onde a cultura foi fortemente controlada pelo Estado, que aceitava unicamente uma expressão artística nacionalista, perseguindo os artistas que se desviassem desses valores. Desde que o povo conquistou a sua liberdade a 25 de Abril de 1974, que percorremos um grande caminho. Dessa data à atualidade, Portugal constituiu mais de vinte governos. Quer isto dizer que muitas reviravoltas marcaram o contexto cultural do nosso país, onde as políticas adotadas são constantemente deixadas de lado e substituídas por outras, altamente controversas no plano cultural e político.

Segundo diversos autores, foi nos anos oitenta, que se deu uma viragem no contexto cultural, com a Rede de Leitura Pública e com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, passando o país a ter um maior financiamento para a cultura (Silva, Babo & Guerra, 2015, p.107). Quando a cidade do Porto foi considerada Capital Europeia da Cultura em 2001⁴, o contexto cultural sofreu também uma grande transformação, fruto de um grande investimento e de uma grande divulgação.

⁴ A nível estrutural deu-se a edificação de um novo equipamento, a Casa da Música, e recuperou-se outros já existentes como o MNSR. Para além disso, foi proporcionado um ambiente de exposições públicas, o que foi muito positivo para os criadores e instituições culturais, tendo sido também ampliado o envolvimento com a população escolar (Ferreira, 2004).

Vários sociólogos fazem uma distinção entre dois ciclos nas políticas culturais de Portugal enquanto um país democrático. Um primeiro que diz respeito à institucionalização da política cultural, com um crescimento a nível de financiamento público e com o aumento de equipamentos e organizações. E um segundo ciclo, que deu início com a crise de 2007-2008 marcado pela estagnação e retrocesso. Condição que permanece nos anos seguintes e que se agudiza na crise de 2010-2014. José Neves considera ainda que nos anos seguintes sentiu-se algum alívio mas que este estado geral permaneceu até 2016, com reduções nos financiamentos. Ainda assim, para o autor, em 2019 dá início um novo ciclo com um aumento do financiamento dedicado à cultura, onde destaca o Plano Nacional das Artes (Neves, 2021).

Posto isto, podemos afirmar que as políticas que se estabeleceram durante um maior período de tempo foram as políticas culturais carismáticas, que visam unicamente apoiar criadores reconhecidos, e as políticas de democratização da cultura, que procuram alargar o acesso às obras. Contudo, nos últimos tempos tem se verificado a grande importância de se estabelecer políticas de democracia cultural, que têm como objetivo alargar a criação a todos os públicos, estimulando a criatividade, participação e expressão cultural de todos (Costa, 1997). Para tal, é necessário construir mais projetos de ação cultural, e tendo estes menos benefícios económicos do que culturais e sociais, é essencial o apoio do Estado para a sua implementação.

Importa também referir que, apesar do Estado definir diretrizes a nível nacional, as autarquias são responsáveis por implementar políticas culturais de acordo com as necessidades da população, o que acaba por resultar numa diversidade de iniciativas culturais com financiamentos variáveis. “No balanceamento entre intervenção cultural autárquica e intervenção cultural governamental, enfrentamos problemas recorrentes, ora de demissões recíprocas de responsabilidades, ora de duplicação de esforços, ora de incompatibilidade radical de propósitos e medidas” (Silva, 1997, p.46).

Santos Silva considera fundamental o Estado assumir responsabilidades e encargos financeiros de atividades desenvolvidas neste sentido e destas serem trabalhadas em rede, numa lógica de pluralidade e diversidade (Costa, 1997). Até porque tem-se vindo a assistir ao “crescimento mais acentuado da despesa cultural autárquica, em comparação com a da Secretaria de Estado ou do Ministério da

Cultura” (Silva, Babo & Guerra, 2015, p.106). As autarquias foram então assumindo um lugar central nas dinâmicas culturais, responsáveis por uma série de instituições municipais, como bibliotecas, arquivos, museus, teatros, etc.

António Firmino da Costa e José Madureira Pinto destacam uma série de aspetos que devem orientar as políticas culturais. Em primeiro lugar referem a importância da preservação e valorização do património cultural, tal como a sua disponibilização a toda a população, sendo também necessária a incorporação de um conjunto de disposições para tal. Nesta fase, destacam a necessidade de uma descentralização de decisões, apelando às articulações entre as diversas entidades e associações, tendo sempre como preocupação a inclusão, o primado pela diversidade e o respeito das diferentes identidades culturais (Costa, 1997). Não ficando pelo alargamento dos públicos, o alargamento dos produtores culturais deve também ser alcançado, numa lógica de democracia cultural. Qualquer indivíduo, independentemente do seu sexo, da sua idade, da sua nacionalidade e da sua escolaridade deve ser livre para criar. Só assim conseguimos um contexto cultural igualitário. Como escreve João Teixeira Lopes, falar de políticas culturais públicas é falar de condições de liberdade e cidadania (2007). O incentivo à participação e a criação de condições para tal é fundamental, podendo estas ser trabalhadas nas escolas, nas instituições e associações culturais.

Natália Azevedo também chama a atenção para a necessidade de uma lógica metropolitana de rede de equipamentos culturais, destacando uma série de fatores como bloqueio - o desconhecimento dos equipamentos existentes nas cidades vizinhas, desequilíbrios ao nível da escala de equipamentos, falta de recursos financeiros, técnicos e humanos e a falta de vontade política (2004). A socióloga, que se dedicou ao estudo das políticas culturais na Área Metropolitana do Porto, salienta também a dificuldade de se assegurar a resposta às necessidades das diferentes populações nas diferentes regiões. Desse modo, acaba por recomendar a criação de observatórios regionais e locais como espaços de avaliação e de intervenção, podendo estes trabalhar em relação com os meios universitários, associações e mediadores culturais (Azevedo, 2014).

1.5 Os Museus na Sociedade Contemporânea

A sociedade contemporânea é uma rede social muito complexa, onde as mudanças para além de serem constantes são cada vez mais aceleradas e intensas, com grandes impactos nas crenças, valores e práticas dos indivíduos. Com as inovações tecnológicas ao nível da comunicação e informação e ao nível dos transportes, as relações globais têm-se vindo a intensificar. Este fenómeno de intensificação das relações a nível global - a globalização - deve ser pensado a nível económico, cultural e social. Manuel Castells chama a atenção para a importância da produção de informação, que nesta nova era é facilmente acumulada, agrupada e utilizada para uma série infindável de aspetos. Estes avanços permitiram o agrupamento de tudo o que era informação, mesmo audiovisual, desenvolvendo facilmente um trabalho em rede. O sociólogo chega mesmo a dizer que a Internet foi “talvez o meio tecnológico mais revolucionário da Era da Informação” (Castells, 2007, p.54). A população passou a aceder à rede através de dispositivos distribuídos por todo o quotidiano. Foi assim que se deu a libertação da necessidade de uma presença física para uma série de contactos com indivíduos, instituições e outras entidades. A própria noção de espaço e tempo alterou-se.

Castells considera que uma rede é como uma malha, onde cada ponto é uma instituição, uma empresa, um estado, um grupo. Com os avanços tecnológicos, esta rede tem-se tornado cada vez maior e com relações mais estreitas. No entanto, sendo a globalização a confluência de uma variedade de culturas, e assim de diferentes ideias, valores e crenças, alguns autores chamam-nos a atenção para o imperialismo cultural, “em que os valores, os estilos e as perspectivas ocidentais são divulgados de modo tão agressivo que suprimem as outras culturas nacionais” (2007, p.64). Assim, torna-se cada vez mais importante que passemos a adotar uma perspetiva global, conscientes dos laços que nos ligam a outras pessoas de outros contextos.

Como explica Giddens, “a vida social dos homens afastou-se radicalmente do tipo de ordem social em que as pessoas viveram durante milhares de anos” (2004, p.42). O autor destaca três fatores que influenciaram a mudança social: “o meio ambiente, a organização política e os factores culturais” (2004, p.43). Considerando cultura não apenas a arte e a literatura, mas também os modos de vestir, os costumes,

os padrões de trabalho, as cerimónias religiosas e os sistemas de comunicação (2004). Sabemos que a internet veio contribuir fortemente para transformar a sociedade, deparando-se agora os museus com um novo desafio, o de se moldarem à sociedade em constante transformação, sendo esta cada vez mais rápida graças à internet.

Eilean Hooper-Greenhill escrevia que anos 90 o museu continuava distante da atenção dos investigadores. Nos dias de hoje parece haver uma mudança em curso, sendo que finalmente podemos dizer que temos vindo a assistir a um maior interesse na museologia, emergindo cada vez mais campos de estudo dentro dessa área. Para Alice Semedo, o fenómeno museológico tem de se adaptar ao contexto pós-industrial e pós-capitalista, onde se agrupam uma série de tensões provenientes de uma amnésia social, de uma fragmentação da identidade e individualização e onde se procura adotar uma posição face ao consumo (Semedo, 2013). Estes aspetos, ao moldarem a sociedade vão também moldando o próprio museu. Com a sociedade de informação, a globalização e a revolução tecnológica, é importante que os museus pensem essa rede e aproveitem para tratar questões globais, que sejam do maior interesse para todos. “Aspects of this new global awareness include a greater sensitivity to environmental issues that affect all nations; a growing preoccupation with social justice; and a fuller appreciation of the increasingly culturally pluralistic character of Western society” (MacDonald1992, p.161)

Desde a pré-história que o Homem tem o hábito de reunir e colecionar diferentes objetos de valor material, histórico ou cultural. A palavra Museu, de origem latina provém do conceito grego *mouseion*, que na época era uma referência ao tempo dedicado às nove musas gregas, filhas de Zeus e Mnemosine (Falcão, 2009). Sabemos que na Idade Média esta reunião de obras de arte era também costume nos meios de maior prestígio, mas foi no período dos descobrimentos que esta passou a ser uma prática mais recorrente, onde foram criadas várias coleções e gabinetes de curiosidades. Assim, os museus surgem no século XVIII a partir do acervo de coleções reais e privadas, sendo que estas nem sempre foram acessíveis ao público em geral. Foi com as transformações sociais, com o emergir da democratização que tal se tornou possível (Macdonald, 1992).

O primeiro museu verdadeiramente aberto ao público em geral foi o Museu do Louvre, inaugurado em 1793⁵. Ao longo do tempo os museus foram sofrendo várias transformações, deixaram de ser locais destinados unicamente à recolha, conservação e valorização de objetos de valor e passaram a servir a sociedade sem qualquer finalidade lucrativa, acabando também por investigar, comunicar e educar. Quer isto dizer que os museus estão sempre dependentes do seu contexto sócio-económico. A sua função é, em primeiro lugar, servir a sociedade, e portanto, estes têm de se transformar e reinventar de acordo com o contexto social. Não podemos assumir que serão lugares eternos, que irão acompanhar a humanidade até ao fim dos seus dias.

É através de um processo de reflexividade, como explica Alice Semedo, que o museu responde a este desafio, passando a pensar novos projetos, também eles propiciadores de alguma reflexão. Assim, os museus passam a participar “em terrenos muitas vezes controversos de forma a poderem, verdadeiramente, ter uma abordagem holística da sociedade e da cultura e remeter para o passado uma abordagem puramente canibalesca da cultura e da sociedade” (Semedo, 2004, p.2). O museu não deve ser um espaço de devoção, mas um espaço de reflexão que desperte para uma consciência social. Assim, espera-se que este saiba olhar para fora das suas paredes, pensando a sua dinâmica de acordo com o contexto em que se insere, acompanhando as mudanças sociais e políticas e respondendo às complexidades da vida quotidiana. Dos museus, espera-se que tenham uma vertente educativa crítica e reflexiva, e para tal, o mediador deve incentivar a troca de conhecimentos e debate de valores. Nos últimos tempos, temos vindo a assistir a transformações nas percepções relativas aos papéis dos museus, dando-se assim início à mudança de paradigma. De “museu como um templo” passamos ao “museu como fórum” (Semedo, 2019, p.152), querendo isto dizer que os museus devem atuar “não só como um espaço privilegiado para reencontrar o passado comum mas também como locus cultural que participaria activamente no desenvolvimento da comunidade local” (Semedo, A., 2010, p.68). O

⁵ Alguns autores consideram ter sido o Ashmolean Museum, inaugurado em 1683 na Universidade Oxford, mas este era apenas dirigido a estudantes e especialistas (Ashmolean Museum, s.d.). Outros estudiosos referem o British Museum como o primeiro museu aberto ao público em geral, no entanto apesar da sua inauguração ter sido em 1753 qualquer visitante teria de solicitar a visita, “this meant entry was restricted to well-connected visitors who were given personal tours of the Collections by the Museum’s Trustees and curators” (British Museum, s.d.)

museu deve ser um espaço onde prevalece a diversidade e onde todos possam debater não só questões relacionadas com a história da arte mas com a própria sociedade. O museu deve ser uma zona de contactos, que assente “em processos de intercâmbio e de poder distribuído que não se inscrevem em dinâmicas consensuais e mais conservadoras” (Semedo & Pizarro, 2017, p.8).

Neste sentido, é importante atentar na nova definição de museu, pelo International Council of Museums:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que investiga, coleciona, preserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, fruição, reflexão e troca de conhecimentos (ICOM, 2022).

Quer isto dizer, que um museu tem, acima de tudo, de responder às necessidades da população, onde a preservação das coleções são apenas um meio para tal, não um fim. Passam assim a contribuir para a construção de práticas de significação, e deixam de ser vistos e avaliados unicamente por aquilo que expõem, mas pela forma como expõem e utilizam os seus recursos. De acordo com Semedo, as últimas mudanças levaram ao surgimento de um novo paradigma museológico - o pós museu, que agora se esforça por ser um espaço social acessível e potenciador de alguma reflexão.

Como bem sabemos, os próprios objetos são um prolongamento dos indivíduos, acabando por se relacionar com as identidades individuais e coletivas. A experiência museológica pode facilmente influenciar a identidade de alguém, através da percepção de si mesmo e dos outros (Lavine & Karp, 1991). Assim, facilmente percebemos que os museus não são unicamente espaços expositivos, mas “lugares de interação entre identidades pessoais e coletivas, entre memória e história” (Semedo, 2015, p.10).

Assim, estando a cultura e a identidade fortemente inter-relacionados, e sendo os museus espaços de grande importância a este nível, é fundamental que assumam “uma responsabilidade pública: a de circular ideias, valores, conceitos e mesmo mitos e estereótipos que dizem respeito à nossa forma de pensar e à forma como vemos e entendemos o mundo” (Semedo, 2004, p.6). O museu deve comprometer-se com a sociedade, principalmente com a sua cidade e os seus habitantes, sem esquecer a sua condição geográfica e temporal, e atuando de forma ativa como parte do espaço público. Só assim “podem os museus reforçar o seu papel como centros da vida social e urbana, como lugares de construção da cidade e da cidadania, como lugares não só de interpretação mas de diálogo” (Semedo, 2004, p.7).

Posto isto, devemos nos questionar - de que modo é uma exposição produtora de significados e de que forma molda os seus objetos? Sabemos que os agentes sociais deste contexto moldam-no fortemente, constroem o ambiente físico do próprio museu, definem critérios de seleção e organização das obras, e focam-se numa determinada narrativa. Assim, devemos perguntar - que história nos querem contar? Que identidades são aí representadas?

As narrativas aí construídas não deixam de mostrar ideias dominantes, percepções do espaço e do tempo, da história das nações e dos indivíduos, sempre contadas a partir de determinado ponto de vista. Trata-se de um processo “que reconhece e afirma algumas identidades e omite outras” (Semedo, 2019, p.153). Como sabemos, durante muito tempo os museus apresentaram apenas objetos e informação relativa a indivíduos de uma classe alta. Isto deve-se ao facto destes terem mais facilidade em obter, conservar e documentar materiais mais valiosos ao longo de gerações (Karp & Lavine, 1991). Foi deste modo, que a maioria da população se tornara verdadeiramente invisível. No entanto, nos últimos anos já temos vindo a assistir a uma maior atenção dos mediadores culturais e investigadores no que diz respeito à história e vida social das classes populares, que para tal foram desenvolvendo diferentes técnicas e metodologias.

Voltando às questões anunciadas, e de forma a que sejam respondidas é importante que seja feita uma análise do espaço expositivo, de forma a perceber não só os próprios objetos selecionados, como toda a museografia - disposição no espaço, a posição em relação ao observador, a iluminação, a existência ou não de mobiliário de

apoio, as legendas e outros textos, etc. Antes dos visitantes, são os agentes envolvidos, como o curador, o designer, o responsável pelos textos, o orientador de visitas, etc. que moldam a exposição. “Exhibitions are inevitably organized on the basis of assumptions about the intentions of the objects’ producers, the cultural skills and qualifications of the audience, the claims to authoritativeness made by the exhibition, and judgments of the aesthetic merit or authenticity” (Karp & Lavine, 1991, p.12).

O museu não comunica unicamente pelas peças que expõe, mas pela forma como as expõe, pela forma como escreve, pela forma como conjuga outros elementos como a imagem, o som e o cheiro, e pela forma como organiza o próprio espaço. “As exposições são formações discursivas, multimodais e multissensoriais” (Semedo, 2015, p.3). O modo como flui a própria visita é também de grande importância, com isto quero dizer que deve também ser analisada a trajetória e acessibilidade do espaço. Como se encontra organizada a exposição? Estará a narrativa apresentada de forma cronológica? Temática? Ou respondendo unicamente a preocupações estéticas? Ao analisarmos estes diferentes aspetos, devemos ter ainda em atenção questões de poder, e conseguir responder à questão - quem é aqui representado e para quem? Quem selecionou os objetos? Quem pensou a sua apresentação? São várias as decisões e intervenções que culminam numa exposição. Ao pensarmos sobre estas questões conseguimos perceber as práticas museológicas, tanto a nível estético como ideológico e ainda político.

Ao notar nos elementos textuais utilizados de apoio aos objetos para construção de uma narrativa, temos de ter presente que estes podem ser um entrave à relação do visitante com o objeto, podendo causar algum distanciamento. A autoridade e profundidade exigida, ou tomada como exigida pelos agentes envolvidos na redação destes elementos resultam muitas vezes em textos demasiado académicos de vocabulário complexo, pouco acessível aos vários públicos. São várias as instituições que continuam a prezar por um conhecimento autoritário, insistindo assim numa certa distinção e criando grandes obstáculos à sua interpretação. Alguns autores como Svetlana Alpers defendem que a informação sobre os objetos deve ser reduzida ao máximo, dado que esta pode ser bastante intimidante para o visitante (Karp & Lavine, 1991). Ainda assim, Karp e Lavine chamam a atenção para o facto de que, por vezes, os visitantes interessam-se pela autoridade dos museus, podendo perder o interesse se

essa autoridade for posta em causa (1991). De um museu, espera-se que construa e exponha informação credível, estando responsável por garantir a autenticidade dos dados através da sua cuidadosa validação. Foucault estabelece uma forte relação entre o poder e o conhecimento vendo o museu como um espaço de exclusão controlado pelo Estado, no entanto, Andrea Witcomb considera que esta abordagem não se estabelece de forma tão simples, argumentando que a realidade museológica é bastante mais complexa. Já Giddens tem uma visão mais positiva do poder, considerando-o como a capacidade de intervir de maneira transformadora (Semedo & Pizarro, 2017, p.5).

Como sabemos, estas exposições podem ser construídas de diferentes modos e representando diversas perspetivas, enquadrando-se em um dos seguintes modelos - como uma forma de expor objetos, ou como uma forma de contar uma história. Facilmente, compreendemos como uma abordagem focada numa ideia que possa ser discutida e não unicamente interessada no próprio objeto artístico será, à partida, uma experiência mais fluída e bastante mais enriquecedora para os indivíduos. Crew e Smith, salientam que as exposições que se centram nos objetos acabam por limitar a discussão (Karp & Lavine, 1991, p.168), devendo estas aproveitar para partilhar investigações de diferentes estudantes e profissionais. Como escreve Karp, a grande maioria considera não ser possível construir uma exposição sem que esta tenha traços de ambos os modelos. Ainda relativamente à narrativa construída, Henrietta Lidchi salienta o carácter poético e político que esta pode possuir⁶. Noutra linha, James Clifford descreve o museu como uma “zona de contacto”, onde se dá um cruzamento de diferentes culturas e comunidades que acabam por interagir e se influenciar umas às outras.

Marstine também chama a atenção para o modo como os museus refletem os valores daqueles que neles trabalham, alertando para a necessidade de se desconstruir o conhecimento existente e os modos de fazer habituais. Como observadores, temos de estar atentos ao que os museus dizem mas também ao que não dizem. A autora

⁶ Relativamente ao carácter poético, a autora descreve-o como “the practice of producing meaning through the internal ordering and conjugation of the separate but related components of an exhibition” (Lidchi, 1997, p.168). Já o carácter político encontra-se relacionado com o papel do museu na produção de conhecimento social, sendo que como escreve Semedo, expor é sempre um ato político (Semedo, 2015).

escreve ainda que o novo museu não é monolítico, mas que abrange muitos pontos de vista. A mesma relaciona este passo na museologia com o questionamento dos artistas do movimento dada ou surrealista, que perceberam que para transformar a arte era também necessário transformar o próprio espaço, acabando assim por contestar a autoridade museológica. Considera ainda que toda a representação é política, e que a aura e a autenticidade são construções sociais inadequadas e irrelevantes na atualidade (Marstine, 2006, p.6).

Ao abordarmos os desafios que se colocam à curadoria, importa ter em mente que algumas tensões e desafios se colocam dentro das próprias instituições, sejam elas por motivos financeiros, práticos ou intelectuais. Os profissionais envolvidos numa exposição podem ter diferentes perspectivas e interesses, o que pode dificultar a consistência do trabalho de um museu.

As questões que se têm levantado nos últimos anos pelos diferentes profissionais e académicos são também elas mesmas representativas de uma mudança social, reveladoras das expectativas que se tem vindo a ter relativamente a estas instituições. Estas questões que surgem relativamente à curadoria, estabelecem-se na medida que se vão desenvolvendo cada vez mais projetos de mediação numa tentativa de envolvimento com novos públicos.

Voltando às missões dos museus, é também fundamental que estes promovam a inclusão social, tanto a nível individual como comunitário e ainda societal (Semedo, 2004). A relação com os museus pode contribuir para o bem estar dos indivíduos, fortalecendo principalmente a auto-estima e a criatividade. Para além disso, é através da representação de comunidades que promovem a inclusão, a diversidade e o respeito pelo outro.

Tal como Alice Semedo, acredito que os museus não devem ser “meros repositórios de informação” (2019, p.158). Estando ao serviço da sociedade, estes devem preocupar-se em trazer para debate público assuntos relevantes tendo em conta o contexto em que se encontram, potenciando assim o envolvimento dos seus visitantes através da reflexão e do diálogo. Macdonald chama a atenção para o papel do museu como instituição que deve, não só disponibilizar conhecimento à população, mas incentivá-la a querer descobrir mais (1992, p.162). Quer isto dizer que os museus não devem apenas oferecer os seus recursos (coleções, investigações, etc.) mas

transformar os seus espaços em zonas de contacto, onde os públicos possam discutir a contemporaneidade (Semedo, 2019, p.158). Novas formas de apresentar objetos devem ser pensadas. O tratamento do objeto não deve cair apenas na sua proveniência, deve transportar-nos para alguma narrativa que nos leve ao questionamento de problemáticas dos dias de hoje, devendo o mediador estimular o pensamento e reflexão do visitante.

Karp e Kratz dão um passo em frente com o conceito de museu interrogativo. Segundo os mesmos o museu deve “expor o problema, não a solução” (Como citado por Semedo, 2019, p.159). As narrativas das exposições devem sempre incentivar à reflexão e discussão, sendo assim apresentada uma narrativa que possibilite uma multiplicidade de interpretações e perspectivas. Para além disso, devem abrir caminho para a discussão dos desafios que surgem às minorias sociais e para tratar outras desigualdades. “O museu crítico deve ter um papel ativo, encorajando o público a compreender a complexidade do mundo atual e a reconhecer o significado da memória e do passado para o desenvolvimento da sociedade civil transnacional (cosmopolita) e diversa” (Como citado por Semedo, 2019, p.160). Como defende a autora, o “museu crítico, interrogativo, performativo, ativista, ético posiciona-se perante questões relacionadas com os direitos humanos e a dimensão ética do ser humano ultrapassando narrativas binárias e assumindo um posicionamento de disponibilidade radical” (Semedo, 2019, p.160).

No fundo, o que temos vindo a assistir no novo paradigma museológico é uma tendência para a valorização da liberdade dos museus na construção das suas coleções e exposições, alargando assim as suas abordagens e contando novas histórias. “A desvalorização pós-moderna das metanarrativas autorizou diversas histórias, deslegitimando versões eurocêntricas, masculinas, etc., promovendo a exploração de narrativas múltiplas” (Semedo, 2006, p.3). Agora, aqueles que eram outrora excluídos, passam a ser também representados no museu, aliás, passam também a agir ativamente. Assim, para o envolvimento com outros públicos, é o próprio museu que tem que juntar esforços, passando a interagir com as comunidades e estimulando a participação de todos. Só assim é que este passa a ser um lugar inclusivo que fomenta a diversidade. Como escreve Dewey, ao definirmos a sociedade e o próprio museu como democrático, este tem de incorporar esses mesmos valores nas suas práticas e

estimular a sociedade para tal. Isto é, tem de incentivar à participação os vários indivíduos, de forma a que sobressaíam diferentes visões e diferentes vozes (Semedo, 2013).

Quer isto dizer que os museus têm de passar por uma ampla transformação, reimaginando-se agora com novas responsabilidades para com os diferentes públicos. Para tal, os mediadores devem debruçar-se sobre quais os valores que querem passar, devem repensar o vocabulário que utilizam e pensar como dar a conhecer determinada história de forma a que cada indivíduo se possa apropriar da mesma, de forma livre e democrática. A preocupação do mediador deve ser sempre que os objetos, significados e narrativas estejam acessíveis a todos os públicos, devendo assim trabalhar para criar pontes e decodificar símbolos. Desse modo, os museus poderão criar novos canais que potenciem a construção da identidade não só pessoal como social, contribuindo para a inclusão e ainda para a memória coletiva. “Como o museu crítico reclama, os museus respondem ‘à vida lá fora’, explorando objetivos sociais e envolvendo-se ativamente com os mais diversos setores da comunidade” (Semedo, 2019, p.161). Ainda assim, importa deixar claro que o próprio conceito de educação deve sofrer alterações, onde as preocupações devem passar não só por tornar o conhecimento teórico acessível mas por multiplicar o acesso à criação cultural.

Parecendo haver uma mudança em curso, a população que vive com algum tipo de deficiência tem vindo aumentar nos últimos anos, o que está intimamente relacionado com o envelhecimento da população, com o aparecimento de novas doenças e com o aumento de acidentes, esperando-se que esta tendência continue. (Mesquita & Carneiro, 2012). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, “mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo convivem com alguma forma de deficiência, dentre os quais cerca de 200 milhões experimentam dificuldades funcionais consideráveis” (World Health Organization, 2011, p.xi).

De acordo com Semedo, este grupo populacional “raramente é compreendido como minoria social, com uma cultura particular e identidade coletiva, contrariamente ao que acontece com outros grupos, como por exemplo, em termos de género, sexualidade e etnia, que têm assistido ao reconhecimento social da sua identidade” (Semedo, 2017, p.44). Contudo, não deixam de ser alvos de exclusão e opressão. A inclusão de todos deve ser uma das principais preocupações nos museus,

nomeadamente dos indivíduos com deficiências. Assim, facilmente percebemos a necessidade de eliminar não só as barreiras físicas, mas também as sensoriais e sociais, de forma a possibilitarmos a integração dos mesmos. Alguns autores chamam a atenção para o facto da deficiência ser uma característica da pessoa mas a incapacidade ser consequência da sua dificuldade em interagir com a sociedade com autonomia, devendo-se isso ao facto da sociedade não proporcionar condições para tal (Baptista, 2019). Não temos dúvidas de que a participação destes públicos nos museus são um desafio para os mesmos, e portanto, estas instituições devem implementar estratégias que incentivem e possibilitem a participação dos mesmos. O que é conseguido através da acessibilidade do espaço e da informação, devendo esta estar disponível em vários formatos (visual, tátil e áudio) (Baptista, 2019).

É também importante abrir espaço para diálogos sobre a deficiência e os problemas com que estes se deparam socialmente, onde os mesmos possam partilhar as suas perspetivas e/ou histórias de vida. Os serviços educativos tornam-se responsáveis por gerar discussões em torno destes temas, alertando a população para a exclusão destes indivíduos e procurando assim potenciar uma mudança de atitudes por parte de todos. Os museus devem dar visibilidade ao modo como o imaginário se transforma em estereótipos e preconceitos e demonstrar como os indivíduos com deficiência são excluídos da sociedade, como ponto de partida para uma transformação a este nível.

Para além disso, estes deviam poder observar nas coleções museológicas indivíduos que vivam a mesma luta e situações com que se deparam no dia-a-dia. “Essas representações têm, assim, impacto na diluição de práticas discriminatórias perante a incapacidade, mais do que a abolição das barreiras físicas” (Roque & Semedo, 2017, p.45). É desta forma que contribuem para a visibilidade dos indivíduos com deficiência e para a sensibilização e compreensão desta por parte de outros públicos.

Através de outros estudos, sabemos que os vários museus da DGPC têm alguns objetos relacionados com a deficiência, apresentando estes múltiplos significados. Contudo, de acordo com Alice Semedo, a maioria apresenta uma visão negativa sobre as mesmas, que não considera de nenhuma forma a sua realidade nem trata as dificuldades sociais sentidas pelos mesmos. Sabemos que estas representações e

mensagens implícitas têm um forte impacto nos indivíduos com deficiência, seja de forma direta ou indireta. “As mensagens implícitas nas representações da deficiência acabam por gerar efeitos práticos na realidade da vida das pessoas com deficiência, nomeadamente, no modo como as políticas públicas, económicas e sociais se desenvolvem” (Roque & Semedo, 2017, p.52). Para além disso, não conseguiram identificar nas diferentes coleções nenhum artista com alguma deficiência, o que nos mostra que estes indivíduos têm sido também afastados da criação (Roque & Semedo, 2017). A importância dos museus serem espaços inclusivos prende-se com a necessidade destes valorizarem a diversidade e contribuírem para o desenvolvimento de todos os indivíduos. Neste caso, a abordagem à representação da deficiência faz parte do seu compromisso com a sociedade, na luta por uma sociedade mais inclusiva, podendo assim promover novas formas de pensar a deficiência.

Através do estudo de Filipe Batista, onde o mesmo inquiriu indivíduos com deficiência visual com o objetivo de perceber quais as motivações que os leva a frequentar, ou não, os museus da cidade do Porto, verificamos que a baixa afluência destes públicos se deve ao facto de não sentirem que estas instituições se encontram adaptados para os receberem, seguindo-se as dificuldades sentidas para se orientarem até às instalações. Quando inquiridos sobre quais as barreiras que dificultavam a visita, a falta de possibilidade de toque nas obras foi a opção mais assinalada, seguindo-se a falta de formação dos técnicos para trabalhar com estes públicos (Batista, 2019).

O número reduzido de visitantes com deficiência em museus raramente é uma preocupação das instituições, justificando as mesmas que é por esse mesmo motivo que não direcionam parte do orçamento para essa acessibilidade. No entanto, é mesmo por isso que estes públicos se mantêm afastados. Defendemos que a sociedade se deve adaptar às necessidades destes indivíduos que se encontram numa posição desigualitária e que estas entidades têm a responsabilidade de ser um espaço para todos.

Contrariamente à realidade nacional, temos vindo a assistir cada vez mais, nos museus americanos e mesmo europeus, ao desenvolvimento de programas inclusivos pensados para estes públicos. Nos Estados Unidos, museus como o Museu of Modern Art (MoMA), o Metropolitan Museum of Art (MET) e o Whitney Museum of American Art têm implementado diversas atividades para públicos com deficiências visuais,

auditivas, cognitivas e motoras. Estes programas incluem visitas orientadas com tradução em linguagem gestual, descrições verbais das obras, experiências multisensoriais e oficinas criativas, muitas vezes realizadas fora do horário regular de funcionamento de forma a se proporcionar um ambiente mais tranquilo. Além disso, disponibilizam recursos como mapas acessíveis (anexo 2) e audioguias gratuitos.

Na Europa, instituições como o British Museum, o Louvre e o Rijksmuseum seguem a mesma linha de trabalho, oferecendo também programas acessíveis e visitas adaptadas a diversos públicos. Estes museus fornecem ainda audioguias, informação em braille, atividades táteis e visitas dirigidas a públicos neurodivergentes ou com mobilidade reduzida. As entradas são geralmente gratuitas ou com preços reduzidos, não só para estes públicos como para os seus acompanhantes.

Em Portugal, museus como a Fundação Dr. António de Cupertino Miranda - Museu da Moeda, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu do Azulejo têm mostrado alguma preocupação com a inclusão, oferecendo programas específicos para visitantes com diversas necessidades, seja através de audioguias, linguagem gestual ou exposições que promovam a interação tátil. Ainda assim, esta mudança de comportamentos não foi visível na construção de programação para públicos neurodivergentes ou públicos com demência ou Alzheimer, por exemplo.

Feita uma análise das diversas atividades e recursos disponibilizados pelas diversas instituições, remeto essa informação mais detalhada para os anexos (anexo 3).

A falta de informação para indivíduos com deficiência visual é uma grande barreira, tornando-se a visita numa experiência muito frustrante. A informação em vários formatos e vários níveis devem estar sempre disponíveis, de forma a adaptarem-se aos diferentes públicos. Ainda assim, esta não se mostra suficiente para indivíduos com limitações visuais, devendo os museus oferecer atividades táteis, seja nas obras, réplicas, maquetes ou placas com relevo. A existência de ambientes sonoros poderá também ser muito eficiente para uma melhor experiência para o visitante. Momentos de criação devem também ser programados para estes públicos, tal como momentos de discussão e partilha.

Os públicos com deficiências motoras são também muitas vezes esquecidos, e desse modo, as instalações acabam por ter obstáculos à mobilidade dos mesmos. Em alguns casos, o próprio design da exposição impede a observação de algumas peças e a

leitura das legendas por parte de indivíduos que se encontram de cadeira de rodas. Já no caso de públicos com dificuldades neurológicas, sabemos que, muitas vezes, se torna complicado visitar um museu, dado a grande afluência e os variados estímulos que isso pode causar. Posto isto, perante uma exposição devemos interrogar-nos - Para quem é pensada esta exposição? Que fronteiras desenham os museus? E que exclusões?

Outra questão importante de abordar quando falamos sobre museus, é como temos vindo a assistir, na contemporaneidade, à flexibilização do espaço. Os museus para além de apresentarem as suas coleções, são, de uma forma geral, uma arquitetura chamativa, e passam agora a ser lugares mais fluídos que possuem também cafetarias, restaurantes, lojas e bibliotecas. Quer isto dizer que os indivíduos são agora livres de personalizar as suas visitas aos museus. “Hoje testemunhamos uma enorme mudança cultural. Metamorfoses em estruturas sociais, alianças culturais e identidades pessoais aliam-se a mudanças na natureza, controle e funções do conhecimento” (Semedo, 2006, p.5). Percebemos assim que é importante pensar na experiência museológica na sua totalidade, não se tratando apenas de dar atenção ao objeto. Uma ida ao museu pode ser motivada pela vontade de conhecer, pela vontade de viajar no tempo, ou de conhecer outras culturas, mas também pela procura de um momento de relaxamento. E para tal, outros espaços como jardins, cafetarias, restaurantes, e bibliotecas podem fazer toda a diferença.

Por fim, os museus, enquanto instituições culturais têm como responsabilidade educar os públicos, e portanto a produção de catálogos deve ser também uma das suas preocupações. A venda dos mesmos e de merchandise podem e devem atuar como fontes de receita, para além de contribuírem para a divulgação do museu.

Feito um enquadramento teórico sobre diferentes aspetos e dinâmicas que moldam o mundo da arte, importa partir para o objeto de estudo desta investigação, o MNSR, agora com outro olhar mais crítico. De que forma vai ou não o MNSR de encontro às tendências observadas? De que forma se constrói? De que forma se abre aos públicos? Tratar-se-à de um museu fórum? De um museu interrogativo? De um museu acessível e inclusivo?

Capítulo 2- Estágio curricular

2.1 Caraterização da instituição

Foi em 1833 que D. Pedro IV fundou o primeiro museu de arte público no país, o Museu Portuense de Pinturas e Estampas, no momento situado no Convento de Santo António da Cidade. Em 1839, a tutela do mesmo passa para a Academia Portuense de Belas Artes, estabelecendo-se assim uma forte relação entre a instituição e o ensino. Mais tarde, em 1911, dá-se a transformação do nome do museu em homenagem ao escultor portuense, tendo se tornado vinte e um anos depois Museu Nacional (Neves, Lima, Santos e Pereira, 2018).

Em 1942, o museu é inaugurado no Palácio dos Carrancas, na Rua de D. Manuel II, número 44 na cidade do Porto, depois de cinco anos de obras para adaptação do espaço de acordo com as necessidades museológicas. Um edifício que faz parte da malha urbana da cidade do Porto desde finais do século XVIII, traçado pelo arquiteto Joaquim da Costa Lima Sampaio aquando do pedido da família Moraes e Castro, não só para residência da família mas também para instalação da Fábrica de Galões de Ouro e Prata (Castro, 2011, p.11).

Mais tarde, depois da família Moraes e Castro ter acolhido D. Pedro IV durante o Cerco do Porto, e devido a um declínio financeiro, os mesmos viram se forçados a colocar à venda o Palácio, acabando por ser comprado por D. Pedro V. Foi deste modo, que o edifício passou a ser o local de estadia da família real durante as visitas ao Porto.

Já no século XX, mais precisamente em 1932, com a morte de D. Manuel II, o edifício foi doado à Santa Casa da Misericórdia do Porto. Posteriormente, o mesmo passa a património do Estado, incorporando as coleções do Museu Soares dos Reis. Importa ainda referir que em 1940 nasce uma associação cultural sem fins lucrativos e com estatuto de entidade pública, que centra a sua atividade no apoio ao Museu. São os Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis, denominados de Círculo Dr. José de Figueiredo (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.).

Alguns anos depois, em 1952 foi fundada a Casa Museu Fernando de Castro, que desde início depende administrativamente do MNSR.

Ao longo do tempo, o acervo do museu foi crescendo com doações e outras aquisições, apresentando coleções de pintura e escultura mas também de ourivesaria da Mitra do Porto, cerâmica do Museu Comercial e Industrial do Porto, artes decorativas, lapidaria, arqueologia e numismática do Museu Municipal do Porto (Castro, 2011, p.12).

O edifício foi sendo alvo de várias atitudes de valorização arquitetónica, contando com uma série de intervenções. Nos anos 90, o museu sofreu uma obra de requalificação e ampliação⁷, com um projeto de Fernando Távora graças à grande intervenção em equipamentos culturais pelo programa Porto - Capital Europeia da Cultura (Porto., 2023).

Mais tarde, em 2019, é publicado o anúncio para a remodelação dos espaços por concurso público, tendo sido encerrada a exposição permanente desde Agosto desse ano.

A 24 de Novembro de 2022, na semana em que dei início a este estágio, o MNSR inaugurava a exposição temporária *Vida e Segredo - Aurélia de Souza*, que se encontrou patente até 21 de Maio de 2023.

Foi três anos depois desde o encerramento parcial, a 13 de Abril de 2023 que o MNSR reabriu finalmente a exposição de longa duração.

O MNSR encontra-se aberto ao público de terça-feira a domingo, entre as 10h e as 18h sendo a última entrada até às 17h30, encerrando apenas à segunda-feira e nos principais feriados nacionais e municipais. De momento, o bilhete para a exposição de longa duração tem o valor de 8 euros e os bilhetes de jovem (13-24 anos) e sénior (idade igual ou superior a 65 anos) têm o valor de 4 euros. Crianças até aos 12 anos não pagam a entrada no Museu.

Quanto à acessibilidade física, o Museu encontra-se bem situado, próximo de rede de transportes da SCTP e com vários parques de estacionamento nas imediações, sendo que o próprio Museu não possui parque de estacionamento aberto ao público.

⁷ Obra que permitiu a recuperação do edifício principal e a construção da nova galeria de exposições temporárias, de novas áreas de depósitos, do auditório, de um Serviço Educativo e de uma cafetaria, tal como a remodelação da loja e recuperação dos jardins, abrindo assim ao público em 2001. Neste momento, foram também alvo de intervenções as casas anexas, onde passaram a estar localizados os serviços administrativos e a biblioteca, com ligação ao edifício principal (Neves, Lima, Santos e Pereira, 2018)

Relativamente ao interior, é de salientar que possui elevadores que permitem o acesso a todos os pisos, rampas de acesso aos diferentes espaços, escadas com corrimão, bancos de cartão ao longo do circuito da exposição e cadeira de rodas disponível, de forma a dispor das condições necessárias para públicos com necessidades motoras.

No que diz respeito a publicações por parte do Museu, o mesmo dispõe de catálogos relativos às suas exposições, porém, não disponibiliza qualquer folheto ou guia físico. Para além disso, não possui audio-guias nem qualquer informação em braille. Como tal, também não integra qualquer serviço relacionado com as TIC, como Wi-Fi ou ecrãs interativos.

Relativamente aos meios de comunicação utilizados pela instituição, esta recorre ao seu website, ao Facebook, ao Instagram, à newsletter por correio eletrónico, aos grandes pendões presentes na fachada e à imprensa.

Já no que diz respeito à sua missão, o MNSR “pretende ser um espaço plural, de partilha de identidade e pertença através da arte e cultura, promovendo a reflexão, a criatividade e o pensamento crítico contemporâneo partindo das coleções que guarda, conserva, investiga e comunica” (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.). Enquanto estrutura cultural, considera-se um “Museu de Pessoas, por Pessoas para Pessoas” (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.)⁸.

2.2 O Serviço Educativo

O SE surge no MNSR em 1961, sob a direção de Manuel de Figueiredo. Localizado na zona poente do edifício, foi com a remodelação e ampliação finalizada em 2001 que o Museu passou a integrar salas destinadas unicamente para a educação (Sousa, 2022).

Afigura-se pertinente frisar que o SE tem um trabalho contínuo, tendo como preocupação constante “proporcionar espaços de mediação criadores de

⁸ Para além disso, o Museu deixa claro que enquanto instituição deve: pensar o global e agir a partir do local; procurar integrar o pensamento contemporâneo, proceder a novas leituras dos seus acervos e promover a discussão ideológica; constituir-se como um centro de referência de conhecimento no domínio da arte, não só em Portugal como também no estrangeiro; ser um ponto modal no país no que diz respeito à educação, à promoção da igualdade e no debate de temas políticos, sociais e culturais, procurando atrair novos públicos e tornando-se um polo de democracia cultural; promover a sua coleção de forma inovadora e conseguir atrair novos públicos e caminhar em direção a uma sustentabilidade patrimonial e financeira (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.)

aprendizagem, vivências e memórias” (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.). O seu trabalho passa por oferecer experiências e contribuir para um enriquecimento cultural de diferentes públicos, estimulando assim o pensamento (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.). Através das suas obras, o MNSR esforça-se para que o visitante observe, pense e seja capaz de imaginar e usar os seus cinco sentidos.

Foi no dia da inauguração da exposição de longa duração, a 13 de Abril de 2023 que o website do Museu voltou a estar disponível. No mesmo, encontramos vários materiais, incluindo catálogos com as programações disponíveis e roteiros. Feita uma análise desses conteúdos e de outras atividades desenvolvidas pelo SE, remeto a mesma para os anexos (anexo 4).

Com a sua programação, o SE pretende abrir espaços que permitam: construir conhecimento e entendimento; adquirir competências; desenvolver atitudes e valores; manifestar ação, comportamento e desenvolvimento; sentir satisfação, inspiração e criatividade (Museu Nacional Soares dos Reis, s.d.).

Relativamente à equipa, aquando da minha entrada no Museu, esta era apenas constituída por três elementos - a Dra. Paula Azeredo, o Dr. Jorge Coutinho e a Dra. Adelaide Carvalho, sendo que esta última não trabalhava exclusivamente para este serviço. No fundo, a Dra. Paula Azeredo é a responsável pelas visitas orientadas, com um grande apoio da Dra. Adelaide Carvalho, responsável pela comunicação entre os visitantes e agendamento das visitas. Ainda assim, as visitas orientadas são também realizadas por outros técnicos do museu, nomeadamente responsáveis pelas coleções, quando o objetivo é abordar determinadas temáticas. O Dr. Jorge Coutinho é o responsável pelas oficinas, é quem as organiza e geralmente as orienta, com o apoio da Dra. Paula e quando necessário, da Dra. Adelaide. Ao aproximar-nos da data da inauguração da exposição de longa duração, o SE ganhou mais um elemento - a Dra. Liliana Aguiar, também encarregue das visitas orientadas.

2.3 Objetivos do estágio

Como sublinhei anteriormente, o objetivo deste estágio prende-se com a avaliação do SE, tendo sido uma necessidade revelada pelo Diretor da instituição, e que é na verdade da maior relevância. Para tal, tinha como primeiro objetivo criar um

conjunto de indicadores capazes de analisar e avaliar as atividades do SE, para posteriormente selecionar as melhores técnicas para proceder a tal avaliação. Podemos ainda dizer que este trabalho tem como objetivo final a criação de linhas orientadoras e recomendações para a instituição.

2.4 Papel do sociólogo

Revelando-se a sociologia uma área multívoca, onde a formação recebida leva a um desenvolvimento de estratégias plurais e de caminhos diversos no mercado de trabalho, há por vezes, uma tendência para a sua descredibilização, restando algumas dúvidas relativamente ao valor do sociólogo. No entanto, com um olhar mais atento, percebemos que o sociólogo se revela diferenciador em diferentes contextos pelas suas capacidades metodológicas. O sociólogo destaca-se pela sua capacidade de problematização teórica, através da discussão sistemática, através da reflexão das dinâmicas e transformações sociais e pela sua facilidade em operacionalizar conceitos e mobilizar teorias. Acabam por ter mais facilidade em identificar virtudes e fragilidades em diversos contextos. No fundo, têm um olhar atento, reparando em elementos que não saltam à vista de outros, sabendo depois como colocar em prática diferentes técnicas de análise e como mobilizar conceitos e teorias, sempre sob uma grande vigilância epistemológica.

Como escreve Burawoy, foi “a paixão original pela justiça social, igualdade económica, direitos humanos, meio ambiente sustentável, liberdade política, ou simplesmente um mundo melhor, que atraiu tantos de nós à sociologia” (Burawoy, 2006, p.12). Quer isto dizer, que o enveredar pela sociologia é um caminho feito com paixão e dedicação, com o desejo de contribuir para um mundo melhor, acabando os sociólogos por percorrer bons caminhos, valorizando o seu trabalho e por sua vez, sendo dessa forma valorizados. Quando a sociologia nasceu não havia qualquer audiência, não havia padrões ou clientes. Na verdade, foi fortemente atropelada por forças políticas, sendo a realidade portuguesa um exemplo disso, sendo notório o seu atraso no Estado Novo, regime político marcado pela repressão de direitos e liberdade, onde o próprio sistema de ensino foi alvo de grande vigilância e repressão.

No contexto museológico, a presença do sociólogo deve também ser desejada. Com uma maior facilidade na análise e avaliação de toda a comunicação do museu, o sociólogo trabalha para um museu para todos, um museu mais inclusivo, diversificado e sustentável. No caso concreto do MNSR um sociólogo pode ser aquele que procura identificar virtudes que possam ser melhoradas, potencialidades que possam abrir novos caminhos, falhas que possam ser resolvidas e dificuldades que possam ser trabalhadas. Pode ser aquele que procura traçar novas soluções, que procura adaptar a comunicação para que seja acessível a todos os públicos. Pode ser aquele que ausculta a cidade, que estuda as necessidades desses públicos e que transforma dessa forma o panorama cultural.

Capítulo 3 - Metodologia

Os principais objetivos do estágio curricular foram acompanhar o SE do MNSR, de forma a proceder à sua avaliação e dessa forma traçar algumas recomendações para as próximas exposições do museu. Logo de início, fui apresentada a grande parte da equipa do museu, tendo aproveitado para partilhar quem eu era e explicar a minha presença. Apesar do meu trabalho se focar no SE, estabeleci contacto com outros técnicos, nomeadamente responsáveis pelas coleções e pela comunicação e ainda com outros trabalhadores encarregues da assistência de sala e bilheteira. Toda a equipa foi muito acolhedora, tendo-me recebido com entusiasmo e partilhado bastante informação que considerassem relevante para o meu estudo.

Ao longo de vários meses estive presente em bastantes visitas e tive a oportunidade de dar a minha ajuda nas oficinas⁹ e de contribuir para a discussão e reflexão de atividades passadas e futuras (desde reuniões com diferentes elementos a simples conversas sobre o que resultou e o que falhou, ou sobre o que poderia vir a resultar ou a falhar).

Para este trabalho, e de forma a cumprir com os objetivos traçados, recorri a uma abordagem teórico-empírica. A revisão da literatura deu início numa fase exploratória, antes de colocar os pés no terreno. Dando início às leituras sobre cultura

⁹ Através da preparação e escolha de imagens, da impressão, de recortes, colagens, preparação de material de desenho e sua disposição, apoio a crianças no decorrer da oficina, etc.

e contextos museológicos, as mesmas prolongaram-se ao longo do estágio, andando a prática e a teoria sempre de mãos dadas. Foram estas leituras que me possibilitaram um olhar mais atento no terreno, tal como uma maior confiança ao abordar variados temas com os técnicos da instituição. À medida que a observação participante ia acontecendo, a leitura permitia o cruzamento do observado com a teoria.

Outro dos meus objetivos era perceber se o MNSR é um museu que se insere no novo paradigma museológico, isto é, se responde às exigência do que é ser um museu de acordo com as novas diretrizes do International Council of Museums (2022). Questões como estas pautaram esta investigação: O MNSR é um museu inclusivo? Promove a diversidade? Promove a sustentabilidade? Incentiva à participação das comunidades e à troca de conhecimentos? Para isso, a presença no terreno foi crucial, onde a observação participante me permitia perceber o que era exposto, de que forma era exposto e como essas temáticas eram tratadas pelos orientadores. Ao longo do estágio estive sempre acompanhada pelo meu diário de campo, uma ferramenta de trabalho realmente importante, onde para além de anotar o meu horário de chegada e saída, respondia a uma grelha de observação elaborada previamente (anexo 5). Neste diário anotava ainda algumas reflexões relativas a potencialidades e fragilidades com que me ia deparando e questões que iam surgindo, tal como dificuldades que eu mesma ia sentindo. Todos os dias transcrevia estas anotações para word no computador, para uma mais fácil leitura e articulação da informação.

Para além disso, recorri muitas vezes ao meu telemóvel para fotografar as atividades que iam decorrendo, tornando-se a fotografia uma especial “ferramenta de análise social” (Ferro, 2005, p.374). Claro será que sempre com permissão para o fazer e para o integrar neste mesmo relatório. Para tal, elaborei um consentimento informado para a recolha das mesmas, entregue ao Diretor do MNSR (anexo 6). Como explica Lígia Ferro e uma série de outros autores, é trabalho do sociólogo saber ler, escrever, mas também ver. Apesar desta ser uma técnica pouco utilizada, a fotografia mostra-se uma ferramenta de grande importância, dado que “muitas categorias sociológicas são baseadas em fenómenos observáveis e, na verdade, muitos destes fenómenos podem ser melhor compreendidos se forem fixados em imagens

fotográficas do que apresentados por escrito num caderno de campo” (Como citado por Queirós e Rodrigues, 2006, p.7).

Posso dizer que a presença no terreno foi crucial, não apenas para compreender as dinâmicas do museu mas para ter uma melhor percepção das necessidades dos diversos públicos. Para além disso, contribuiu também para uma melhor gestão na criação de indicadores adequados à avaliação do SE. Inicialmente, tinha algum receio que a minha presença enquanto elemento exterior pudesse afetar o comportamento dos agentes sociais e assim afetar também a investigação. Mas com o tempo rapidamente me apercebi de que os técnicos estavam entusiasmados com a minha presença, que para os visitantes mais novos eu era mais uma estudante, tal como eles, e para os visitantes mais velhos, este ato do museu dar as mãos à universidade era parte da nova faceta da instituição. Pareceu-me que foi visto por parte de todos com bons olhos.

Importa ainda referir que durante o estágio depositava uma grande atenção nas redes sociais do Museu, de forma a perceber a influência deste na afluência dos públicos, dado que por vezes, algumas atividades chegavam a ser canceladas pela falta de inscrições.

Ainda assim, tendo em conta o objetivo deste estudo, a observação participante não se revelava suficiente, vendo-me forçada a conciliar uma metodologia qualitativa a uma metodologia quantitativa. Saliento que não devemos em investigação nenhuma prender-nos a um método de trabalho, mas sim pensar sempre, ao longo de todo o processo, qual o melhor caminho a percorrer, tornando-se fundamental, na maior parte dos casos, a complementaridade de técnicas (Queirós e Rodrigues, 2006).

Num momento em que já compreendia melhor as dinâmicas do Museu parti para a aplicação de inquéritos, tendo solicitado ao Diretor do MNSR autorização para tal (anexo 7). Desse modo, passei à construção dos consentimentos informados para os vários públicos (anexo 8, 9 e 10) e de seguida dei início à construção dos inquéritos¹⁰.

¹⁰ Para tal, procedi à leitura de uma série de inquéritos realizados em Portugal também relacionados com atividades culturais, destacando-se Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses 2020 (Pais, Magalhães & Antunes, 2022), e Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional Soares dos Reis (Neves, Lima, Santos & Pereira, 2018).

Recorri ao inquérito online para os trabalhadores (anexo 11) e ao inquérito presencial para os visitantes (anexo 12).

Ao realizar estes inquéritos, uma das minhas maiores preocupações foi traçar as questões de modo a conseguir o máximo de informação relevante sem estender o questionário em demasia. Pela minha experiência, estes tendem a ser demasiado extensos e por vezes repetitivos. Outra questão que me preocupou, foi que por várias vezes ao responder a inquéritos no passado me deparava com perguntas de escolha múltipla de resposta obrigatória onde nenhuma das opções era para mim verdade, portanto essa foi outra questão que mereceu a minha atenção.

Assim, construí um inquérito online através da plataforma inqueritos.up.pt (LimeSurvey), dirigido aos trabalhadores do MNSR, com o objetivo de fazer uma caracterização sociodemográfica dos trabalhadores e perceber as suas percepções relativamente ao MNSR. O inquérito construído para os visitantes tinha como objetivo apurar as mesmas informações. Neste momento, considerei importante a construção de um inquérito dirigido a visitantes seniores. Este para além de não incluir a secção relativa à situação profissional, tinha um tamanho de letra e espaçamento maior. Ambos os inquéritos eram constituídos por questões de resposta aberta, por questões de resposta sim ou não e por escolha múltipla. Para além disso, construí ainda um outro inquérito reservado às atividades para famílias, com uma secção dirigida às crianças e outra secção dirigida aos seus familiares (anexo 13).

Ao terminarem as atividades, informava os visitantes de que era estudante de Sociologia na FLUP, e que me encontrava a realizar um estágio no MNSR, que passava por acompanhar o SE e fazer uma avaliação do mesmo. Informava ainda que de seguida iria estar na receção do museu, e de que agradeceria se alguém tivesse disponibilidade e vontade para preencher um inquérito muito importante para o meu estudo. Assim, os inquéritos presenciais foram sempre realizados após a atividade, tendo estado presente enquanto os inquiridos respondiam ao inquérito, disposta a tirar qualquer dúvida que surgisse. Os inquéritos eram precedidos de um consentimento informado, onde esclarecia os objetivos do meu estudo e informava que a participação era voluntária, de que podiam desistir a qualquer momento e que a informação recolhida seria utilizada unicamente para os fins deste estudo. Todos os

inquiridos foram participantes de visitas/oficinas e portanto, esta é uma amostra não aleatória. Para uma melhor organização e análise dos dados recorri ao software SPSS. Na leitura dos dados recolhidos nas oficinas em família, optei por fazer uma análise individual e recorrer a nomes fictícios.

Mais tarde, e como era importante para a instituição a avaliação de um projeto realizado fora das suas portas, procedi à realização de uma entrevista coletiva com as educadoras do Centro-Materno Infantil do Norte (CMIN). Este decorreu nas suas instalações, numa Sala de Atividades. Para tal acompanhei-me do meu guião, dos consentimentos informados e com o meu telemóvel procedi à gravação do áudio com a autorização das participantes (anexo 14 e 15).

Posteriormente, considerei importante entrevistar um técnico do SE, de forma a esclarecer algumas fases do seu trabalho (anexo 16 e 17).

Relativamente a dificuldades sentidas ao longo deste trabalho posso salientar que ao terminar a minha presença no terreno de forma um pouco inesperada e tendo retomado com a análise dos dados algum tempo depois, não me encontrava consciente do número de inquéritos que tinha conseguido recolher. Não tendo um número considerável para este estudo, informei o meu orientador e chegamos à conclusão de que o melhor a fazer seria regressar ao terreno e aplicar mais inquéritos. Desse modo, entrei em contacto com o Diretor no mês de Junho, pedindo-lhe autorização para o fazer, sendo que apenas em Agosto me foi dada autorização para o fazer. Aproximando-se a data de entrega, esta etapa final acabou por ser um pouco stressante para mim.

Ao acompanhar o preenchimento dos inquéritos deparei-me com uma falha nos mesmos. Na questão de escolha múltipla sobre habilitações académicas ficou em falta uma opção - sem estudos. Embora os participantes pudessem fornecer essa informação por escrito, esta é uma situação que pode gerar um certo constrangimento e que deveria ter sido evitada.

Posteriormente, a análise de dados demonstrou-se um processo bastante exigente dado que em muitas questões optei por respostas abertas em vez de respostas de escolha múltipla, com receio de limitar os participantes. Apesar de em

muitas delas considerar que optei pelo melhor (apesar de mais complexo para analisar) na pergunta que tinha como objetivo perceber a frequência de visita a museus penso que a resposta aberta não resultou, tendo acabado por recolher várias respostas pouco objetivas.

3.1 Plano de trabalho e tarefas realizadas

Como aludido anteriormente, o estágio curricular estendeu-se de 21 de Novembro de 2022 a 21 de Maio de 2023. Durante esse período decorreu fundamentalmente a observação participante e a revisão da literatura, estendendo-se esta última durante um grande período de tempo, acompanhando a redação do relatório.

Numa primeira fase, nos meses de Novembro e Dezembro dediquei-me ao desenvolvimento da metodologia a utilizar, a pensar e definir quais as melhores técnicas a colocar em prática para a recolha de dados. Neste momento a observação participante e a análise bibliográfica foram ambas cruciais.

Numa segunda fase parti para a aplicação de inquéritos, estendendo-se esta fase de Janeiro a Abril.

Num terceiro momento, passei ao planeamento de uma entrevista coletiva e uma entrevista semi-diretiva individual, realizadas em Junho e Agosto de 2024.

Por fim, passei ao tratamento e análise de dados, focando-me no diário de campo e nos outros dados recolhidos (inquéritos e entrevistas).

A redação do relatório estendeu-se entre Janeiro e Abril de 2023, tendo retomado posteriormente de Fevereiro a Setembro de 2024.

Relativamente ao que tinha planeado, tenho a dizer que este trabalho não decorreu com o ritmo que tinha programado. A verdade é que foi em Maio que recebi uma triste notícia. A minha mãe encontrava-se novamente numa luta contra o cancro, que crescia de uma forma devastadora. A partir desse momento, acompanhei-a a tempo inteiro, não conseguindo dar seguimento a este estudo. Durante os meses de Agosto e Setembro voltei a dedicar algum tempo a este trabalho mas não o suficiente. Com receio de estar a apressá-lo, decidi que o melhor a fazer seria adiar a entrega. Este

foi um trabalho ao qual me dediquei muito e pelo qual senti uma enorme satisfação. Não queria de modo nenhum perder isso. Também a minha família me alertava para isso, dando-me apoio e prestando em mim uma enorme confiança. Sendo uma situação bastante complicada conversei com o meu orientador, ao qual agradeço imenso por me ter apoiado nesta decisão. Era para mim uma grande preocupação não o entregar nas datas estipuladas, pois este não era apenas uma dissertação de Mestrado mas um relatório de estágio, tendo eu responsabilidades a cumprir com a instituição acolhedora. Depois disso, entrei em contacto com o Diretor do Museu, que felizmente também compreendeu a situação.

Foi apenas em Fevereiro, quatro meses depois da minha querida mãe partir, que regressei a este trabalho. Ainda num turbilhão de emoções, com um enorme sentimento de perda e saudade, senti vontade de o fazer, e de o fazer bem, por ela, minha mãe. Ainda assim, e sabendo eu que vivia o momento mais triste e complexo de toda a minha vida, tinha consciência de que era um regresso pausado, que não era nenhuma corrida e que não havia nada que tivesse que ser feito de forma apressada. Para o fazer bem, precisava de estar realmente concentrada e de me dedicar a tempo inteiro, não devendo apressar nem este momento de luta, nem o próprio projeto.

3.2 Avaliação

O desenvolvimento de projetos exige não só o planeamento mas a sua avaliação, que se torna bastante necessária no sentido em que é a via para a identificação de fragilidades e potencialidades em qualquer contexto, fundamental para traçar um novo caminho que procure uma mudança. É deste modo que se analisa o cumprimento, ou não, dos objetivos iniciais, e que se identifica quais os fatores que poderão ter levado a determinadas fragilidades e quais as virtudes que poderão ser trabalhadas. A importância da avaliação prende-se com esta ser indispensável para a boa concretização de um projeto (Capucha, 2008).

É claro que, não havendo uma só forma de o fazer, a avaliação pode ser construída de diversas formas¹¹. É o técnico responsável pela avaliação que seleciona os dados a recolher, qual a melhor forma de o fazer e como os utilizar. No momento em que o avaliador parte para a recolha de dados, este seleciona as melhores técnicas para a situação em questão, sejam estas qualitativas, quantitativas ou mistas¹².

A avaliação pode ser realizada por pessoas externas, geralmente técnicos com mais experiência no campo da avaliação, ou por pessoas internas, que acabam por ter um mais conhecimento do contexto de trabalho. Por um lado, a avaliação interna tende a ser vista como um momento de reflexão, mas ainda assim corre o risco de ser menos objetiva devido ao envolvimento direto da equipa avaliada, podendo acabar por ser enviesada. Alguns autores afirmam que aqui a imparcialidade pode ser mais difícil de conseguir (Cohen & Franco, 2008). Já no caso da avaliação externa, esta, por vezes, acaba por ser vista pela equipa que é avaliada com alguma desconfiança.

Por estes motivos, o importante é que o avaliador seja alguém que de facto se preocupe com a identificação dos problemas e sua solução, alguém que procure uma transformação positiva. Alguém que se esforce por aplicar as melhores técnicas, e que não desvie a atenção de nenhum passo neste estudo.

A avaliação pode ainda ser mista, com um avaliador externo em estreita relação com um ou mais membros do projeto. Outra possibilidade é realizar-se uma avaliação participativa, que conta com a participação do público-alvo do projeto, que pode assim estabelecer quais devem ser as prioridades destes projetos (Cohen & Franco, 2008).

Com foco no estudo de caso aqui apresentado, optei por fazer uma avaliação da cultura organizacional, que tinha como objetivo perceber como o MNSR se organiza, se alcançou os seus objetivos e quais os efeitos dos seus programas nos seus visitantes. Esta foi uma avaliação *ex-post* que decorreu enquanto o projeto se encontrava em

¹¹ A avaliação *ex-ante* ocorre antes do projeto ser executado, tendo como objetivo incidir sobre o próprio planeamento. A avaliação *on-going* é uma avaliação que ocorre ao longo da execução de um projeto, focando-se assim no planeamento, gestão, implementação e resultados, com o objetivo de transformar o projeto enquanto este ainda decorre. Já a avaliação *ex-post* incide sobretudo nos resultados e efeitos, ocorrendo geralmente no fim do projeto. Tem como objetivo perceber se este deve ser ou não continuado, e no caso de ser continuado, se deve sofrer ou não transformações.

¹² Por técnicas quantitativas entendemos a observação, a entrevista, a análise de conteúdo, os registos de ocorrências, os grupos sociais, etc. (Capucha, 2008).

curso. Assim, comecei por um diagnóstico do espaço expositivo e das atividades desenvolvidas pelo SE, de forma a serem detetadas algumas possíveis fragilidades. Só depois de alguma observação e de conhecer melhor o contexto em que me encontrava é que parti para a recolha de outros dados, através da aplicação de inquérito e realização de entrevistas. Para esta avaliação, optar por uma metodologia mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas pareceu-me o melhor a fazer.

Ao debruçar-me sobre esta avaliação, para além de pretender mapear e descrever as atividades realizadas pelo SE e assim perceber fragilidades e potencialidades das mesmas, pretendi também ouvir o que os visitantes e os próprios trabalhadores têm a dizer, para, dessa forma, poder traçar linhas orientadoras que procurem a mudança. Para além disso, com este projeto encontro-me também a desenvolver uma metodologia que pode ser utilizada pelo SE do Museu, até porque a avaliação deve sempre ser um processo contínuo. Os indicadores aqui utilizados podem também influenciar outras avaliações em contextos semelhantes.

Como afirma a literatura, importa ainda frisar que a avaliação pode servir não só para mostrar como os meios de trabalho são inadequados como pode vir também a destacar que os próprios objetivos não são os melhores (Cohen & Franco, 2008).

Capítulo 4 - Análise dos dados/ Resultados

Neste capítulo, ficam condensados os resultados das observações participantes, dos inquéritos aos trabalhadores e aos participantes de visitas orientadas e oficinas, de uma entrevista coletiva realizada à equipa do CMIN com o objetivo de avaliar a parceria entre as instituições e a entrevista semi-estruturada a um técnico do SE do MNSR. De forma a complementar a análise descritiva recorri a representações gráficas e tabelas para uma melhor visualização dos dados, remetidas para anexos.

4.1 Observação participante

4.1.1. De início

Logo numa fase inicial, a Dra. Ana Barros expôs-me a preocupação do Diretor em estabelecer parcerias e tornar o Museu um espaço para a sua comunidade. Partilhou comigo as várias atividades postas em prática nos últimos anos, como Outros

Lugares¹³ e Arte e Saúde¹⁴. Sendo que este último estava prestes a ganhar uma nova vertente em parceria com o CMIN, através do desenvolvimento de diversas ações com educadoras da instituição numa tentativa de passar ferramentas às mesmas para mais tarde trabalharem com as crianças. Outra atividade da qual me deu conhecimento foi o Dia do Vizinho¹⁵, Desenhar entre Fronteiras¹⁶.

No momento em que fui apresentada ao SE, a Dra. Paula Azeredo salientou a importância do Museu integrar profissionais de outras áreas como a sociologia, a antropologia ou a educação e desabafou sobre a falta de um profissional que conseguisse aferir o que os diferentes públicos consideram que faz falta na instituição. Até porque, importa perceber não só o que os visitantes acham, mas principalmente o que os não visitantes pensam.

4.1.2. Inauguração exposição *Vida e Segredo* - Aurélia de Souza

A inauguração, marcada para as 17h30 de 24 de Novembro de 2022, concentrou um grande grupo de visitantes na galeria Soares dos Reis. No local, encontravam-se à venda objetos alusivos à Aurélia de Souza e alguns panfletos, sendo que vários indivíduos pegaram nestes últimos considerando que eram gratuitos, acabando por pousar depois de ouvirem que tinham de pagar dois euros.

O Diretor ao discursar, descreveu o MNSR como um museu “de pessoas e para pessoas” e falou das atividades que constavam no programa¹⁷, aproveitando ainda para agradecer à equipa, explicando que ainda se estavam a adaptar uns aos outros, e por agradecer as parcerias formadas¹⁸.

Aproximadamente quarenta minutos depois deu-se início à visita orientada por Maria João Lello Ortigão de Oliveira. No local, eram entregues audio-guias aos visitantes que lhes permitia ouvir o discurso da Comissária da exposição em tempo

¹³ Programa de itinerância das coleções do MNSR

¹⁴ Programa que pretende promover a Arte como terapia

¹⁵ Programa que procura divulgar a programação junto das comunidades locais de forma gratuita

¹⁶ Programa em parceria com a Universidade do Porto

¹⁷ Visitas para famílias, para os vizinhos, para o Centro Hospitalar Universitário de Santo António, ateliers, workshops, conversas e visitas a espaços Aurelianos.

¹⁸ Em especial à Câmara Municipal do Porto, à Câmara Municipal de Matosinhos, à Universidade Católica e ao Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa.

real. A grande maioria dos visitantes encontravam-se em grupo e iam conversando enquanto circulavam pela exposição. Este momento terá demorado aproximadamente uma hora e meia, tendo-se seguido às 19h30 um concerto de Ibertrio no âmbito do Festival Tempos Cruzados¹⁹.

4.1.3. Museografia

No dia da inauguração da exposição decorreu durante a manhã uma visita orientada da Comissária com o objetivo de dar a conhecer a exposição a toda a equipa do Museu. Nesse momento, observei uma técnica a colocar os óculos e a aproximar-se de forma exagerada para que conseguisse ler as legendas, que para além de estarem escritas num tamanho notavelmente reduzido, se encontravam à sombra da moldura. Não sei em que momento é que a equipa se apercebeu de que estas legendas não iam resultar, mas a verdade é que a exposição inaugurou sem elas. De forma a resolver-se esta situação, foram colocadas folhas de sala com as legendas de todas as obras, disponível em português e em inglês.

Ao longo das visitas orientadas vários indivíduos questionaram o motivo de não haver legendas. Muitos regressavam ao início para ir buscar a folha de sala, depois lá procuravam, com algum esforço, o título da obra que desejavam saber. Para tal tinham de procurar no núcleo correto o número da obra.

Quando questionada sobre aspetos como estes, a Dra. Paula aproveitava para dizer que a própria questão museográfica deveria também ser objeto de atenção e discussão, sugerindo que os professores abordassem esta temática com os seus alunos. Logo na primeira visita orientada a professores, um deles chamou a atenção, dizendo que o Museu tem de pensar para quem são as exposições. A técnica aproveitou ainda para comentar que a avaliação era uma prática recorrente no MNSR, sendo feita em três momentos diferentes - antes da inauguração, no decorrer da exposição e depois de terminada, de forma a serem traçadas novas metas.

A 11 de Janeiro de 2023 decorreu uma visita orientada à Universidade Sénior de Gaia. Nessa visita, deparei-me com vários visitantes a esforçarem-se para conseguirem ler a legenda na folha de sala. Muitos inclinavam-se para a frente e estendiam os braços, de forma a que a luminosidade dirigida para as obras iluminasse

¹⁹ Programa em parceria com o MNSR, a Direção-Geral do Património Cultural e os Municípios de Caminha, Chaves e Vila Nova de Gaia.

o papel e desse modo conseguissem ler. A iluminação nesta exposição era bastante reduzida, incidindo apenas nas obras de arte, além disso, as legendas da folha de sala eram também de tamanho reduzido. Na exposição, para além dos quatro núcleos - Vidas; Espaços; Temas; Cores; existia também uma cápsula do tempo, onde se encontravam vários objetos que nos transportavam para o tempo da Aurélia. Neste espaço, estava também uma bicicleta, que tinha na sua roda a legenda (anexo 18, figura 1). Durante essa visita, observei um senhor que com muito esforço se inclinou excessivamente para a frente para conseguir ler. Momento que foi também observado por um dos assistentes de sala, que mais tarde acabara por comentar comigo, depois de me dirigir a ele por não existirem mais folhas de sala em português. Foi aí que o mesmo comentou que estas falhas eram recorrentes e que no fim de semana tinham sido levantadas cerca de 600 folhas. Esta também não era a primeira vez que eu dava pela falta de folhas de sala. Além disso, o assistente comentou ainda que devido à fraca iluminação os visitantes acabavam por aproximar demasiado as folhas de sala das obras para as iluminar, o que o deixava bastante preocupado dado que a sua tarefa principal é zelar pela segurança das obras.

Certo dia, enquanto conversava com um dos técnicos o mesmo desabafou sobre a montagem da exposição de longa duração. Referiu que ninguém lhe fez nenhuma questão relativamente à mesma, nem lhe perguntaram sequer se conseguia trabalhar bem assim. Explicou que este deveria ser um trabalho de equipa, mas que o SE continuava a ser deixado de lado.

Depois disso, conversamos ainda sobre a unidade curricular Museu como lugar de fruição da FLUP que resultou numa exposição com a curadoria dos estudantes. De acordo com o mesmo, os estudantes tinham preparado textos explicativos das obras para expor, mas a direção não permitiu que estes fossem integres na exposição física. Por esse motivo, a legendagem remetia para um link com essa informação, sendo que o Museu nem sequer possuía Wi-Fi.

A 16 de Abril, na visita “Museu em 10 peças” os comentários foram muito positivos. Os visitantes para além de terem adorado a visita disseram que o Museu se encontrava agora mais organizado.

Na semana seguinte, decorreu a visita aberta ao público em geral “O que há de novo nas galerias de pintura do museu?”, a técnica que orientava a mesma alertava

para a nova dinâmica, mas ainda assim os participantes comentaram que o que se via era sempre o mesmo, acreditando que os objetos que se encontravam expostos corresponderiam a cerca de 20% da coleção.

A 21 de Abril, decorreu uma visita orientada - Artes decorativas e Belas Artes nos espaços do Palácio. No momento em que observávamos a Guarnição de Corpete, a técnica mostrou uma gravura da Nossa Senhora do Carmo com o mesmo, tendo eu acabado por comentar que seria interessante esta imagem estar colocada junto do objeto. A técnica explicou que a equipa tinha pensado nisso mas que optaram por não colocar e utilizá-la apenas na Peça do Mês. Não me opondo à utilização da mesma na Peça do Mês, penso que seria vantajoso disponibilizarem a imagem a todos os visitantes. Ainda no decorrer da visita, uma visitante comentou que gostou muito da colocação das legendas, dizendo que esta era uma questão de acessibilidade.

A 23 de Abril decorreu a visita Tesouros Nacionais com a nova técnica do SE. Antes de dar início, um visitante recorrente pertencente ao Círculo Dr. José Figueiredo desabafou que lamentava o trabalho da receção, dizendo que este deveria ser agilizado de melhor forma porque não fazia sentido os participantes estarem na fila e dessa forma atrasarem as atividades. Disse ainda que já foi muito mal recebido e que esteve quase para escrever no livro de reclamações. Minutos antes da visita dar início, a técnica comentou comigo que ia ter de alterar a visita dado que uma participante era cega. No decorrer da mesma, foi perceptível que a orientadora se esforçou para descrever da melhor forma as obras selecionadas. Em Casas brancas de Capri explicou que existia algo que não se via mas que se sente, transportando-nos para o calor, para o cheiro, para o sentimento. Um pouco depois, quando na galeria de esculturas a técnica falava de Soares dos Reis, a visitante cega questionou “não tem um escadote? Senão vou ter de subir a base, posso descalçar-me”. A Dra. Liliana explicou que não podia permitir tal coisa por uma questão de segurança, acrescentando que gostava muito de ter uma réplica. Já perante as obras de Aurélia de Souza a mesma visitante questionou se podia tocar nas flores, reclamando que “aqui não se pode nada”. Frustrada, a senhora acabou por dizer que o museu esteve encerrado durante tanto tempo e que nem assim fizeram mudanças para tornar o museu acessível a todos. A técnica respondeu que estava a ser feito um diagnóstico e o Museu já respondia a questões como a acessibilidade social e intelectual, tendo sido todos os textos revistos

e construídos com uma linguagem inclusiva. Assim, abre-se discussão sobre as legendas, sendo que alguns participantes comentaram que estas se encontravam demasiado elevadas, impossíveis de ler por parte de visitantes mais baixos. Neste momento, a técnica explicou que a acessibilidade física estava na linha da frente das prioridades mas a visitante respondeu-lhe que já lhe falam de um diagnóstico há 20 anos, questionando se este ainda não tinha sido feito. Acrescentou ainda que se fala da leitura em braille, dos audio-guias, do manuseamento em réplicas mas que nada acontece. Disse também que falavam muito no designer mas que este só beneficiava o estético e acabava por ser o primeiro a criar barreiras.

Certo dia, enquanto conversava com um técnico do Museu, o mesmo disse-me que já tinha preenchido o meu inquérito e que tinha avaliado o SE como bom. Justificava a sua opção pelo simples motivo de já ter visto o serviço a trabalhar muito bem, e que portanto sabia que conseguiam fazer melhor. Contou ainda que uma das técnicas já tinha realizado alguns projetos para públicos cegos e que infelizmente isso não era uma prática dos dias de hoje.

4.1.4. Visitas orientadas a professores

Nas visitas orientadas para professores, a Dra. Paula sugeria uma série de diferentes formas de trabalharem a exposição *Vida e Segredo* com os seus alunos. Recomendava uma análise sensorial, explicando que era mais significativo para os estudantes focarem-se em menos obras do que verem todas as obras à pressa. Para além disso, segundo a mesma “ver é um sentido, e é o mais distante” (Paula Azeredo, 30/11/2022), sendo importante entrar na obra para se sentir emoções e viver uma experiência imersiva.

A 30 de Novembro, a técnica sugeriu aos professores o tratamento de várias temáticas como a fotografia, a moda e as cores, as viagens da Aurélia e os deveres da época e aconselhou ainda a realizarem registos de poses, de sons e de palavras chave.

Noutra visita, a Dra. Paula alertava os professores para a importância de fazerem com os seus alunos uma análise sensorial e uma análise plástica através de diferentes quadros, de forma a não se tornar muito maçante para os alunos. A dado momento, um professor disse que lhe assustava ver tantos quadros juntos, comentando que preferia que fossem menos e desse modo pudesse dedicar mais

tempo a cada um. A técnica aproveitou para sugerir uma vez mais que a questão da museografia se tornasse também tema de discussão entre os alunos.

No fim, eu e a técnica conversamos com dois professores que estavam presentes na visita. Um deles questionou “Quantos jovens passam aqui em frente e não se sentem convidados a entrar?”, a Dra. Paula respondeu que já sugeriu experimentarem colocar uma obra no exterior ou chamarem o público para pintarem um tapete na entrada. É tema de conversa que nem a gratuidade consegue atrair todos os públicos. Com isto, discutimos também a relação entre a educação e a cultura, considerando que o museu pode e deve ser uma sala de aula. Os professores admitem que lhes falta ferramentas, que podem até trazer a sua turma ao Museu mas que não tem competências para lhes dar uma boa visita. A conversa termina com o desabafo da técnica que expressa a necessidade de se aumentar a equipa do Museu. Uma professora aproveita para agendar uma visita, ficando combinado que a mesma ficaria com um grupo e a Dra. Paula com outro. Depois dos professores se irem embora, conversamos sobre a falta de pessoal. Os professores querem trazer as suas turmas e não há forma de dividir os grupos. Sabemos que grande parte das escolas quando vai a visitas aproveita para levar várias turmas. É preciso haver responsáveis suficientes para ficarem encarregues dos grupos. Com pouco pessoal no museu isto é muito complicado de gerir e torna-se muitas vezes impossível.

A 3 de Fevereiro teve lugar na exposição Aurélia de Souza uma visita para professores orientada pela Dra. Paula Azeredo, onde se destacaram duas ótimas ideias a nível da construção da exposição. Depois de questionar “como tornar o expositivo mais apetecível?” um dos participantes sugeriu a utilização do som, como por exemplo a existência de música portuguesa da época. A técnica sugeriu ainda a construção de cantos de leitura, com livros que a Aurélia tivesse lido ou com guias de viagens feitas pela mesma. A mesma salientou a importância da ida ao museu se tornar numa experiência e num momento de relacionamento com as obras.

Ao longo da visita, a técnica aproveitou ainda para sugerir aos professores que questionassem os seus alunos “se fossem vocês a organizar a exposição e só pudessem escolher sete obras quais escolhiam e porquê? Qual seria o fio condutor?”. Para além disso, chamou a atenção para a importância de se registar o que vivemos, seja em som,

movimentos ou palavras-chave. Tratam-se de fragmentos que permanecem mais facilmente na nossa memória e que vão fazer parte de nós daí em diante.

4.1.5. Visitas orientadas a turmas

A 15 de Dezembro, o MNSR recebeu uma turma da Escola Aurélia de Souza, tendo o SE preparado uma visita com oficina de escrita criativa. Quando chegaram, distribuímos papéis e lápis de cor. Foi pedido aos estudantes que em grupos escolhessem uma obra para trabalhar. Os estudantes viram a exposição, uns sentaram-se no chão e outros nos bancos, discutindo entre eles as diferentes obras (anexo 18, figura 2). Como lhes foi pedido, realizaram um mapa de ideias com palavras-chave. A Dra. Paula pediu-lhes que entrassem nas obras e pusessem a funcionar os cinco sentidos. Questionava-lhes “O que diriam? Como é a atmosfera? É quente? Fria? Luminosa? Pesada? Leve? Que cheiros?”. Pediu que dessem início ao esquema respondendo à questão “O que me apetece fazer ali?”, abrindo daí cinco ramos, um que respondesse por cada sentido. Durante este exercício, fizemos também registos de pose, que se tornaram mais complicados do que pareciam inicialmente. Eram vários os pormenores em que podíamos atentar. Os colegas foram fazendo várias correções, do olhar, da posição do braço, dos ombros. De seguida, a orientadora pediu a vários estudantes que se levantassem do banco do mesmo modo como imaginaríamos que uma menina retratada o iria fazer num momento seguinte. Todos agiram de forma diferente, uns movimentaram-se de forma mais brusca, outros de forma mais delicada, mas todos concordamos que esta seria uma menina tímida. Desta forma, todos nós tentamo-nos por no lugar de outra pessoa. Através destes exercícios, foi nos possível pausar e realmente entrar na obra, ganhar consciência de outra realidade e colocar-nos nos pés do outro, o que contribuiu também para que esta permanecesse na nossa memória e saísse connosco do museu, para o nosso dia-a-dia. Como esta atividade decorreu de forma tão fluída, estando os estudantes tão interessados e participativos a oficina acabou por se realizar no decorrer da visita, acabando por não se dirigirem ao SE.

A 20 de Janeiro a Dra. Paula recebeu uma turma de teatro da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. Foi lhes pedido que formassem quatro grupos, que se dividissem pelos quatro núcleos e que escolhessem uma obra para um exercício

sensorial e contemplativo. Na primeira obra que entramos a técnica questionou “O espaço é grande? Pequeno? Qual a temperatura? Qual a estação do ano? Qual o cheiro? Como é o chão? Tem tapetes?”. Explica que para habitar a cena temos de ser capazes de ir mais além e pensar que sensações determinada obra nos traz. Questionou lhes ainda “Se levassem esta obra para a escola como a apresentavam com as vossas técnicas de forma a acentuar sensações? Que luz? Que som? Que ambiente? Onde? Que adereços utilizavam?”. Ao terminar, partilhou a sua ideia de se criar no Museu um banco de colaboradores. Prezando pela multidisciplinaridade, a técnica acabou por dizer que alguém da área do teatro seria também muito bem vindo e que certamente faria a diferença.

A 15 de Fevereiro, a Dra. Adelaide orientou uma visita a uma turma da Escola Aurélia de Souza, tendo dado início explicando que os próprios estudantes é que iriam dar a visita e que ela é que iria aprender com eles. Lançou logo de início uma serie de questões “Terá sido fácil para uma mulher entrar no mundo artístico? O que é preciso para ser artista?”. De seguida, pediu-lhes para descrever as obras que observavam. Outras questões lançadas foram “Há alguma semelhança nestes retratos? O que nos mostram? O que interessou à artista? Qual a sua personalidade? Se fizessem uma autorretrato escolhiam esta pose?”. Alguns alunos insistiam em sentar-se, mesmo depois da técnica pedir inúmeras vezes para não o fazerem pois estava a lançar uma série de interrogações para as quais queria respostas, até que a mesma acabou por sugerir que todos se sentassem no chão.

A 28 de Março decorreu uma visita orientada a uma turma da Escola Secundária Garcia da Orta, onde foi destacada a revolução da imagem com o autorretrato de Aurélia num dia mau. Perante essa obra, a Dra. Paula questionou os estudantes se seriam capazes de tirar uma selfie da mesma forma, onde todos responderam que nunca o fariam. Posto isto questionou “O que diz isto da Aurélia? O que diz da personalidade dela?” rapidamente responderam que a Aurélia era uma pessoa forte e segura.

4.1.6. Visitas orientadas ao público em geral

A 7 de Janeiro decorreu a visita partilhada com a Casa Museu Ortigão Sampaio. Infelizmente só me foi possível estar presente no segundo momento da visita, tendo

esta sido muito enriquecedora. Depois da orientadora fazer uma apresentação dos vários membros da família, explicou que nove obras da coleção se encontravam no MNSR, numa onda de irmandade. Deste modo, foi nos possível alargar o nosso conhecimento não só sobre a artista como do seu núcleo familiar. Esta foi uma visita partilhada que fez todo o sentido ao olhar dos visitantes.

A 26 de Abril na visita “Admiráveis Mundos Novos - produção, iconografia e decoração na ourivesaria e joalharia” a orientadora salientou a visita ao museu como um momento de encontro, onde podíamos conhecer melhor outras culturas. A mesma levantou a questão “Porque guardamos peças nos museus?”, e depois de falar sobre a ideia de coletividade e de memória chamou a atenção para o facto de que nos dias de hoje a salvaguarda de património pode ser proposta por qualquer um.

No dia seguinte, deu-se a visita orientada “Objetos em transformação, conservação e restauro” pela conservadora do Museu Salomé Carvalho. A mesma focou-se em várias peças restauradas explicando os vários processos que cada uma delas exigiu. Depois de nos mostrar que há vários caminhos que podem ser seguidos e que a definição desse caminho não é tão ténue como possa parecer, explicou-nos que geralmente os conservadores deixam sempre vestígios que possam ser importantes a nível de conhecimento histórico. Ainda assim, não tendo nenhum visitante conhecimentos na área, a técnica questionou o que achávamos dos vários restauros, explicando que era importante dizermos o que achávamos, mesmo que não gostássemos ou não estivéssemos de acordo.

4.1.7. Discurso da visita

Em todas as visitas orientadas da exposição *Vida e Segredo - Aurélia de Souza* foi notória a preocupação em incidir na perspetiva da mulher enquanto artista, principalmente numa época como a de Aurélia. Foi chamada a atenção para as desigualdades de oportunidades entre as mulheres e os homens na época, sendo que na altura a mulher não podia estudar nem pintar, entre uma série de outras coisas. A falta de dinheiro e a falta de espaço eram os maiores obstáculos à independência das mesmas.

Com a minha observação no terreno, foi-me possível verificar que os técnicos do SE orientavam as suas visitas com uma linguagem mais inclusiva, mais simples e

clara, de fácil interpretação por parte dos diferentes públicos. A própria abordagem levada a cabo não exigia grandes códigos. Quando as visitas/conversas eram orientadas por outros técnicos internos ou externos, estas exigiam um maior conhecimento por parte dos públicos. Pronunciar algumas ideias em francês sem qualquer tradução é um exemplo disso, ou aludir a uma série de figuras sem qualquer explicação de quem eram as mesmas. Para além disso, os técnicos do SE tinham uma maior predisposição para a colocação de perguntas, servindo estas como modo de estimular o pensamento dos visitantes. Não se tratavam de questões com respostas certas ou erradas, mas de questões que os levavam a refletir sobre uma série de aspetos e a construir a sua própria perspetiva.

Já nas visitas orientadas da exposição de longa duração, divididas numa série de diferentes temáticas, posso anotar que foi salientada a nova dinâmica do museu com novas perspetivas, permitindo que se abrisse discussão entre o público sobre as novas transformações. De uma forma geral, a linguagem utilizada por técnicos externos ao SE pareceram-me agora mais acessíveis.

4.1.8. Oficinas

A primeira oficina em que estive presente ocorreu a 6 de Dezembro de 2022. Na mesma, os participantes trabalhavam pasta de modelar para de seguida fazerem impressões com plantas recolhidas nos jardins do Museu (anexo 18, figura 3). As peças tinham de ficar a secar no Museu, ficando a professora responsável de no dia seguinte as levar para a escola para que todos pudessem pintar.

A 21 de Dezembro o SE realizou uma oficina de postais de natal com um grupo de adultos que solicitou a mesma. Estando a atividade marcada para as 14h, eu e os técnicos aguardávamos pelo grupo na receção, que chegara meia hora atrasado. Um dos técnicos questionou se não tinha sido alguma falha na divulgação e outro comentou que a comunicação andava a falhar e que era preciso pensar outras formas de chegar aos públicos.

Depois dos participantes chegarem, lá se deu início à oficina (anexo 18, figura 4 e 5). O Dr. Jorge Coutinho aproveitou o momento para demonstrar ao grupo outras peças que poderiam fazer em workshops no Museu. Todos os elementos do grupo mostraram estar bastante interessados na atividade, fascinados pelos belos postais que

estavam a aprender a fazer²⁰. Durante o decorrer da oficina pude verificar que uns eram mais autónomos, enquanto outros pediam ajuda ao Dr. Jorge para os recortes ficarem perfeitos. O grupo esteve bastante descontraído, com vontade de fazer ao mesmo tempo que conversavam e iam trocando ideias.

No dia seguinte, o SE organizou outra oficina de postais de Natal, agora para crianças (anexo 18, figura 6 a 8). Enquanto eu aguardava que as crianças chegassem, o Dr. Jorge acompanhava-as até ao SE. A oficina deu início com um momento para fazer desenhos numa grande faixa de papel. Todos eles estavam bastante entusiasmados e fizeram vários desenhos, com exceção de um menino que depois de terminar um desenho decidiu ficar apenas a conversar. As crianças, entre os oito e os doze anos, desenhavam, davam sugestões uns aos outros e elogiavam os desenhos umas das outras. Por vezes o Dr. Jorge saía da sala, permanecendo eu com o grupo a conversar, desenhar e pintar.

Um pouco depois lá passamos para os postais. Estando as cartolinas já previamente cortadas, passamos à marcação com azevinhos, recorrendo à máquina de gravação. O Dr. Jorge insistiu que não queria que ninguém usasse o x-acto. Enquanto o mesmo ia recortando mais cartolinas, eu ajudava o grupo com a gravação. Estas viam cuidadosamente os vários materiais que podiam utilizar, escolhiam a cartolina e os desenhos que mais gostavam e aguardavam pacientemente que o técnico as recortasse.

Depois dirigimo-nos à Peça do Mês, onde a Dra. Paula Ihes falou da obra e lhes fez algumas questões, às quais responderam com entusiasmo. Antes de irem embora, foi perguntado às crianças se queriam cortar o seu desenho da faixa para o levarem, mas as mesmas decidiram que queriam que o Museu ficasse com eles.

A 24 de Janeiro decorreu a primeira oficina do programa do IndieJúnior, que passava pela construção de um taumatópio (anexo 18, figura 9 e 10). Depois de mostrar “Esperando o sucesso”, símbolo do SE do MNSR, o Dr. Jorge pediu às crianças que fizessem um desenho semelhante ao que a criança fez na obra de Henrique Pousão, num papel circular. Reforçando que esta era uma imagem sem movimento, o

²⁰ Para tal, recorreram à utilização de diferentes cartolinas, de um cortador circular, de uma máquina de recorte e gravação e seus acessórios, de impressões de reproduções de obras do Museu, de desenhos científicos do Dr. Jorge, x-actos e colas.

Dr. Jorge passou para a magia. Era esperado que as crianças recortassem os círculos já traçados, que os colassem, que utilizassem o furador para fazer dois pequenos furos e que prendessem dois elásticos. No entanto, a oficina não correu como esperado. As educadoras explicaram que as crianças não iam conseguir recortar em círculo e assim, todos nós tratamos de o fazer. Pouco depois ouvi uma criança a pedir a cola, e uma técnica respondeu que tinha que ser o Dr. Jorge. Questionei-me porque motivo não poderiam as crianças colar, mas pareceu-me que seria para não sujarem a mesa. Os técnicos depois de recortarem, trataram então de colar e furar. As crianças ainda não sabiam dar um nó, e portanto acabamos por ser nós a fazê-lo. Enquanto os ajudávamos, a grande maioria pintava o seu desenho. De uma forma geral, posso dizer que as crianças pareceram entusiasmadas com a magia, mesmo não estando tão ativas como esperávamos que estivessem. Sendo que para a magia acontecer era necessário que as duas imagens estivessem centradas e colocadas corretamente uma das crianças começou a chorar porque não via a magia acontecer no seu taumatrópio. Os técnicos tentaram animá-la brincando com as bailarinas que a mesma desenhara. Não tendo corrido a oficina da melhor forma, os técnicos reuniram para discutir sobre a mesma.

Dois dias passaram e deu-se a segunda oficina do IndieJúnior (anexo 18, figura 11 e 12), que deu início no velódromo onde todas as crianças puderam correr. De seguida, dirigiram-se ao SE, onde se sentaram em frente a “Esperando o sucesso”, tendo a Dra. Paula feito uma série de questões sobre a obra. De seguida, partiram para o desenho nas cartolinas, até que o Dr. Jorge questionou o grupo se existia alguma forma de duas imagens se juntarem colocando-as uma de costas para a outra, tendo todas as crianças respondido que não. Depois do técnico lhes mostrar o taumatrópio os mesmos disseram ser magia. A Dra. Paula e a Dra. Adelaide ajudaram a mostrar como este funcionava. Esta parte foi melhor conseguida do que na sessão anterior. Desta vez, a grande maioria conseguia recortar com a tesoura, e depois de o fazerem questionamos como se colocavam os desenhos, explicando que “tinham de fazer o pino”. Assim, as crianças passaram a colar e a furar os círculos. De seguida, aproveitamos para lhes ensinar a dar o nó. Pareceu-me que todos estavam muito entusiasmados e que tinham gostado muito de fazer um taumatrópio, sendo que algumas crianças quiseram até fazer um segundo.

A 29 de Janeiro decorreu a última oficina no âmbito do IndieJúnior, a cargo da realizadora Alexandra Allen (anexo 18, figura 13 a 15). A oficina deu início com a produção da história. Para tal, uma criança deu início escrevendo uma frase num papel, dobrando-o e passando à próxima criança, que deveria começar a frase pela mesma palavra que a anterior terminou. No fim, leu-se a história, que se tornou a narrativa da animação. De seguida, foi pedido às crianças que fizessem desenhos relacionados com o mar. Estas desenharam peixes, sereias, tartarugas, monstros, algas, um pescador, etc, pintaram, recortaram e colaram. Para isso utilizaram cartolinas de variadas cores e representações de obras do MNSR. À medida que iam terminando os desenhos as crianças iam narrando a história para se gravar o áudio ou iam tratando da composição da animação. Enquanto a realizadora fotografava as animações, as crianças e os seus pais iam colocando os seus desenhos e recortes consoante as diferentes etapas da história. Apesar das crianças não terem visto o resultado na hora, pois a curta-metragem tinha ainda de ser montada pela realizadora, todas foram embora bastante entusiasmadas com a oficina.

A 12 de Fevereiro estava agendada uma oficina para famílias (anexo 18, figura 16 e 17). No pátio das camélias, a Dra. Paula pediu para o público se apresentar, mas desta vez de forma diferente. Os filhos apresentavam os pais e os pais apresentavam os filhos. Nessa apresentação deviam também responder à questão “o que faz essa pessoa feliz?”. Era desta forma que grande parte das crianças perdia a vergonha e ganhava uma imensa vontade de falar. Num primeiro momento, foram distribuídas pelas crianças diferentes animais impressos desenhados pelo Dr. Jorge Coutinho. O objetivo era escolherem uma obra para esse animal habitar. Durante essa atividade, a Dra. Paula aproveitou para fazer alguns apontamentos relativos à época da Aurélia, aproveitando ainda para alertar para a necessidade de irmos ao museu experienciar e accionar os cinco sentidos. Num segundo momento, o grupo passou para a galeria que antecede o velódromo, conhecido por “aquário” pela equipa do Museu. Assim, deu-se início ao segundo momento desta oficina, onde os filhos passavam a fazer o retrato dos pais, e os pais os retratos dos filhos, sempre através de um vidro. Depois de realizados os retratos passaram à construção de máscaras, baseadas no superpoder que cada um escolheu.

Na atividade estavam presentes sete crianças, de uma forma geral, a grande maioria aparentou estar bastante animada, respondendo sempre com grande entusiasmo às questões que a técnica lançava, com exceção de um menino que constantemente pedia à sua mãe o telemóvel para jogar e dizia que não queria estar ali.

Ao terminar a oficina, uma mãe presente comentou a importância do SE, dizendo que sem o mesmo não havia quem preenchesse os museus e que não percebia o porquê dos museus serem, geralmente, entidades fechadas. Outra senhora abordou o tópico da comunicação, dizendo que era importante que a programação do museu chegasse a mais páginas como a Agenda Cultural do Porto, explicando que era bastante mais prático consultar-se agendas com informações mais gerais. Uma senhora sugeriu ainda que os Amigos do Museu dessem mais atenção a estes públicos.

Nos meses seguintes, oficinas com a mesma dinâmica foram desenvolvidas (anexo 18, figura 18 e 19). A 16 de Abril, como estava um belo dia de sol e uma temperatura bastante agradável, as crianças acabaram por pintar os retratos nos bancos do jardim, onde pousaram vários objetos sobre as folhas para que não voassem e utilizaram folhas caídas das árvores como paletas para misturar as tintas (anexo 18, figura 20).

As oficinas realizadas pelo SE pareceram-me bastante significativas e marcantes para os participantes. A maior parte das vezes, os técnicos conseguiram passar valores como a sustentabilidade e a criatividade, estimulando o olhar e o pensamento na procura de diferentes perspetivas. Todos eram recordados de que todos tinham as capacidades para por as mãos à obra. Trata-se de ter vontade e não de nascer com um dom. Ao dizer ao SE que os projetos que construía eram tão interessantes e que deveriam estender a sua oferta, foi-me exposto que propostas de atividades como as desenvolvidas não faltavam. O que faltava era uma resposta da direção às mesmas.

4.1.9. No Serviço Educativo

A 11 de Janeiro o SE reuniu com a Dra. Susana Medina, que expôs o contacto feito pelo IndieJúnior com um convite para o Museu fazer parte do projeto. O MNSR ficou assim encarregue de fornecer oficinas para o público infanto-juvenil durante dois dias para escolas. O projeto servia também como um espaço de divulgação do projeto

Filmar, que tinha como objetivo o restauro e divulgação de filmes da Cinemateca sobre o mar. Assim, deveriam ser desenvolvidas oficinas de brinquedos óticos, devendo inicialmente ser feita uma pequena abordagem focada no que é um museu e o que se iria passar na atividade. Neste momento tivemos também conhecimento de que se iria realizar mais uma oficina, orientada por Alexandra Allan, realizadora com experiência em oficinas infanto-juvenis, que realizaria um stop-motion sobre o mar.

Estando um dia muito agradável, a reunião passou-se no pátio das camélias, dando continuidade nas salas do Museu, para seleção das obras que seriam utilizadas na oficina. A reunião terminou no SE, onde se conversou sobre as condições e má arrumação do Museu.²¹ Para além disso, discutiram sobre qual o local indicado para decorrer a oficina.²²

A 17 de Janeiro houve uma nova reunião para se organizar melhor as ideias para o IndieJúnior, com a presença da Dra. Susana Medina, a equipa do SE e a Alexandra Allan.

A 19 de Janeiro durante a tarde dirigi-me ao SE, onde conversei com a Dra. Paula que se encontrava a escrever um relatório sobre as atividades realizadas para enviar ao Diretor. Apesar de ser a única a fazê-lo, considera que todos o deveriam fazer. A mesma disse-me que tinha pena que eu não trabalhasse no Museu, pois era mesmo preciso mais gente a trabalhar no SE, especialmente para trabalhar os minis. A técnica acredita que a existência de um banco de colaboradores onde pessoas de diferentes áreas pudessem ajudar nas visitas e oficinas seria muito vantajoso. Isto porque segundo ela, a contratação para o quadro parece um grande problema. A mesma afirmou ainda que outra opção viável seria conseguir o apoio de um mecenas para a contratação de pessoal. Para além disso, enfatizou a importância de se armazenar os trabalhos realizados durante os estágios no SE, para que futuros estudantes tenham acesso aos mesmos. Observação esta com a qual concordei, sendo que já tinha questionado anteriormente os técnicos sobre isso.

²¹ Um dos técnicos presentes chamou a atenção para a importância de se pintarem as paredes e de se arrumar a sala, dizendo que quando não sabem onde colocar alguma coisa deixam no SE.

²² Indecisos sobre se a oficina deveria decorrer no SE ou na galeria que antecede o Velódromo, acabaram por decidir que o SE seria o local indicado por uma questão de acesso à internet. O percurso a fazer foi também discutido devido à montagem da exposição no interior e ao percurso exterior pouco acessível.

No dia seguinte voltei ao SE para ajudar na preparação das oficinas. O Dr. Jorge encontrava-se a construir uns puzzles da Aurélia de Souza (anexo 18, figura 21). Depois do mesmo mandar imprimir algumas representações, fui buscá-las para que recortasse e colasse em pvc. Uns puzzles seriam constituídos por 9 peças, outros por 16, tornando-se assim adequados para diferentes idades. Ao experimentar os vários puzzles acabei por fazer algumas sugestões, muito bem aceites pelo técnico.

Durante essa tarde, o Dr. Jorge aproveitou para me mostrar uma série de peças que tinha feito com pasta de modelar, plantas, tintas e vernizes. Um pouco depois acabou por dizer que fazia falta alguém como eu no SE, alguém jovem que pudesse aprender com ele.

O Dr. Jorge é ilustrador científico e já orientou workshops dessa mesma temática. Ainda assim, diz que a parte artística não lhe interessa tanto por ser uma questão de gosto. O que realmente lhe importa é a parte educativa - a sustentabilidade. “É a minha forma de ser, de ver, de pensar”. Contra o consumismo, quer mostrar que aquilo que vemos como lixo se pode tornar em algo que tanto gostamos. Recorre muitas vezes a latas de alumínio de refrigerantes para construir uma série de coisas. Esta reutilização acaba por abrir as mentes dos visitantes, que começam a refletir sobre os diversos objetos que os rodeiam e passam assim a reaproveitá-los.

Um pouco depois, o técnico recordou-se de um projeto que realizaram há cerca de 6 anos com o Hospital Magalhães Lemos - Reavivar memórias e restaurar sorrisos²³ tendo aproveitado para me falar sobre ele.

A 23 de Janeiro estava de regresso ao Museu para ajudar o Dr. Jorge na preparação das oficinas para o IndieJúnior (anexo 18, figura 22 e 23). Demos início pela montagem do zootrópio, e para tal recorremos ao desenho do bilhete que a criança de “Esperando o Sucesso” de Henrique Pousão segura. Para tal foi necessário multiplicar essa imagem, e para transmitir a ideia de movimento foi acrescentado uma nova bola.

²³ Neste programa foram desenvolvidas sessões semanalmente com os pacientes do Hospital Magalhães Lemos, que se deslocavam ao Museu para visitas e oficinas com os seus acompanhantes e uma psicóloga do Hospital. Ao longo do projeto, os acompanhantes contaram muitas vezes que os pacientes estavam realmente animados com o projeto, sempre ansiosos pelo dia em que finalmente voltavam ao Museu. Durante as visitas apenas uma obra de arte era apresentada, com o objetivo de através dela se estimular memórias passadas.

Reparo que esta foi sendo acrescentada a cada *frame*, seguindo uma certa trajetória sem ter sido retirada a bola anterior. Assim, acabei por proceder a essa alteração através do Microsoft Publisher e do Adobe Photoshop, enquanto o técnico foi recortando e colando.

De seguida, passamos à construção do taumatrópio com o mesmo desenho e com a colocação de um coração no lado oposto, de forma a que em movimento através de dois elásticos estes se sobrepusessem. Sugeri que o coração fosse sem qualquer preenchimento, para que as crianças o pudessem personalizar. O Dr. Jorge decidiu ainda fazer mais um modelo, inspirado no exemplo mais clássico - um pássaro e uma gaiola.

No dia seguinte, regressei ao SE ainda pela parte da manhã para dar continuidade à preparação da oficina dos brinquedos óticos. Depois de construir um taumatrópio em cartolina a pedido do Dr. Jorge, arrastamos mais uma mesa para a sala e acrescentamos cadeiras. Como eram muitos os papéis, cartolinas e materiais espalhados, aproveitei também para dar uma arrumação, ficando a sala pronta a ser utilizada.

Terminada a primeira oficina no âmbito do IndieJúnior, o SE reuniu-se para discutir sobre a mesma. Ficou decidido que o próximo grupo ia ser dividido em duas salas, e que os círculos para construção do brinquedo ótico iriam ser maiores, tal como os desenhos. O objetivo agora era manter o foco na aprendizagem de dar o nó e de utilizar um furador.

A 25 de Janeiro, depois do Dr. Jorge ser chamado para ajudar na montagem da exposição, pediu-me que tratasse de fotocopiar as quadrículas e que imprimisse a representação da Aurélia num desses papéis (anexo 18, figura 24). Algum tempo depois, quando regressou, o técnico explicou-nos o que íamos levar para o CMIN e mostrou-nos as várias formas de utilizar a quadrícula como apoio ao desenho do retrato. De seguida, comentou que eu ia ter de continuar no Museu porque precisava de mim no SE. Ao longo do estágio ouvi vários comentários realmente gratificantes, que me fizeram mesmo sentir parte da equipa do Museu. À ultima da hora o Dr. Jorge decidiu que queria levar também um taumatrópio, e portanto ajudei-o a preparar alguns. Antes de sairmos, a Dra. Adelaide pediu-me para levar a máquina fotográfica do Museu, mas depois de transferir bastantes ficheiros por estar com memória cheia,

esta passou a dar um erro de leitura. Assim, a Dra. Ana Bárbara pediu-me que fotografasse com o telemóvel.

Ainda nesse dia, ao conversar com um técnico, o mesmo comentou estar preocupado com a oficina do IndieJúnior, acrescentado que não queria que corresse da mesma forma que a anterior. A sua preocupação devia-se também ao facto dos vários técnicos estarem ocupados com outros trabalhos.

A 26 de Janeiro, depois de finalizada a última oficina decorrida no âmbito do IndieJúnior discutimos sobre a mesma. No geral, todos concordaram que esta oficina tinha corrido de melhor forma que a anterior, pois para além das crianças terem entrado melhor na obra, pudemos lhes dar uma maior autonomia. Ainda assim, penso que a divisão em dois grupos, como estava planeado, seria o melhor a fazer.

A 8 de Março, depois de acompanhar uma visita orientada, o Dr. Jorge perguntou-me se podia ir ajudar a Dra. Paula e assim o fiz (anexo 18, figura 25 a 27). A técnica encontrava-se a preparar uma oficina para crianças do infantário. Com uma caixa de sapatos colocamos um fundo da Aurélia, depois fizemos uns recortes para posteriormente se animar com elementos de obras da artista ou com figuras desenhadas pelo Dr. Jorge. O objetivo era dar a mostrar o que era uma imagem 2D, podendo as crianças animar os vários planos. Para tal, recorri ao computador do Dr. Jorge para selecionar algumas imagens, tendo de me dirigir ao gabinete de comunicação para que me enviassem algumas imagens, dado que o técnico já as tinha eliminado. De seguida, tratei de imprimir não só essas imagens como algumas ilustrações do Dr. Jorge, como coelhos, lebres, pardais, corujas, etc. De seguida passamos a recortar os desenhos, colar cartolinas para que não fossem tão frágeis, cortamos paus de madeira, colamos as imagens a esses paus e fizemos recortes numa caixa de sapatos.

4.1.10. CMIN

A 25 de Janeiro, fomos pela primeira vez ao CMIN no âmbito do projeto Arte e Saúde (anexo 18, figura 28 a 31). Na sala de atividades encontravam-se três crianças acompanhadas dos seus pais e três educadoras. Os mesmos já tinham fotografias impressas e algumas imagens de acessórios para personalizarem os seus retratos. Uma das crianças parecia um pouco tristonha, mas quando o Dr. Jorge lhe mostrou o

taumatrópio o mesmo ficou bastante animado com a magia. Pouco depois, o mesmo adormeceu com a cabeça pousada sobre a mesa. Um dos técnicos sugeriu que fosse para o quarto descansar, mas a sua mãe insistiu para que ficasse, pois poderia acabar por acordar e assim aproveitar a atividade. A mesma permaneceu bastante atenta, tanto ao seu filho que tinha episódios recorrentes de epilepsia enquanto dormia, como à própria atividade. Depois de darem início ao autorretrato, foi-me possível observar que uma menina se encontrava bastante concentrada e empenhada a desenhar. Já o outro menino estava um pouco desligado. Os seus pais diziam que era um menino que gostava de estar no ninho, e que por ele voltava para a barriga. A Dra. Adelaide vendo que o mesmo já não queria desenhar, aproveitou para dar início aos puzzles. Os pais ajudaram-no e disseram que ele adorava puzzles. Depois de os terminar, o mesmo já quis continuar o seu autorretrato. De seguida, a Dra. Adelaide passou a falar um pouco sobre a Aurélia de Souza, explicando que esta gostava de se retratar e que também recorria a objetos, como o laço. A Dra. Ana Bárbara aproveitou para mostrar algumas das suas representações presentes no catálogo. Enquanto isso, o Dr. Jorge passou a ensinar às educadoras como utilizar a quadrícula no retrato. Depois disso, propôs umas sessões de desenho às mesmas, dado que nenhuma delas tinha formação em artes plásticas. A equipa do CMIN ficou bastante entusiasmada, comentando que estavam a adorar a parceria e que estavam prontas para aprender mais. Explicaram apenas que devido aos horários, e não podendo estar duas educadoras ausentes, as sessões teriam de ser individuais.

Por fim, acabamos por nos dirigir ao quarto de um menino que não podia sair. O mesmo não conseguia desenhar por ter o carácter na sua mão, mas acompanhado pela sua mãe, esta já tinha feito o retrato do seu filho. O Dr. Jorge passou à explicação da utilização da quadrícula.

Ao sairmos, comentamos que esta tinha sido uma sessão muito produtiva, tanto para as crianças, como para os pais e educadoras. Para além disso, todos nós acabamos por admitir que ficamos um pouco abalados.

A 7 de Fevereiro foi dia de voltar ao CMIN, para abordar o tema “O Super Retrato” (anexo 18, figura 32 a 34). Este era no fundo um convite a vestir outra pele, tal como Aurélia de Souza fez quando se vestiu e se pintou de Santo António. A oficina deu início com a construção de um mapa mental, onde cada um traçou o seu ideal. De

seguida, as crianças encheram balões e colaram tiras de jornais. Depois de deixar secar, puderam furar o balão e retirá-lo, tendo ficado o jornal no formato do balão. Assim, partiram para a pintura das suas máscaras. Foi perceptível que todos eles tinham uma ideia muito clara do que iam fazer. As técnicas presentes receberam-nos com grande alegria, sendo que nenhuma delas conhecia a técnica do balão.

A 14 de Março voltamos com a sessão “A Casa mãe e atelier na quinta da China e muitas viagens”, que tinha como objetivo a pesquisa, a seleção, o desenho de contornos e o mapear de pormenores da cidade, procurando-se monumentos, faunas e floras das andanças da artista (anexo 18, figura 35). Para além do que estava planeado, os técnicos trouxeram também a caixa de sapatos que a Dra. Paula e eu tínhamos construído. Assim, as crianças passaram à construção de caixas semelhantes. Uma das meninas, concentradíssima, misturava inúmeras cores para conseguir a tonalidade desejada, muito próxima à utilizada pela Aurélia, de forma a pintar o fundo. A dado momento uma educadora perguntou-lhe “Hoje o tempo está a passar rápido não está?” A mesma, tão dedicada, nem respondeu, mas depois da educadora complementar “já são cinco horas”, a mesma levantou a cabeça e abriu os olhos, bastante admirada. Estando algumas voluntárias também presentes, uma educadora comentou “o dia em que o museu vem é sempre uma animação”.

4.1.11. Programa performativo - *De corpo presente*

A 26 de Novembro de 2022 deu início o programa performativo *De corpo presente*, organizado pelo Museu da Cidade do Porto, com “*Crystal Beings*” de Luísa Mota (anexo 18, figura 36 e 37). Os *Crystal Beings* eram um grupo de indivíduos vestidos de alumínio, para nós anónimos. Com a colaboração de estudantes da Escola Secundária Aurélia de Sousa, os mesmos passaram por um momento de metamorfose, tal como Aurélia de Souza quando se auto-retratou como Santo António. Esta performance desenvolveu-se de forma itinerante, onde os *Crystal Beings* se deslocavam na Galeria Soares dos Reis, no Jardim das Camélias e na entrada do Museu. Neste momento, o público era notavelmente distinto daquele presente na inauguração da exposição. Um público mais jovem, sendo várias as crianças presentes. Ao longo da atuação, o grupo juntava-se rodeando as árvores do jardim, a fonte e alguns dos visitantes, sentaram-se no chão a observar as esculturas e deitaram-se no chão da

recepção. Grande parte do público fotografava e filmava a peça, enquanto seguiam o grupo. Outros aguardavam que o grupo voltasse. Apesar da performance me parecer bastante interessante pela sua interação com o público e o próprio Museu, esta não me pareceu ser uma atividade inclusiva para todos os públicos pois pessoas de mobilidade reduzida não iriam conseguir acompanhar os artistas e iriam perder parte da peça performativa. Para além de se estarem sempre a deslocar, subiram e desceram escadas várias vezes. Uma pessoa que se encontrasse de cadeira de rodas para além de não conseguir acompanhar, não teria visibilidade para nada que se passasse no piso inferior.

A 15 de Dezembro decorreu “Estudos para...” de António Poppe (anexo 18, figura 38 a 40). Esta foi uma performance que apresentava uma “réplica dos processos de composição da artista Aurélia de Souza” (Museu da Cidade, 2022). Tal como a artista criou imagens de si mesma, aqui Poppe e a audiência passam também a modelos. À medida que os visitantes iam entrando na sala, era lhes informado de que poderiam deslocar-se pela sala antes de se sentarem. A sala era composta por um espelho no centro, com um tripé que segurava uma máquina fotográfica que filmava esse mesmo espelho, onde a audiência se encontrava refletida. Fotografias da Aurélia de Souza e uma série de papéis faziam também parte do cenário. Num segundo plano, encontrava-se António Poppe, sentado em frente de uma mesa repleta de folhas, alguns lápis e um laço preto. Numa metamorfose, Poppe transformou-se na Aurélia, vestiu a sua pele e dessa forma se entregou a nós, num profundo momento de questionamento.

A 14 de Janeiro realizou-se “Aurélia - distinta matéria” no Museu, uma performance de Vera Mota, que foi no fundo uma reflexão sobre o lugar do rosto em relação com o corpo. Este foi um momento de transporte para estudo de Santo António de Aurélia.

A 19 de Janeiro o Museu Soares dos Reis apresentou “Desfazer - Monólogo para um Museu” de Carminda Soares (anexo 18, figura 41). No local da performance encontrava-se a artista com uma série de microfones e ecrãs (telemóveis e computadores). Por trás da artista um ecrã passava a mensagem “Esta é uma performance participativa”. Esta deu início com a artista a ler um poema. Aos poucos, outras pessoas se juntavam a ela. Aguardei, e quando me pareceu que mais ninguém ia

participar, decidi juntar-me. Todos nós liamos o poema em conjunto, por vezes de forma alternada e por outras todos juntos, sobrepondo-se as várias vozes. Neste momento, enquanto pessoa que participava numa performance questionei-me “O que é esperado de mim? Que postura devo manter? Posso olhar o público?” Olhava os demais e todos se mantinham rígidos, sem olhar à sua volta, como se vestissem agora a pele da artista, encarando esta ação como pura arte.

A 28 de Janeiro decorreu “Torne-se invisível” de Luísa Mota (anexo 18, figura 42). Esta performance transportou-nos para um momento na Quinta da China, onde *Crystal Beings* levaram indivíduos do público a desfrutar desse momento. À frente, em destaque, encontrava-se um quadro de Sofia de Souza à gargalhada. Durante a atuação, crianças e adultos passearam, conversaram, dançaram e brincaram com grandes bolas revestidas de alumínio.

A 2 de Fevereiro foi apresentado “O Teatro das Plantas” de Isabel Carvalho, onde foi invocado o jardim representado na pintura “À sombra” de Aurélia de Souza (anexo 18, figura 43). O público, ouvia uma narrativa construída e recitada pela artista, que tinha como base dados biográficos de Aurélia. Aqui era tratadas as relações humanas com os animais, com as plantas, com o mar e o rio. Nesta performance, estavam várias almofadas espalhas pelo chão e algumas cadeiras, para que o público se sentasse à volta dos artistas. Foi-me possível observar que quatro indivíduos do público saíram durante a performance, alguns mudavam constantemente de posição não parecendo confortáveis e outros foram várias vezes ao telemóvel. O ambiente era de pouca luminosidade, e mesmo depois de terminar continuou do mesmo modo, tendo sentido alguma dificuldade a subir as escadas para sair.

4.1.12. Congresso Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900

De 13 a 15 de Abril decorreu o Congresso *Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900*²⁴. No primeiro dia o Congresso decorreu na Câmara Municipal de

²⁴ Organizado pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o MNSR, o Círculo Dr. José Figueiredo e a Câmara Municipal de Matosinhos.

Matosinhos²⁵ (anexo 18, figura 44), sendo no segundo²⁶ e no terceiro²⁷ dia no MNSR (anexo 18, figura 45). Esta foi uma oportunidade única de se apresentar o trabalho e a vida não só de Aurélia de Souza mas de uma série de mulheres artistas, muitas vezes esquecidas no panorama cultural. Para além disso, foi um encontro entre vários estudantes e profissionais da área, que puderam aqui partilhar os seus conhecimentos e trocar ideias, apresentando diferentes temáticas e olhares.

4.1.13. Ciclo de Conversas

A 23 de Fevereiro deu-se início ao Ciclo de Conversas da exposição *Vida e Segredo*, onde foi abordada a ilustração na obra de Aurélia com o designer Luís Mendonça e a arqueóloga Rita Gaspar. Sessão esta que não me foi possível estar presente.

Na segunda sessão - Mulheres Artistas - contamos com a presença de Ana Paula Machado, curadora do MNSR e Philippe Vergne, Diretor do Museu de Serralves. Neste momento foram abordados conceitos como a identidade e a transfiguração na obra de Cindy Sherman e Aurélia de Souza. Este foi um momento que juntou bastante público, estando cerca de 60 pessoas presentes. A adesão de técnicos do Museu foi também notada. Aqui foi destacado o retrato como uma forma de projetar-se a si mesmo e do autorretrato como modo de projetar o outro. Ambos podem ir mais além, numa tentativa de se projectar significados vários do quotidiano e de modos de viver e ver o mundo.

No dia seguinte deu-se a terceira sessão - Aurélia e os Livros, uma conversa sobre a importância da literatura no percurso da artista, entre Maria João Lello Ortigão de Oliveira, comissária da exposição *Vida e Segredo* e Ana Anjos Mântua, coordenadora editorial do catálogo da exposição. Nesta sessão, a comissária destacou os escritores que foram citados na exposição, sendo que uma pequena frase de diferentes escritores abriam os quatro núcleos. No primeiro núcleo - Vidas, onde são

²⁵ A sessão foi constituída por quatro painéis - Aurélia por Aurélia; Autorrepresentação e género; Silêncios e invisibilidades: contra-canonização; Silêncios e invisibilidades: contra canonização ii, tendo sido apresentados treze trabalhos.

²⁶ Seguiram-se mais quatro painéis - Espaço de Criação: Casa e atelier; Mulheres fotógrafas; Outras geografias; Interartes: poesia e música, tendo contado com mais treze intervenções.

²⁷ Foi apresentado mais um painel - Paris, centro formativo, constituído por apenas três apresentações, seguindo-se uma visita orientada à exposição *Vida e Segredo - Aurélia de Souza*

apresentados retratos feitos pela artista destaca-se uma frase de Emily Bronte “Eu sou Heathcliff”, no segundo núcleo - Espaços, onde são apresentados os espaços íntimos da Aurélia, podemos ler “Um quarto que seja só seu” de Virginia Wolf. No terceiro núcleo, onde podemos ver os diferentes temas pintados pela artista, é uma frase de Raúl Brandão que abre Temas, “Vejo outra vez tudo; as fisionomias; as coisas, a cor e a luz”. Por fim, no último núcleo - Cores, onde são apresentados os autorretratos da artista, a secção dá início com uma citação de António Nobre “Oh que vermelho extraordinário!... (...) Qu’ê dos pintores do meu país estranho, onde estão eles que não vêm pintar?”. Ao longo da conversa as oradoras falaram não só dos escritores acima referidos como também de outros autores como Maria Bashkirtseff, Baudelaire e Cesário Verde. No final da sessão, quando chegou a hora do público intervir, uma senhora familiar de Aurélia de Souza fez algumas correções relativas às informações dadas sobre as pessoas retratadas pela artista.

A 27 de Abril decorreu mais uma sessão do ciclo de conversas, desta vez com Álvaro Domingues que se debruçou no tema Geografia e paisagem. O momento passou-se na galeria expositiva, onde nos encontrávamos rodeados das obras da Aurélia de Souza. O geógrafo alertou para a paisagem que se renova, contrapondo o modo de ver de Aurélia com um possível olhar da mesma nos dias de hoje, cem anos depois. Depois de vaguear pela zona da Quinta da China, o mesmo partilhou com o público a nova paisagem - com mais construções, com mais prédios de luxo e com muitas gruas. O que pintaria a Aurélia nos dias de hoje?

Por fim, a 11 de Maio o ciclo de conversas deu por terminado com “A fotografia na obra de Aurélia de Souza”, com a presença de José Soudo. Infelizmente não me foi possível ter estado presente.

4.1.14. Inauguração exposição longa duração

A 13 de Abril, depois do Congresso *Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900*, deu-se no MNSR a inauguração da exposição de longa duração. A mesma deu início com um momento musical da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, seguindo-se António Ponte, Diretor do Museu. Este descreveu a construção da exposição de longa duração como um trabalho de forma participada e crítica, que se prolongou durante dois anos em que assumiu a direção. O mesmo levantou uma série

de questões que assumiu terem sido guias na construção da exposição “O que deve ser um museu? Que prioridades? Que papel?”. Para além disso, destacou ainda a importância do Museu potenciar identidades e de construir significados, abrindo-se um espaço de democratização, de diferenças e interpretações. Nesta exposição foram construídas duas narrativas paralelas. Uma que visa dar a conhecer os movimentos, os artistas e as obras enquanto a outra conta a história da instituição. Através de reinterpretações e da construção de novos diálogos tornou-se possível traçar diferentes perspetivas, num espaço de criação sem limites. Outro desejo do Diretor é que o MNSR se torne um museu sem portas, onde o interior e o exterior se fundam. O mesmo debruçou-se sobre a importância da participação nas redes e desta instituição se tornar ativa na intervenção comunitária. António Ponte aproveitou ainda para falar da acessibilidade física e intelectual, explicando que ao longo do percurso existiam tabelas comentadas escritas de forma clara e acessível, com tradução em inglês. Relativamente às tecnologias, explicou que optaram por deixar de lado a inovação digital, para que dessa forma se gerasse uma experiência de contacto direto com a obra de arte.

De seguida, passou a palavra ao Diretor do Círculo Dr. José Figueiredo, tendo-se seguido o Ministro da Cultura Pedro Adão e Silva que descreveu este dia como uma ambição exemplar para os museus, acabando por entregar uma medalha de mérito aos Amigos do MNSR. Depois de algum tempo concentrados na receção e no pátio exterior do Museu, deu-se início à visita da nova exposição.

4.1.15. Problemas

A 6 de Dezembro estavam programadas duas visitas a turmas, uma que dava início às 14h e outra às 14h30. Por volta das 14h30 deu-se início à visita com o primeiro grupo. Foi lhes pedido que cada um escolhesse uma obra para fazer um exercício de contemplação e depois escreverem algo como palavras-chave ou um parágrafo. Foi-lhes dado uma hora para tal tarefa. Depois de uma demonstração do que era esperado, a professora dirigiu-se a mim e ao assistente de sala, explicando que não estava a perceber o que se estava a passar. Disse que tinha pedido uma visita guiada e que esta estava agendada para as 14 horas, afirmando que os estudantes ficaram bastante

tempo à espera e que tinham compromissos. Chateada, disse ainda que o SE estava muito mal organizado e que ia fazer uma reclamação.

Ao consultar a minha ficha de receção, verifiquei que as duas visitas eram dadas por orientadores diferente, mas ao falar com a técnica que se encontrava na visita a mesma disse-me que estava responsável pelas duas e que esta se tratava unicamente de um acolhimento, pedindo me que chamasse a outra técnica. Assim o fiz, e apesar da mesma se encontrar ocupada, pouco depois dirigiu-se à exposição e conversou com a professora.

Mais tarde, passei pelo gabinete da mesma para lhe perguntar se tinha conseguido resolver a situação, tendo me explicado que tinha percebido que a professora desejava apenas um acolhimento, sendo que a visita estava marcada há bastante tempo e que inicialmente o objetivo era conhecer o Museu, mas dado que se encontrava encerrado não tinha sido possível. Assim, passou a orientar uma visita na exposição da Aurélia de Souza e mostrou-lhe parte do Museu. A técnica desabafou ainda que o verdadeiro problema era serem tão poucas pessoas a trabalhar no SE, acrescentando “ainda bem que existe uma Francisca!”.

A 5 de Janeiro de 2023 estavam marcadas duas visitas orientadas para essa tarde, uma para as 14h e outra para as 15h, sendo que acabaram as suas por sofrer um atraso considerável, a primeira de pouco menos de meia hora e a segunda de uma hora. Atrasos que levaram os responsáveis pelos grupos a queixarem-se.

Outra questão que penso ser importante abordar são as dificuldades ao nível do estacionamento, que surgiram em duas ocasiões que estive presente durante o decorrer de visitas. Em ambas as situações a orientadora teve de se retirar para tirar o seu carro do parque de estacionamento, a fim de permitir a saída de outro veículo. Este processo envolveu um tempo considerável, dado que a mesma não pôde simplesmente recuar e estacionar novamente, tendo de ir dar a volta. Não tendo conhecimento das razões por trás desta dificuldade de estacionamento ou da urgência da saída, considero que a espera prolongada, especialmente para públicos seniores, não se justifica, podendo causar algum impacto na experiência dos mesmos.

A 17 de Janeiro conversei com uma técnica que estava responsável por fazer o contacto com a Associação de Surdos. A mesma disse-me que o senhor com quem estava a planear esta parceria se encontrava doente, não tendo sido possível

estabelecer-se esta dinâmica, acrescentado que futuramente iria voltar a fazer este contacto.

A 19 de Janeiro, durante a performance “Desfazer - Monólogo para um Museu”, numa sala de exposições temporárias, foi-me possível verificar a dificuldade enfrentada por um senhor de aproximadamente 70 anos ao tentar sentar-se. O único local onde os visitantes se poderiam sentar era na própria escadaria, sendo este um desafio significativo para visitantes mais velhos ou com mobilidade reduzida. Não existia qualquer outro assento na sala. Este é um fator que pode facilmente afetar a experiência do visitante de forma substancial. Depois desta observação informei alguns técnicos do Museu, sendo que nas atividades seguintes já disponibilizaram cadeiras.

Noutro dia, um técnico comentou comigo que sentia uma tensão entre o SE e a direção, mas que este era um problema que perdurava antes da atual gestão. O mesmo acrescentou ainda que sentia uma falta de resposta por parte da mesma, desabafando que o SE era a pobreza do museu, e que na sua perspetiva era o setor mais importante.

No decorrer de uma oficina em que utilizava a máquina fotográfica da instituição, esta ficou com memória cheia. Foi nesse momento que me transmitiram que já tinham alertado a Direção sobre a necessidade de um disco rígido. Um dos técnicos acabou por expressar a sua frustração ao afirmar que estava cansado de utilizar os seus próprios recursos no Museu.

Depois de muitas horas de observação, posso ainda salientar que muito raramente as visitas orientadas terminavam às horas estipuladas, sendo que por vezes prolongaram-se por mais de uma hora daquela que estava marcada. A orientação de visitas gerais na exposição de longa duração torna-se muito complicada de gerir devido à grande quantidade de salas, temáticas e obras. Claro será que para alguns quanto mais tempo melhor, mas para outros a visita torna-se num momento bastante cansativo.

4.1.16. Comunicação

Ao conversar com um dos técnicos de Comunicação, o mesmo referiu que no período em que o Museu se encontrava fechado devido ao confinamento em tempo de pandemia a única maneira de chegar aos jovens era através do meio digital. O mesmo mencionou ainda que foi lançada uma publicação que apresentava uma animação de

um autorretrato de Aurélia de Souza a mover a cabeça ao ritmo de uma música não clássica. Depois dessa publicação, o mesmo recebeu vários emails para eliminar a publicação. “Disseram que a Aurélia era uma pessoa séria”. Outro técnico de outro departamento também desabafou sobre o conservadorismo e a falta de humor por parte de alguns técnicos.

Ao nível da comunicação, é importante que o Museu tenha consciência de que desejando ser um museu para todos não se devem dirigir apenas aos públicos mais conservadores. Através das redes sociais, o Museu consegue chegar a vários públicos, e portanto, deve optar por uma linguagem mais recorrente, clara e direta, devendo se ajustar às novas tendências - criação de reels, utilização de músicas e promoção de interações através de perguntas ou caixas de comentários. Este compromisso com a inovação e que visem a inclusão podem vir a fortalecer significativamente o envolvimento do público com o museu.

4.1.17. Síntese

A partir da observação direta, foi-me possível perceber que o objetivo do SE é, no fundo, ajudar a desenvolver o potencial dos seus visitantes, tentando marcar não só a sua visita ao museu como contribuir para a transformação dos mesmos enquanto pessoas. A Dra. Paula tinha como seu objetivo estimular os indivíduos de forma a que se pusessem no pé do outro, que desenvolvessem a sua imaginação e fossem capazes, dessa forma, de acionar os seus cinco sentidos. De acordo com o que a mesma dizia, esta ação para além de ser importante a nível neurológico, revelava-se também uma forma do indivíduo se aproximar da obra de arte, de criar uma relação mais intensa e de a guardar consigo na sua memória, podendo assim potenciar novos pensamentos e relações no futuro. O seu trabalho passava muito por lançar questões sem resposta certa, acabando por abrir, por vezes, novos caminhos inesperados, estimulando os visitantes a darem asas aos seus pensamentos e a construírem significados a partir do que viam.

Esta prática é muito diferente da recorrente nos museus, onde a maior parte das vezes o orientador faz uma leitura de todas as obras, acabando por ser uma experiência muito exaustiva. A Dra. Paula disse-me inúmeras vezes que a seu ver não faria sentido uma visita ao museu para ver todas as obras. Ninguém tem a capacidade

de poder observar e parar para pensar em todas elas. A ida ao museu não deve ser uma correria nem deve ser cansativa, mas um momento de pausa, de relaxamento. Caso contrário porque alguém haveria de querer voltar?

Pela minha experiência, enquanto visitante e enquanto observadora, a abordagem mais recorrente torna a ida ao museu num momento realmente cansativo, não só fisicamente como intelectualmente. Devido à grande quantidade de obras nestas instituições as visitas costumam-se estender durante bastante tempo para lá do determinado, devido à insistência por parte dos orientadores de descrever todas as obras expostas. Passam tanta informação aos visitantes que estes acabam a visita mesmo com vontade de ir embora, e acabam por não voltar tão cedo. Nestas visitas, raramente é aberto espaço para os visitantes pararem, pensarem, questionarem-se e comentarem.

Posso mesmo dizer que durante o período que estive em terreno foi perceptível a forma como, de um modo geral, os visitantes se sentiram perante ambas as modalidades. Os indivíduos que seguiram uma visita mais leve mostravam-se mais interessados, mais ativos e participativos, agradecendo no final com grande entusiasmo. Já no caso de visitas mais estandardizadas, onde os orientadores passavam o máximo de informação possível das obras expostas, os visitantes aparentavam estar mais cansados, menos interessados e menos participativos. Com isto refiro-me à generalidade, tendo havido, claro será, exceções, em que alguns indivíduos se terão mostrado bastante atentos e mesmo participativos nas últimas visitas referidas.

Durante este estágio, questionei se não existia um inventário das atividades realizadas. Segundo a Dra. Paula Azeredo, essa prática não é recorrente, mas isso não a impede de fazer ela mesma essas anotações sobre o que realizou nas diferentes atividades e de como correram. No entanto, passo a frisar a importância de um inventário ser feito, acompanhado de uma descrição de como as atividades resultaram. A importância desta ação prende-se com o facto de que serve de avaliação para os técnicos perceberem o que poderá estar a resultar e o que poderá estar a falhar e ainda por ser uma ajuda na construção de programações para exposições futuras. Continuando deste modo, muito irá cair em esquecimento. E na eventualidade dos

profissionais serem outros poderão cair nos mesmos erros, o que poderá ser facilmente evitado. Para além disso, a redação das atividades é um momento importante de reflexão do trabalho para o profissional.

Não esquecendo as dificuldades sentidas pelo SE, foi notória a necessidade de aumentar esta equipa. O MNSR tem tido cada vez mais visitantes e participantes nas atividades. Como conseguimos perceber, este aumento na procura leva facilmente à necessidade de mais trabalhadores. Durante o estágio estive presente em momentos em que foi bastante complicado gerir as visitas com tão poucos técnicos dedicados às mesmas. Como sabemos, a maioria das turmas chega a ter cerca de trinta alunos, e para uma boa visita a turma deve ser dividida em pelo menos dois grupos. E como sabemos, é costume uma escola organizar visitas para várias turmas no mesmo dia, de forma a aproveitar a saída dos professores. No entanto, o SE não consegue dar resposta a esta necessidade, conseguindo orientar visitas para apenas uma turma a determinado horário. A contratação de mais uma técnica certamente irá ajudar, mas ainda assim esta equipa deveria ser maior.

Importa também salientar que o trabalho do SE para além de exigir uma grande preparação das atividades obriga a um estudo constante. O técnico tem de aprofundar os seus conhecimentos acerca dos diferentes artistas, objetos e temáticas e tem de ter sempre um grande conhecimento no contexto histórico, cultural e social dos objetos em causa de forma a construir uma teia de significados. Para além deste conhecimento em torno da arte, os profissionais têm também de ter capacidade para adaptar as visitas aos diferentes públicos, sendo que para os públicos mais novos é exigido um cuidado redobrado. Ter consciência das capacidades e saber quais as melhores técnicas a utilizar perante determinado grupo exige também um estudo cuidado e aprofundado. Outro aspeto muito importante é o SE ter a capacidade de se dirigir a públicos com necessidades especiais. No caso do MNSR, para além de não existir um técnico capaz de orientar uma visita com linguagem gestual, o Museu não tem nenhuma parceria com entidades que o possam fazer. Numa das visitas orientadas em que estive presente foi perfeitamente visível que o Museu não tem capacidades para receber visitantes com incapacidade visual pois não tem os materiais e recursos necessários.

Outro aspeto que não consegui deixar de notar foi a falta de interação entre o SE e os outros técnicos do Museu, sendo que muito raramente os vi no decorrer das atividades. Considerando a multidisciplinaridade um fator importante para o sucesso de trabalhos como este, penso que a presença de outros técnicos e o debater de ideias poderiam ser uma mais-valia.

4.2 Análise dos inquéritos aos trabalhadores

O inquérito foi enviado por correio eletrónico para 16 trabalhadores do Museu e esteve disponível desde 27 de Março de 2023, tendo sido recolhidas apenas 10 respostas, sendo que 3 não foram contabilizadas na análise dos dados por se tratarem de inquéritos não terminados.

O inquérito, constituído por diferentes grupos com o objetivo de apurar a caracterização sociodemográfica do indivíduo e a sua percepção relativamente ao MNSR, prendia-se com a necessidade de responder à questão - Quem são as pessoas que moldam, em primeiro lugar, as exposições no MNSR? Quem são os mediadores? É desta forma que nos é possível identificar semelhanças ou diferenças entre os técnicos de forma a perceber quem são estes profissionais e quais são os seus estilos de vida. Algumas das questões levam-nos também a refletir sobre o seu bem estar, não só na vida profissional como em geral, acabando tudo por se interligar. Claro será ainda que o grupo relativo às percepções do indivíduo sobre o Museu tivesse como fim recolher informações relevantes para a avaliação do SE.

Passando à análise dos dados recolhidos, podemos dizer que com uma amostra de sete indivíduos, a grande maioria é do sexo feminino, sendo apenas um dos inquiridos do sexo masculino (anexo 19, gráfico 1). Relativamente à faixa etária dos trabalhadores (anexo 19, gráfico 2), a mais representada é a de 50-60 anos, correspondendo a 42,9% do total do grupo. As faixas etárias de 40-50 anos e de 50-70 anos são igualmente representadas por dois indivíduos cada. Isto poderá indicar que o Museu possui uma equipa com uma quantidade significativa de experiência no contexto laboral. Podemos ainda dizer que apesar de existirem trabalhadores de diferentes faixas etárias, é perceptível que não existem trabalhadores jovens.

A amostra apresenta-se na sua totalidade de naturalidade portuguesa, exceto um indivíduo que é natural de Angola (anexo 19, gráfico 3). Os inquiridos nascidos em Portugal são oriundos de várias regiões, incluindo duas das maiores cidades do país, Porto e Lisboa, como de localidades menores como Vila do Conde e Sever do Vouga (anexo 19, gráfico 4). Podemos atentar que a presença de trabalhadores oriundos das maiores cidades é predominante, o que poderá estar relacionado com uma oportunidade educacional e profissional mais ampla em áreas urbanas.

Quando inquiridos relativamente ao seu estado civil, a grande maioria respondeu que se encontrava casada, sendo que apenas dois indivíduos se encontravam divorciados. No que diz respeito ao local de residência, todos os inquiridos vivem na Área Metropolitana do Porto, sendo que três deles responderam viver no Porto. Os restantes vivem em Gondomar, Maia, Pedroso e Vila do Conde. Esta proximidade é de grande importância, dado que tempos de deslocamento mais curtos contribuem para o aumento da qualidade de vida dos trabalhadores. Estas são condições que podem contribuir não só para uma questão de pontualidade mas de bem estar e satisfação no trabalho. Ao responderem à questão “Já viveu noutra localidade?” a grande maioria respondeu que sim.

Em resposta à questão “Em que tipo de habitação está a residir?” cinco dos inquiridos afirmaram viver numa casa de propriedade, enquanto dois responderam viver num apartamento arrendado. Podemos dizer que os indivíduos que vivem em casa própria têm à partida uma vida mais estável. O facto de um indivíduo viver num apartamento arrendado pode estar relacionado com uma questão financeira ou com uma questão de maior flexibilidade. Mas ainda assim, podemos dizer que nos dias de hoje, residir num apartamento alugado acaba por muitas vezes trazer algumas inseguranças, devido às subidas de valor e despejamentos.

Quando questionados se tinham filhos, seis dos inquiridos responderam de forma afirmativa. Relativamente à composição do grupo doméstico desta amostra, cinco indivíduos vivem com o seu cônjuge e filhos, sendo que apenas dois indivíduos afirmam viver sozinhos. A grande percentagem de trabalhadores com filhos e que vivem com a sua família pode ser demonstrador de responsabilidades familiares significativas, o que poderá influenciar o compromisso estabelecido no contexto

laboral. Já os indivíduos que vivem sozinhos poderão estar mais disponíveis para eventuais trabalhos fora do horário regular ou viagens que poderão ser necessárias.

Relativamente ao nível de escolaridade dos pais dos inquiridos, verifica-se que 52,7% das mães possui uma licenciatura (anexo 19, gráfico 5) e 42,9% dos pais são também licenciados (anexo 19, gráfico 6). De uma forma geral, podemos dizer que possuem um nível significativo de escolaridade académica. Não podemos esquecer que na época em questão, as oportunidades de acesso ao ensino superior eram consideravelmente limitadas. O facto de muitos pais terem atingido um alto nível de escolaridade pode ter influenciado estes indivíduos a valorizar a educação, até porque nestes contextos a transmissão de capital cultural e social foi certamente bastante significativo.

Já no que diz respeito às habilitações académicas (anexo 19, gráfico 7), podemos dizer que o grupo possui um elevado nível de qualificação. Apenas um dos indivíduos concluiu os seus estudos com a licenciatura, sendo que um outro complementou-a com uma pós-graduação. É possível verificar ainda uma tendência para a continuação dos estudos numa busca de especialização e maior qualificação através do mestrado, sendo que quatro indivíduos seguiram por esse caminho. Para além disso, um dos inquiridos possui doutoramento. A elevada qualificação do grupo dá a entender que a equipa do Museu é constituída por indivíduos altamente conhecedores, competentes e especializados.

Quando questionados se frequentaram alguma formação extracurricular, seis dos inquiridos responderam que sim, o que acaba por demonstrar um forte interesse pelo desenvolvimento contínuo e aquisição de novas competências. As formações referenciadas pelos mesmos foram as seguintes: Administração Pública, Formação de Formadores, Formação em Museologia e Gestão das Artes. Relativamente às suas áreas de formação, destacam-se a História da Arte, a História e a Museologia, havendo também indivíduos que se formaram em Ciências da Comunicação e Finanças Empresariais. Como podemos ver, as áreas de formação académica dos trabalhadores do Museu são bastante diversificadas, sendo todas elas de grande importância para a gestão, curadoria e operação do Museu. Essa mesma variedade pode ser muito positiva para a instituição, levando à construção de uma equipa multidisciplinar.

No inquérito era também pedido aos inquiridos que explicitassem qual o cargo que ocupavam na instituição. As respostas foram as seguintes: Técnico Superior, Gestor de coleção, Coordenador da Casa-Museu Fernando de Castro e Diretor. Ao analisarmos as atividades profissionais exercidas anteriormente ao cargo atual por parte dos inquiridos notamos que de uma forma geral estes indivíduos já se encontravam ativos em trabalhos muito semelhantes aos atuais, tendo à partida, capacidades para tal. As respostas variaram entre: Técnico Superior, Museólogo, Técnico Superior de Marketing e Comunicação, Professor, Diretor da Direção Regional da Cultura do Norte e Coordenador da Casa-Museu Anastácio Gonçalves. À questão “Atualmente trabalha na sua área de formação?”, seis dos inquiridos responderam de forma afirmativa, tendo apenas um indivíduo respondido que não.

Relativamente ao salário médio mensal, quatro dos inquiridos afirmam receber entre 2000-2500 euros, sendo que apenas um recebe um salário entre 1000-1500 euros, um outro entre 1500-2000 euros e por fim, apenas um que recebe um salário de 3000 euros. Todos eles encontram-se ativos através de um contrato a tempo indeterminado. De uma forma geral, os trabalhadores recebem um valor significativo, o que é realmente importante não só para o bom desempenho dos mesmos como acaba por se tornar bastante impactante ao nível da qualidade de vida.

Os vários indivíduos responderam encontrar-se satisfeitos com o seu trabalho, mas quando questionados se se sentiam valorizados, apenas seis o afirmaram, sendo que um dos inquiridos respondeu que apesar de se sentir valorizado pelos públicos não se sentia valorizado pelas direções.

A dado momento, pedi aos inquiridos que seleccionassem quais os aspetos que consideram mais importantes no seu trabalho. Todos eles destacaram a importância da capacidade de trabalhar em equipa e de ter um pensamento crítico. A comunicação oral e a capacidade de resolução de problemas são também muito valorizadas, sendo que seis dos inquiridos as consideraram cruciais. Cinco dos inquiridos destacaram ainda a capacidade de planeamento/organização e a criatividade como aspetos importantes. A capacidade de síntese, de escrita e de decisão é considerada menos relevante mas ainda importante, tendo sido assinalada por quatro indivíduos.

Outra questão colocada foi relativamente à deslocação para o trabalho. A grande maioria respondeu deslocar-se de automóvel, sendo que um desses indivíduos

referiu também se deslocar a pé e outro indivíduo de autocarro. Apenas um dos indivíduos respondeu deslocar-se unicamente a pé. Relativamente à duração da deslocação casa-trabalho, estes trajetos estendem-se de menos de quinze minutos até uma hora. Dois indivíduos demoram menos de 15 minutos a chegar, um indivíduo demora entre 15 e 30 minutos, dois demoram entre 30-45 e outros dois demoram entre 45-60 minutos. Os indivíduos que demoram mais tempo neste trajeto certamente enfrentam um maior cansaço diário, tal como acabam por ter um maior custo monetário com essa deslocação.

Questionados sobre uma série de práticas artísticas, é de referenciar que todos os inquiridos confirmaram algum tipo de prática, sendo que alguns deles destacaram não apenas uma mas várias. Desde modo, a equipa do MNSR revela assim um interesse generalizado em atividades criativas e formas de expressão, atividades estas que certamente contribuíram para um bom desempenho no contexto laboral. Seis dos inquiridos responderam ter como prática a escrita. Apenas três responderam dedicar-se à pintura/desenho, tal como à música. Apenas um dos inquiridos revelou praticar fotografia/vídeo. Com uma caixa de comentário para explicitarem outras práticas que pudessem ter, um dos indivíduos salientou praticar jardinagem e outro revelou o seu interesse pela culinária.

Para além disso, os indivíduos foram também questionados sobre os espaços culturais que frequentaram nos últimos 12 meses. Todos eles afirmaram ter visitado outro museu e um monumento histórico, tal como ter visto um filme no cinema. Cinco dos inquiridos afirmaram ter frequentado pelo menos uma galeria de arte, e apenas quatro dos indivíduos frequentaram o teatro e bibliotecas. Deste modo, podemos concluir que todos eles têm um forte interesse na cultura, área em que também trabalham.

Quando enfrentados com algumas questões relativas ao MNSR, seis dos inquiridos concordaram que o Museu incentivava à participação. Cinco concordaram que incentivava ao diálogo e debate de ideias e que era um espaço que promovia a diversidade. Quatro indivíduos estavam de acordo que o MNSR é um Museu acessível e inclusivo, e apenas três concordaram que este promovia a sustentabilidade. Desta forma, podemos concluir que o Museu certamente faz um bom trabalho ao criar um ambiente interativo com o visitante. A perceção de que o Museu é acessível e inclusivo

por quatro inquiridos pode sugerir que embora haja esforços nesse sentido haja ainda espaço para melhorias. Relativamente à sustentabilidade, e tendo em conta uma menor concordância, este pode ser um aspeto menos valorizado no Museu, podendo ser alvo de reflexão futura para um reforço de novas práticas.

Todos os inquiridos afirmaram acompanhar o trabalho do SE. De uma forma geral, o serviço foi bem avaliado, sendo que dois indivíduos avaliaram como muito bom e quatro avaliaram como bom. Ainda assim, um dos indivíduos considerou o trabalho do serviço como mau (anexo 19, gráfico 8). O facto da maioria dos inquiridos avaliar o serviço de forma positiva é um bom indicativo de que o SE está a fazer um bom trabalho, ainda assim, tendo em conta a avaliação negativa, é realmente importante que uma boa investigação seja feita de forma a se identificar os aspetos a serem melhorados.

Por fim, importa salientar que a amostra não é completamente representativa da população em estudo, não refletindo com precisão as características dos trabalhadores do MNSR em geral.

4.3. Análise dos inquéritos aos participantes de visitas e oficinas

Como referido anteriormente, os inquéritos aos visitantes foram aplicados presencialmente após terminada a atividade. Na totalidade, foram recolhidos 73 inquéritos que foram posteriormente analisados. Sendo os participantes das atividades o público-alvo deste projeto, a preocupação maior desta avaliação é a perceção dos mesmos.

Tendo em conta a amostra aqui representada, foi possível verificar que 69,9% da população inquirida encontrava-se a visitar o MNSR pela primeira vez (anexo 20, gráfico 1). No que diz respeito à frequência com que visitaram o Museu nos últimos 12 meses, constatou-se que pelo menos 53,4% dos inquiridos visitaram-no apenas uma vez, 5,5% visitaram-no duas vezes e 4,1% três vezes. Há ainda dois casos que se destacam - um dos inquiridos referiu ter visitado doze vezes, enquanto outro indicou ter realizado vinte visitas. Importa ainda referir que 32,9% dos inquiridos não responderam a esta questão. Ainda assim, dado que 69,9% visitara o museu pela primeira vez e apenas 53,4% afirmou ser a primeira visita nos últimos doze meses,

sabemos que à partida, pelo menos 16,5% do grupo que não respondeu à questão também só tinha visitado o museu uma vez durante esse período.

Quando inquiridos sobre com quem realizaram a visita (anexo 20, gráfico 2), a maioria (54,8%) indicou ter realizado a visita com um grupo escolar. Um total de 20,5% respondeu ter participado na visita com uma associação, enquanto 11% afirmaram ter estado acompanhados por familiares. Para além disso, 9,6% da amostra realizou a visita de forma autónoma e 2,7% fizeram-se acompanhar por amigos. Por fim, 1,4% dos inquiridos optaram por não responder a esta questão.

Relativamente ao modo como conheceram o MNSR (anexo 20, gráfico 3), a grande maioria (75,3%) afirmou conhecer através de uma instituição ou associação, 11% através de amigos ou familiares, 5,5% através de redes sociais, 2,7% através da televisão e 1,4% através da rádio ou jornais. Um total de 4,1% da amostra não respondeu a esta questão.

Através destes dados é nos possível verificar a capacidade do Museu de atrair novos públicos. Para além disso, é perceptível a importância de parcerias com instituições e associações, como escolas e universidades.

No que diz respeito ao tipo de bilhete utilizado (anexo 20, gráfico 4), 74% da amostra entrou com um bilhete gratuito, 11% entrou com um bilhete com desconto e 9,6% com um bilhete normal. Um total de 5,5% da amostra não respondeu a esta questão.

Quando questionados se esta foi a primeira vez que participaram em atividades promovidas pelo Museu (anexo 20, gráfico 5), 79,5% da população inquirida respondeu afirmativamente, 16,4% respondeu que já tinha participado anteriormente e 4,1% preferiu não responder. Relativamente à frequência com que participam nas atividades do Museu, 11% dos inquiridos responderam participar uma vez por ano. Um dos participantes referiu frequentar regularmente a Peça do Mês, outro afirmou participar sempre que havia atividades e um terceiro mencionou frequentar várias vezes. Por fim, 83,6% da amostra não respondeu a esta questão, sendo que, conforme vimos anteriormente, pelo menos 79,5% dos inquiridos nunca tinham participado em atividades promovidas pelo Museu.

Quando questionados sobre a forma como tiveram conhecimento das atividades (anexo 20, gráfico 6), 50,7% dos inquiridos indicaram que foi através de uma

associação ou instituição, o que demonstra novamente a importância de parcerias institucionais, bastante eficazes na divulgação do Museu. Apesar das redes sociais serem uma ferramenta com grande potencial a nível da comunicação apenas 6,8% mencionou ter conhecimento das atividades através das redes sociais do Museu e 8,2% através de outras redes sociais. Para além disso, 6,8% da amostra mencionou outros meios de comunicação social e 1,4% afirmaram ter sido através da televisão, rádio ou jornais. Este alcance limitado dos meios de comunicação social mais tradicionais eram, de certo modo, esperados devido à mudança de hábitos de consumo de informação na sociedade contemporânea. A comunicação direta também se destaca, sendo que 4,1% referiram a newsletter do Museu e outros 4,1% mencionaram um amigo ou familiar. Uma parte da amostra (17,8%) optou por não responder a esta questão.

As respostas à questão sobre a atividade que mais agradou aos inquiridos revelaram uma grande diversidade de interesses, com algumas a destacarem-se de forma significativa. Embora alguns inquiridos não tenham especificado a atividade que mais gostaram, aproveitaram para referir qual o aspeto que mais lhes agradou na experiência que tiveram. A atividade mais referida foi a visita orientada, destacada por 26% dos inquiridos. Outros indivíduos especificaram essas visitas, sendo que 2,7% da amostra mencionou a visita à Exposição da Aurélia de Souza, 2,7% a visita orientada aos jardins, 1,4% a visita orientada às esculturas, 1,4% a visita orientada às reservas e 1,4% a visita orientada à cerâmica e ateliers educativos. Adicionalmente, 4,1% da amostra mencionou a Peça do Mês, 4,1% os Workshops com materiais reciclados, 2,7% as oficinas de escrita criativa e 1,4% o workshop de modelar argila. A Conferência de Aurélia de Souza e conhecer a história do Museu e as obras de Soares dos Reis foram também ambos salientados por um dos visitantes. Por fim, importa sublinhar que 6,8% dos inquiridos destacaram a qualidade do orientador, sendo que mais 2,7% mencionaram terem gostado de tudo, principalmente do orientador, outros 2,7% mencionaram a visita orientada e o orientador, e 1,4% dos inquiridos responderam terem gostado de tudo. É importante notar que a predominância das visitas orientadas deve-se ao facto de uma grande percentagem da amostra estar a visitar o Museu pela primeira vez, participando numa visita orientada e não numa oficina. Estes dados podem ainda nos indicar como os visitantes valorizam o MNSR como um lugar de

participação ativa. A ênfase dada na qualidade do orientador reforça também a importância desta interação, tornando-se esta uma experiência muito enriquecedora.

A grande maioria dos participantes considerou a atividade realizada marcante (anexo 20, gráfico 7). Destes, 50,7% concordaram e 28,8% concordaram totalmente. Uma parte (15,1%) afirmou não discordar nem concordar e apenas 2,7% não concordou. Não foi obtida resposta de 2,7% da amostra. Quando questionados se recomendariam a um amigo ou familiar (anexo 20, gráfico 8) apenas uma pessoa não respondeu à questão, sendo que a totalidade de respostas obtidas foi positiva. Destes, 68,5% responderam concordar totalmente e 30,1% responderam concordar. Outra questão colocada foi se a atividade realizada levou os participantes a refletir sobre o seu papel na sociedade (anexo 20, gráfico 9), sendo que 35,6% afirmou concordar, 24,7% concordou totalmente, 21,9% não discordou nem concordou, 8,2% afirmou discordar totalmente e 6,8% discordou. Verificou-se ainda que 2,7% da amostra não respondeu. Posto isto, podemos dizer que a atividade realizada teve um impacto significativo na maioria dos participantes. Já no que diz respeito à reflexão sobre o papel dos participantes na sociedade, apesar de 60,3% da amostra confirmar que a atividade realizada os levaram a pensar nesse tema, é importante notar que uma parte considerável acabou por se posicionar de forma neutra e outra parte indicou que a atividade não potenciou essa reflexão. Desse modo, o SE poderá trabalhar nesse sentido, de se esforçar para conseguirem potenciar esta reflexão num maior número de indivíduos e dessa forma conseguir provocar um maior impacto através de uma reflexão profunda.

Quando questionados sobre se adquiriram novas competências (anexo 20, gráfico 10), 71,2% respondeu afirmativamente, 9,6% respondeu negativamente e 19,2% optou por não responder. Apesar de 30,1% não ter especificado quais as competências que adquiriram, foi possível verificar que 20,5% afirmaram ter adquirido conhecimentos sobre arte, 17,8% mencionaram ter adquirido conhecimentos sobre a cultura portuguesa e 11% novas competências na própria observação das obras. Adicionalmente, 4,1% referiram ter adquirido novas competências a nível da criatividade/imaginação, outros 4,1% adquiriram novas técnicas de escrita, 2,7% novas competências na análise sensorial das obras e outros 2,7% novos conhecimentos sobre a história do museu. Por fim, foram mencionados outros aspetos como competências

profissionais e pessoais, a consciência ambiental, a reutilização de materiais, a reflexão e o respeito e a compreensão da visão do artista. Através destes dados, podemos verificar que a maioria considerou a visita ao MNSR uma oportunidade de adquirir novas competências, sendo importante reforçar que estas foram variadas. Ainda assim, parece haver espaço para melhorar a clareza destas aprendizagens, para que todos os participantes consigam identificar facilmente as aprendizagens desenvolvidas.

Relativamente ao que os visitantes mais gostaram ao visitar o MNSR, 35,6% destacaram as obras de arte como o principal ponto de interesse. De seguida, a orientadora foi o aspeto mais mencionado (13,7%). A obtenção de conhecimento sobre os artistas foi também valorizada (8,2%), tal como a apresentação e disposição das obras (6,8%). Alguns indivíduos (5,5%) afirmaram ter gostado de tudo, 2,7% mencionaram a história do museu, 2,7% mencionaram a visita orientada e outros 2,7% a oficina. O contacto com a cultura portuguesa, a aprendizagem obtida, a exposição, a interação com outras famílias e os ateliês educativos foram também mencionados. Por fim, 13,7% da amostra optaram por não responder. Deste modo, podemos concluir que o Museu consegue satisfazer diferentes interesses, proporcionando assim uma experiência bastante rica. Mais uma vez, podemos perceber a importância da mediação cultural e da aprendizagem, apresentando-se o MNSR como um espaço que para além da fruição estética e contemplativa promove também a educação.

Quando questionados se consideravam o MNSR um espaço de diálogos e troca de conhecimentos (anexo 20, gráfico 11), 84,9% responderam afirmativamente, 4,1% responderam não saber e 11% optou por não responder. Quer isto dizer que de uma forma geral, o Museu é reconhecido pelos seus visitantes como um ponto de encontro para a reflexão, discussão e aprendizagem conjunta.

Outra das questões presentes neste inquérito procurava saber de que forma o visitante achava que o MNSR poderia melhorar a sua relação com a cidade. Aqui, foi nos possível obter uma grande diversidade de respostas às quais devemos dar a atenção merecida. Um grupo de indivíduos (11%) respondeu que a melhor forma do MNSR melhorar a sua relação com a cidade seria através de uma maior divulgação na mesma, recorrendo à colocação de cartazes de obras da coleção e de uma maior sinalização. Outros indivíduos (6,8%) responderam que a realização de atividades/experiências fora de portas em espaço público seria uma boa opção. Outro grupo de

5,5% chamaram a atenção para a importância das parcerias com escolas, universidades e centros educativos. A existência de serviço de restauração foi também destacada (2,7%), assim como a necessidade de uma maior relação entre as exposições e os acontecimentos e história da cidade (2,7%), além da divulgação de mais informação (2,7%). Outras sugestões foram dadas como a colocação do museu à disposição da comunidade, não só local mas nacional e até mesmo para exposições internacionais (1,4%), a existência de exposições temporárias de arte contemporânea (1,4%) e de exposições temporárias relacionadas com acontecimentos relevantes (1,4%). Mais dias do Museu (1,4%) foram também indicados, tal como concursos de arte urbana (1,4%), atividades complementares como congressos ou clubes de debate (1,4%), visitas teatralizadas (1,4%), workshops (1,4%), atividades do teor das realizadas (1,4%) e a promoção de diálogos com outras formas de arte (1,4%). Para além disso, a divulgação de informação sobre a cidade em outras épocas (1,4%) foi também mencionada, tal como entradas livres (1,4%), mais visitas de pessoas da cidade (1,4%) e ensinando que a arte é cultura (1,4%). Por fim, importa salientar que 6,8% da amostra respondeu não saber e 39,7% não respondeu à questão. Estas sugestões demonstram que há uma série de formas do MNSR fortalecer a sua relação com a cidade. Muitos dos visitantes acreditam que uma maior visibilidade e presença do Museu na cidade pode atrair mais visitantes, e desse modo reforçar a ligação com a comunidade. As parcerias com instituições como escolas e universidades poderiam também ser uma forma do Museu demonstrar a sua preocupação em estabelecer uma relação mais estreita com a cidade, principalmente no meio educacional e cultural. Outras sugestões prendem-se com o Museu tornar-se um centro cultural mais dinâmico, através da organização de exposições e atividades para diferentes tipos de públicos.

Chegados ao momento de avaliação do SE, foi solicitado aos visitantes que avaliassem o MNSR em seis parâmetros. No que respeita ao uso de linguagem clara, simples e adequada (anexo 20, gráfico 12), a grande maioria (80,8%) avaliou o SE como excelente, 13,7% como muito bom, 4,1% como bom e 1,4% como muito mau. Através destes dados podemos verificar que uma grande maioria se encontra satisfeita com a comunicação por parte do Museu, o que é fundamental para a compreensão e disseminação de conhecimento. Relativamente à prestação de informação completa (anexo 20, gráfico 13), 75,3% avaliou como excelente, 16,4% como muito bom, 5,5%

como bom e 2,7% como mau. A taxa de satisfação é bastante positiva, ainda assim, podemos concluir que há sempre espaço para melhorias. A existência de informação adicional, através de folhas de sala, por exemplo, poderia ser uma boa opção. Quanto à disponibilidade dos trabalhadores para responder a questões (anexo 20, gráfico 14), 89% considerou excelente, 8,2% muito bom e 2,7% bom. Através deste parâmetro é nos possível verificar a eficácia da comunicação entre orientador e visitante, o que se torna realmente importante para que a visita se torne um momento significativo para o mesmo. No que concerne o conteúdo das atividades (anexo 20, gráfico 15), 69,9% avaliou como excelente, 21,9% como muito bom, 2,7% como bom. Alguns indivíduos (5,5%) optaram por não responder, o que poderá estar relacionado com a falta de conhecimento sobre as atividades promovidas. Quando solicitados para avaliar a divulgação (anexo 20, gráfico 16), 49,3% avaliou como excelente, 20,5% como muito bom, 11% como bom e 5,5% como mau. Um grupo de 13,7% não respondeu a esta questão, o que poderá estar, uma vez mais, relacionado com a falta de conhecimento sobre a divulgação do museu. Apesar da maioria avaliar positivamente a divulgação por parte do Museu, os dados mostram-nos que esta poderia ser melhorada. Por fim, pedidos para avaliar a acessibilidade no museu (anexo 20, gráfico 17), 60,3% avaliou como excelente, 12,3% como muito bom, 15,1% como bom e 2,7% como mau. Alguns indivíduos (9,6%) do grupo optaram por não responder. Apesar de termos uma taxa elevada de boas avaliações no que concerne à acessibilidade, existem também dados que nos chamam a atenção para a importância de superar algumas barreiras para que o Museu se torne plenamente acessível a todos os públicos.

Aberto um espaço para sugestões, foram quinze as pessoas que contribuíram nesta secção. Destas, três destacaram a importância da disponibilização de mais bancos para que o público se pudesse sentar, descansar e observar as obras com calma. A existência de sinalética dentro do Museu foi também referida por dois indivíduos, sendo que um deles sugeriu a colocação de indicações para o SE. Outros dois indivíduos sugeriram a existência de folhas de sala, sendo que um deles propôs a existência de folhas com desafios em todas as salas. Dois indivíduos chamaram a atenção para a divulgação, sendo que um deles aconselhou uma maior presença nas redes sociais. Relativamente às visitas orientadas, um dos visitantes recomendou que o orientador disponibilizasse mais tempo para que os visitantes pudessem observar as

obras e desse modo assimilar as explicações oferecidas. Outro indivíduo sugeriu o desenvolvimento de atividades que ajudassem a potenciar competências transversais de alunos do ensino superior de ensino não artístico. Um dos visitantes recomendou um maior contato com os pontos de turismo, outro visitante aconselhou uma maior abertura à utilização dos espaços para atividades lúdicas, comerciais e educativas, em especial à infância e à terceira idade e um dos visitantes recomendou a melhoria da acessibilidade para públicos com deficiências. Para além disso, um indivíduo sugeriu a elaboração de workshops, uma prática que já é recorrente no Museu. Por fim, um dos visitantes sugeriu a criação de um cartão de visitante que permitisse acumular pontos ou trocar serviços necessários ao Museu, como por exemplo, pintar paredes ou contar visitantes, em troca de entradas gratuitas.

Relativamente à frequência com que os participantes visitam museus (anexo 20, gráfico 18), 27,4% afirma visitar raramente (1 a 3 vezes por ano), 12,3% frequentemente (entre 6 a 12 vezes por ano), 11% ocasionalmente (3 a 6 vezes por ano), 8,2% apenas quando se encontra de férias ou em viagem, 2,7% nunca e 1,4% muito frequentemente (todas as semanas). Tendo sido esta questão de resposta aberta, algumas respostas acabaram por não ser tão objetivas. Ainda assim, podemos dizer que 17,6% afirmou visitar museus muitas vezes e 2,7% mencionou visitar com alguma frequência. Um indivíduo referiu visitar de forma irregular, outro com menos frequência do que deveria, um respondeu visitar com uma frequência normal, outro regularmente e por fim, um afirmou visitar sempre que podia. Com base nas respostas obtidas, podemos concluir que a maioria dos participantes visita museus com pouca regularidade, apesar de existir até um grupo significativo que visita ocasionalmente. Relativamente à proporção notável de inquiridos que visita museus em contexto de férias ou viagem podemos concluir que é realmente importante estabelecer uma forte relação com pontos turísticos. Com base na presença de respostas menos objetivas podemos concluir que, para alguns, a visita a museus é uma atividade, de certo modo, com um padrão difícil de definir.

À questão “Onde se situavam os restantes museus que visitou nos últimos 12 meses” (anexo 20, gráfico 19 a 21), 46,6% dos indivíduos indicaram ter visitado museus situados no concelho onde vivem, 47,9% afirmaram ter visitado museus noutro concelho e 52,1% mencionaram ter visitado museus noutro país. Um grupo de 6,8%

optou por não responder a esta questão. Perante estes dados facilmente detetamos uma distribuição relativamente equilibrada, sendo que a maioria dos inquiridos mostrou interesse em museus situados fora do país onde vivem, o que nos leva uma vez mais a compreender o lugar dos museus no turismo.

Relativamente às principais razões pelas quais os participantes não visitam museus mais vezes (anexo 20, gráfico 22), destaca-se “Situam-se longe da minha área de residência”, assinalado por 34,2% do grupo, seguindo-se “não tenho tempo” mencionado por 26% e “o custo é elevado” por 11% dos indivíduos. Um grupo de 2,7% afirmou não ter interesse em visitar museus com maior frequência e um dos participantes mencionou não ter ninguém com quem ir. Houve ainda espaço para que os inquiridos apresentassem outras razões, sendo que duas pessoas afirmaram visitar museus sem qualquer limitações, duas outras por realizarem outras atividades e uma pessoa referiu não visitar mais vezes por motivos de desinformação. Outra pessoa indicou não ter nenhuma razão específica, e, por fim, uma escreveu não saber o motivo. Um grupo de 15,1% optou por não responder a esta questão. Posto isto, podemos verificar que a falta de tempo é uma das principais barreiras, o que nos mostra que visitar museus não é, à partida, uma prioridade para muitos indivíduos. Apresentando o MSNR uma exposição muito extensa constituída por um grande numero de peças, poderia ser vantajoso a promoção de visitas mais curtas ou com programas fora do horário tradicional. A Peça do Mês é um ótimo exemplo, pois além de ser uma sessão curta, decorre à hora de almoço. Mais momentos como estes poderiam ser uma excelente opção na construção da programação. Vários indivíduos referem o preço elevado destas instituições, mas com a nova medida em vigor desde 1 de Agosto de 2024, que disponibiliza 52 dias de gratuidade para residentes em Portugal numa série de museus, esta deverá ser, para esse público, uma solução (ePortugal, 2024). Relativamente ao número de respostas em falta, acredito que um dos motivos que levou a essa situação seja o facto de se tratar de visitantes que frequentam museus regularmente. A falta de interesse ou de vontade de refletir sobre o assunto poderão ser outras causas para a ausência de resposta.

Passando à caracterização sociodemográfica dos inquiridos, a grande maioria são do sexo feminino (75,3%), 23,3% do sexo masculino e 1,4% não respondeu a esta questão (anexo 20, gráfico 23). Já no que diz respeito à idade (anexo 20, gráfico 24),

27,4% da população inquirida tem entre 40 e 49 anos, 26% entre 50 e 59 anos e 20,5% entre 30 e 39 anos. 12,3% do grupo possui entre 60 e 69 anos, 8,2% entre 20 e 29 anos e 2,7% entre 70 e 79 anos. Um pequeno grupo (2,7%) optou por não responder a esta questão. No fundo, a população inquirida é maioritariamente constituída por adultos de meia idade. As faixas etárias mais jovens e mais velhas têm uma representação menor, o que poderá estar relacionada com uma menor disponibilidade ou um menor interesse.

Quanto à naturalidade dos inquiridos, destaca-se o Porto, mencionado por 20,5% da amostra, seguindo-se a Galiza com 8,2% da população. Três indivíduos referiram ser de Pontevedra, três de Lugo, dois mencionaram ser naturais de Barcelona, dois de Bilbao, dois da Corunha, dois de Santiago de Compostela, dois de Vigo e outros dois de Cangas. Outras cidades foram mencionadas como Arouca, Barcelos, Castelo de Paiva, Lisboa, Mirandela, Rio Tinto, Santo Ildefonso, Vila do Conde, Boiro, Cáceres, Cedeira, Corunha, Gijón, Palas de Rei e Pamplona. 24,7% da população não respondeu à questão. Relativamente à nacionalidade dos participantes (anexo 20, gráfico 25), 61,6% são de nacionalidade espanhola, 35,6% de nacionalidade portuguesa e 1,4% de nacionalidade brasileira. Apenas um indivíduo não respondeu a esta questão. Aqui é possível verificar a forte ligação do MNSR com o público internacional, nomeadamente de Espanha.

No que diz respeito ao estado civil (anexo 20, gráfico 26), 54,8% dos inquiridos são solteiros, 28,8% são casados, 6,8% são divorciados, 5,5% vivem em união de facto e por fim, 2,7% são viúvos. Apenas um dos participantes não respondeu a esta questão. Quando questionados sobre se tinham filhos (anexo 20, gráfico 27), 52,1% dos inquiridos afirmaram não ter filhos, 20,5% mencionaram ter dois filhos, 19,2% apenas um e 1,4% indicaram ter três filhos. Um grupo de 6,8% não respondeu a esta questão. Relativamente ao grupo doméstico dos visitantes, 24,7% dos inquiridos afirmaram viver sozinhos, 11% vivem com o seu cônjuge e filhos, 9,6% com o seu companheiro, 8,2% com o seu cônjuge e 6,8% com o seu cônjuge e um/a filho/a. Adicionalmente, um grupo de 5,5% afirmou viver com o seu pai e mãe, 4,1% vive com o seu pai, mãe e irmã/irmão e outro grupo de 4,1% referiu viver com o/a seu/sua filho/a. Um dos inquiridos indicou viver com o seu filho e companheiro, enquanto outro mencionou viver apenas com os seus filhos. Algumas respostas foram menos objetivas do que o

esperado, sendo que um indivíduo respondeu viver com duas pessoas e outro com quatro. Além disso, um inquirido respondeu viver com a sua família e outro referiu viver numa família monoparental. Por fim, 12,3% não respondeu a esta questão. De uma forma geral, a maioria dos visitantes do MNSR são à partida, indivíduos mais independentes e com menos responsabilidades familiares.

Com o objetivo de apurar as habilitações académicas dos pais dos participantes, foi lhes questionado qual o grau de ensino atingido pelos pais (anexo 20, gráfico 28 e 29). Dos inquiridos, 27,4% indicaram que a mãe concluiu o ensino primário, 17,8% que obteve uma licenciatura, 13,7% que completou o ensino básico (2º ciclo), outros 13,7% o ensino secundário, 9,6% possui um mestrado, 5,5% não teve estudos, outros 5,5% completaram o ensino básico (3º ciclo) e por fim, 1,4% alcançou o doutoramento. No que diz respeito à educação dos pais, 35,6% terminou os seus estudos ao concluir o ensino primário, 20,5% obteve uma licenciatura, 13,7% completou o ensino secundário, 11% o ensino básico (2º ciclo), 9,6% o 3º ciclo, 2,7% não teve estudos e 1,4% possui um doutoramento. Em ambas as questões a taxa de falta de resposta foi de 5,5%. Assim sendo, é nos possível observar uma grande diversidade dos níveis de educação dos pais da população inquirida. Como verificamos, há uma taxa notável de níveis relativamente baixos de educação, ao mesmo tempo que existe uma alta percentagem de pais que possuíram qualificações académicas elevadas. A diversidade dos níveis de educação leva-nos a pensar numa certa disparidade no que toca ao contexto sociocultural da população em estudo. Contudo, é importante lembrar que a habilitação académica dos mesmos pode variar substancialmente em função da faixa etária dos inquiridos, dado que para indivíduos mais jovens é mais provável que os seus pais tenham uma educação académica elevada devido ao aumento da escolarização.

Relativamente ao local de residência dos inquiridos destaca-se o Porto, localidade de 19,2% da amostra, seguindo-se Santiago de Compostela (11%), Corunha (6,8%), Vigo (6,8%), Pontevedra (5,5%), Espinho (2,7%), Cangas (2,7%) e Mérida (2,7%). Outras localidades foram mencionadas por apenas um dos visitantes, como Barcelos, Castelo de Paiva, Extremadura, Funchal, Guimarães, Lisboa, Maia, Paredes, Vila do Conde, Barcelona, Bilbao, Cáceres, Gijón, Leon, Lugo, Padrón, País Vasco e Plasencia. Quando questionados se já tinham vivido noutras localidades a grande maioria (69,9%)

respondeu afirmativamente, 13,7% respondeu negativamente e 16,4% optou por não responder.

Relativamente ao tipo de habitação em que os participantes residem (anexo 20, gráfico 30), 46,6% vive num apartamento de propriedade, 24,7% numa casa de propriedade, 21,9% num apartamento arrendado e 2,7% numa casa arrendada. Um grupo de 4,1% não respondeu a esta questão. Através destes dados podemos concluir que a maioria dos participantes reside em imóveis de propriedade, o que poderá significar uma maior estabilidade residencial e financeira.

No que diz respeito às habilitações académicas dos visitantes (anexo 20, gráfico 31), 41,1% terminou os seus estudos ao concluir a licenciatura, 30,1% possui mestrado, 11% completou o ensino secundário, 8,2% fez uma pós-graduação e 4,1% possui um doutoramento. Um grupo de 5,5% da amostra não respondeu a esta questão. Deste modo, a amostra revela uma elevada qualificação académica, sendo que apenas 11% do grupo não possui uma licenciatura. Além disso, 8,2% realizou uma pós-graduação, 30,1% possui mestrado e 4,1% alcançou um doutoramento.

Relativamente às áreas de formação (anexo 20, gráfico 32), é nos possível observar através destes dados que se destaca a área da educação (19,2%), as Línguas e Literatura (13,7%), a Gestão e Administração (11%) e as Artes (9,6%). Segue-se a área das Ciências (8,2%), da Comunicação (5,5%), do Direito (5,5%), da História (5,5%), das Ciências Sociais (4,1%), da Saúde (1,4%) e do Comércio (1,4%). Um grupo de 15,1% optou por não responder a esta questão.

Já no último grupo do inquérito que visava obter informações sobre a situação profissional dos inquiridos, foi possível apurar que a grande maioria (63%) se encontra a trabalhar a tempo inteiro, 9,6% são estudantes, 8,2% encontram-se reformados, 6,8% dos inquiridos estão desempregados, 5,5% são trabalhadores estudantes, 1,4% encontra-se a estagiar e 1,4% encontra-se a trabalhar a tempo parcial. Um grupo de 4,1% não respondeu a esta questão (anexo 20, gráfico 33). Já no que diz respeito ao tipo de contrato (anexo 20, gráfico 34), 41,1% possui um contrato a tempo indeterminado, 17,8% um contrato a tempo certo, 5,5% trabalha a recibos verdes e 1,4% trabalha sem contrato.

Pedidos para especificar a atividade profissional, é possível verificar que 47,9% da população inquirida é professora e 2,7% jornalista. Outras atividades profissionais

foram mencionadas por apenas um indivíduo como animador sociocultural, arquiteto, chefia de administração pública, editor, empresário, engenheiro, freelancer, gestor, jurista, museólogo, solicitador e técnico.

Para além disso, os inquiridos foram questionados sobre o modo como se deslocavam para o trabalho (anexo 20, gráfico 35) e qual a duração da viagem. Relativamente à deslocação, 31,5% do grupo desloca-se de automóvel, 21,9% desloca-se de autocarro, 16,4% a pé, 4,1% de comboio, 1,4% de metro e 1,4% de bicicleta. Um indivíduo disse trabalhar em teletrabalho e não necessitar de deslocação. No que diz respeito à duração da viagem, 27,4% dos inquiridos demoram até 15 minutos no percurso casa-trabalho, 16,4% demora entre 15 e 30 minutos, 8,2% entre 45-60 minutos, 5,5% entre 30-45 minutos, outros 5,5% entre 60 e 90 minutos e 2,7% demoram mais de 90 minutos. A elevada taxa de não resposta a estas questões é em grande parte devido à significativa proporção de inquiridos que não está empregada. O tempo de deslocação é um índice relevante que nos mostra o bem estar e qualidade de vida do indivíduo. O tempo de deslocação entre casa e trabalho é um fator que afeta diretamente o dia-a-dia do indivíduo, com impacto não só na vida profissional como também pessoal.

De uma forma geral, importa salientar que a ausência de algumas respostas poderão indicar uma falta de clareza ou relevância da questão para alguns participantes, ou até mesmo um desinteresse em refletir sobre determinados assuntos.

Terminada a análise destes dados, é da maior importância deixar claro que, embora seja informação muito valiosa sobre os visitantes do MNSR participantes de atividades, a dimensão da mesma é bastante reduzida tendo em conta a população em estudo. O que significa que esta poderá não refletir a diversidade e complexidade da população que frequenta o Museu. De forma a se conseguir uma visão mais complexa e representativa seria necessário continuar este estudo.

4.4 Análise do inquérito aos visitantes das oficinas para famílias

Sendo as oficinas em família uma das atividades programadas pelo SE do MNSR, procedi à construção de um inquérito com duas secções, uma dirigida às crianças e outra dirigida aos seus pais. Dado que só foram recolhidos dois inquéritos optei por proceder à análise individual.

O João referiu ter 12 anos, e esta não era a primeira vez que visitava o Museu nem que participava numa oficina. Disse ter gostado da atividade, principalmente dos desenhos que fizeram dos pais. Sobre o que gostaria de fazer no Museu, mencionou trabalhar com barro. Para além de ter vontade de voltar, não fez nenhuma crítica, não tendo havido nenhum aspeto que não tivesse gostado durante o decorrer da oficina. Passando à análise das respostas da mãe do João, esta também não era a primeira vez que visitava o Museu. Questionada sobre se consideravam que o filho tinha ganho competências na atividade decorrida, a mesma respondeu que sim, indicando a interpretação da pintura. No momento de avaliar o SE, a mãe do João avaliou a uso de linguagem clara, simples e adequada, a prestação de informação completa, a disponibilidade dos trabalhadores para responderem a perguntas, a divulgação das exposições e atividades e a acessibilidade no museu como excelente. Quanto ao conteúdo das atividades optou por não responder. Quando questionada sobre com que frequência visitava museus, respondeu visitar cerca de 6 vezes por ano, sendo que nos últimos 12 meses visitou museus unicamente no concelho onde vive. Questionada sobre porque motivo não visitava museus com mais frequência a mesma referiu não ter tempo. Quanto a práticas artísticas, a mãe do João indicou praticar pintura/desenho e fotografia/vídeo. Com 45 anos, é portuguesa, natural de Ponte Delgada, encontra-se casada e atualmente a residir no Porto. Por fim, foi possível apurar que possui um doutoramento em arquitetura.

A Joana, com 6 anos, visitou o MNSR pela primeira vez e disse ter gostado de tudo. Gostava de voltar ao Museu e disse que gostava de fazer escultura. Tal como o João, não deixou nenhuma crítica, pois não houve um único aspeto que lhe tivesse desagradado. A mãe da Joana já tinha visitado o Museu anteriormente, mas não nos últimos 12 meses, e nunca tinha participado nas atividades do Museu. Questionada sobre se a seu ver, a sua filha tinha ganho competências, a mesma respondeu que sim, mencionando o sentido crítico e a observação aperfeiçoada. Chegada à parte de avaliar o SE, avaliou o uso de linguagem clara, simples e adequada, a prestação de informação completa, a disponibilidade dos trabalhadores para responderem a perguntas, o conteúdo das atividades, a divulgação das exposições e atividades e a acessibilidade no museu como excelente. Relativamente à frequência com que visita museus, a mãe da

Joana referiu visitar de 15 em 15 dias, sendo que nos últimos 12 meses visitou tanto no concelho onde reside, como noutro concelho e ainda noutro país. Questionada sobre a questão porque motivo não frequenta museus mais vezes, a mesma indicou dever-se ao facto de não ter tempo e do preço ser elevado. Quanto às suas práticas artísticas a mãe da Joana mencionou praticar pintura/desenho. Com 44 anos, é portuguesa, natural de Castelões e encontra-se casada, atualmente a viver na cidade do Porto. Formada em arquitetura, acabou por dar continuidade aos seus estudos tirando uma pós-graduação.

Com base nestes dados, é nos possível tirar algumas conclusões sobre as oficinas em famílias, não só através da perspetivas das crianças mas também dos seus pais. Tanto o João como a Joana relataram uma experiência bastante positiva, o João gostou muito de ter desenhado os seus pais e a Joana gostou de tudo. Ambos sentem vontade de voltar, sendo que o João tem interesse em trabalhar em barro e a Joana em fazer esculturas. Nenhuma delas fez críticas à oficina, o que nos leva a perceber que a oficina em famílias foi realmente uma experiência muito agradável, pelo menos no caso destas duas crianças.

Ambas as mães consideraram que as oficinas proporcionaram competências aos seus filhos. No caso da mãe do João, esta destacou a interpretação da pintura, enquanto a mãe da Joana mencionou a melhoria do sentido crítico e da observação. É deste modo que nos é possível verificar que os pais das crianças reconhecem o valor educativo das atividades do Museu, o que é realmente importante.

Chegados ao momento de avaliar o SE, foi nos possível verificar que ambas as mães sentem um elevado nível de satisfação por parte dos serviços do Museu. Ambas destacaram a falta de tempo como um entrave a uma maior frequência em museus, sendo que a mãe da Joana também salientou o custo elevado. Estes deverão ser, futuramente, fatores a ter-se em conta ao projetar-se atividades para famílias.

Por fim, as mães de ambas as crianças revelaram um elevado nível académico, para além de dedicarem-se a práticas artísticas. Estes dados são demonstradores de algum capital cultural, o que acaba por ter uma influência muito positiva nas crianças.

A continuação deste estudo através da aplicação de mais inquéritos à população em estudo seria muito vantajoso, para que se pudesse avaliar de melhor forma os serviços do MNSR dirigido aos públicos mais jovens. Deste modo era também nos possível apurar qual o tipo de público mais presente, para que se pudessem traçar estratégias para chegar a mais e diferentes públicos.

4.5 Entrevista Coletiva CMIN

Tendo me sido solicitada a avaliação do projeto Arte e Saúde em parceria com o CMIN e depois de alguma reflexão sobre qual a melhor forma de a fazer, considerei que uma entrevista coletiva seria o mais vantajoso. Tratando-se de uma discussão em grupo, permitiria-me aceder às percepções das diferentes educadoras num ambiente descontraído. Desta forma, os elementos seriam livres de expor as suas opiniões e de comentarem as ideias uns dos outros, complementando-as. O meu objetivo era ouvir e analisar a informação, não tendo os participantes de chegar a qualquer tipo de acordo ou decisão.

Desta forma, dirigi-me a 21 de Junho de 2024 às instalações do CMIN, e numa Sala de Atividades demos início à sessão (anexo 21). A mesma estava agendada para as 11h30, mas tendo tido uma educadora a necessidade de se ausentar a sessão acabou por dar início às 13h. Estavam presente duas educadoras, sendo que uma delas, a dado momento, teve a necessidade de se ausentar.

Logo de início as educadoras confirmaram a importância da parceria para o CMIN, considerando esta experiência muito agradável. Quando questionadas sobre a aplicação das técnicas trazidas pela equipa do Museu, ambas explicaram que estas foram facilmente postas em prática, tendo sido um ótimo momento para aprofundar algum conhecimento e descobrir novas técnicas. Uma das educadoras chamou ainda a atenção para a mais valia do projeto, no sentido em que foi como se o exterior viesse ao interior do Hospital. Estando as crianças privadas de uma série de coisas das suas vidas, como da escola, da família, dos amigos, “o aproximar com situações que eles viveriam lá fora, o trazer o mundo lá de fora cá para dentro” (Paula, 21.06.2023) os ajudava a passar melhor o tempo.

As educadoras, para além de se terem sentido muito apoiadas pela equipa do Museu, também consideraram que os mesmos se sentiram na equipa do CMIN. Descreveram os vários membros da equipa como pessoas extremamente solidárias, conhecedoras, acessíveis e disponíveis.

Um pouco depois, a educadora falou sobre as expectativas de continuarem com as visitas da equipa do Museu no ano seguinte, sendo que só recentemente souberam que a parceria ia continuar. Depois disso, refletiu sobre o próximo momento com a equipa do MNSR “se calhar este ano será de maneira diferente, porque eles também vão perceber que poderão trazer outro tipo de atividades que possam ser deslocadas e que não careçam tanto (...) o que temos feito é ir ao encontro das crianças”(Paula, 21.06.2024).

Quando questionada sobre a sua perceção relativamente à perspetiva das crianças quanto às atividades realizadas, a mesma disse que gostaram muito. Explicou ainda que lhe pareceu que de uma forma geral ficaram com uma grande curiosidade de ir ao museu. A mesma contou que a seu ver, aproveitar o momento em que estas crianças se encontravam internadas e acabavam por estar menos distraídas com as suas rotinas, era “um momento de excelência para lhes podermos proporcionar e dar experiências que se calhar de outra maneira não as teriam” (Paula, 21.06.2024). Comentou ainda que as atividades despertaram a curiosidade das crianças, levando depois à descoberta de apetências.

A educadora falou ainda sobre a importância da comunicação para o crescimento de todos, explicando que não interessa alguém saber muito se não partilha. “Não faz sentido as pessoas estarem com linguagens diferentes e fechadas, nós temos que falar a nossa língua e tem que ser universal, para todos. A linguagem da solidariedade, da paz, do amor, do carinho, em todos” (Paula, 21.06.2024)

Por fim, quando questionada se gostaria que esta parceria se mantivesse a mesma respondeu que claro que sim, acabando por falar ainda sobre outra vertente abrangida por esta parceria - as visitas destinadas aos profissionais do CHUP, onde já tinha participado e tinha realmente adorado.

4.6 Entrevista a técnico do SE

Com o objetivo de solidificar alguma informação relativamente aos modos de trabalho do SE, decidi entrevistar um dos técnicos do SE. Desse modo, a 23 de Agosto de 2024 realizei uma entrevista semi-diretiva ao Dr. Jorge Coutinho (anexo 22). O meu intuito era apurar como o SE definia a sua programação, perceber como é trabalhar numa vertente mais prática sem um grande apoio a nível de recursos humanos e ouvir a perspetiva de alguém no seu interior, não só sobre a importância da educação mas sobre o desempenho do próprio Serviço.

Sobre o modo como é definida a programação das oficinas, o Dr. Jorge salientou a preocupação com a contextualização social da época e com o adequar as atividades às várias faixas etárias, explicando que quando as mesmas são direcionadas a crianças mais novas a parte do contexto social deixa de ser tão relevante. Este é um processo que envolve toda a equipa do SE, sendo que na fase seguinte é apenas o técnico que coloca as mãos à obra quando chega o momento das oficinas.

Um pouco depois, o mesmo reforçou a necessidade de se despertar a atenção das crianças, explicando que esta tem realmente de ser uma tarefa do SE. Isto porque uma visita sem qualquer acompanhamento facilmente se torna um momento bastante aborrecido para as crianças. E como o “museu não são só salas de exposição, são locais de diversão, de fruição, de criatividade” (Jorge, 23.08.2024), é com uma parte prática que conseguem captar a sua atenção. Trata-se de terem acesso aos materiais, de meterem as mãos na massa, de verem e fazerem coisas.

Tudo isto claro, sem descuidar a parte educativa. Nesse sentido, o Dr. Jorge Coutinho prima por passar valores como a sustentabilidade e a liberdade. A reutilização de materiais, como de uma lata de refrigerante é um dos processos habituais das oficinas no Museu. Relativamente à liberdade de expressão, nas oficinas com o Dr. Jorge “a liberdade é total, para eles criarem, experimentarem coisas fazerem a tal ponte entre a arte clássica e o moderno de uma forma divertida, em que não há regras. Quer dizer, há regras mas elas estão aí para serem quebradas” (Jorge, 23.08.2024).

Quando questionado sobre o trabalho do SE, o mesmo rapidamente afirmou que “evoluiu muito com esta direção nova” (Jorge 23.08.2024). No fundo, a liberdade dada pela direção e o aumento do investimento a nível de recursos para o Serviço foi o que permitiu grandes melhorias. De acordo com o mesmo, o SE do MNSR “faz jus a qualquer museu, a qualquer um” (Jorge, 23.08.2024). A qualidade do mesmo é também notável pela quantidade de formações que dão a outros profissionais.

Para além disso, o mesmo explicou que terem trabalhado tantos anos com tão poucos recursos foi o que o levou a desenvolver outras competências.

Relativamente ao seu trabalho, o técnico descreveu-o como um bocadinho solitário. “Eu gostava de ter mais uma pessoa que conhecesse a parte técnica, de fazer coisas, do desenho, a parte prática. Mas é o que é, não temos não temos” (Jorge, 23.08.2024). Quando questionado relativamente ao interesse e colaboração por parte de técnicos do Museu externos ao SE, o mesmo respondeu que a grande maioria se encontrava afastada, não sabendo realmente o porquê. Ainda assim, comentou haver sempre pessoas interessadas, que vão ver, que gostam e querem participar. Foi neste momento que o técnico comentou que seria uma mais valia o SE programar atividades para o pessoal interno. É importante “meter mais os colegas a ver o que se faz e a fazer, mesmo para passar a palavra. São eles que lidam diretamente com as pessoas (...)se já tivessem experienciado conseguiam passar a mensagem de uma forma muito mais efusiva”(Jorge, 23.08.2024).

De seguida, questionei o Dr. Jorge como poderia o SE melhorar, tendo o mesmo reforçado as mudanças que foram surgindo com a nova direção. “De facto está tão tão melhor que eu agora até estou com alguma dificuldade de dizer o que poderia ser melhor” (Jorge, 23.08.2024).

Por fim, o técnico desabafou que agora o Museu é finalmente um museu para todos, comentando que anteriormente não era um espaço agradável para as crianças. Depois de questionado se o SE conseguia dar resposta a públicos com incapacidade visual e auditiva o mesmo confirmou que sim. Relativamente aos públicos com incapacidade visual as descrições das peças têm de ser bastante pormenorizadas, e a par dessas descrições e sempre que possível é importante que possam tocar em peças, claro que com os devidos cuidados, como o uso de luvas. É dessa forma que

conseguem perceber a pedra fria, os metais, as formas, os volumes. “Mas por exemplo, acho que aí é uma coisa que pode ainda ser melhor trabalhada e acho que é necessário trabalhar mais isso” (Jorge, 23.08.2024). De acordo com o mesmo, na direção anterior já existia uns kits de cerâmica que lhes permitia terem contacto com os materiais, mas não havia um grande cuidado com o discurso. Relativamente a públicos com incapacidades auditivas o técnico explicou não estar à vontade para falar disso dado que nunca teve a experiência de acompanhar esses públicos.

Capítulo 5 - Recomendações

A este ponto, depois de salientadas as forças e mais valias do SE do MNSR, e não devendo estas ser esquecidas de forma a continuarem o bom trabalho que têm estado a fazer, é também importante atentar nas fraquezas e dificuldades que foram surgindo. Após a análise de dados recolhidos e as longas horas de observação durante este estágio, é-me possível traçar algumas recomendações, que visem uma maior aproximação aos diferentes públicos.

Com o objetivo de tornar o Museu um espaço mais inclusivo, sugiro que este procure responder às necessidades de públicos com incapacidade. Para uma melhor visita, o ideal seria a disponibilização de áudios e de vídeos com linguagem gestual em dispositivos próprios existentes no Museu. Contudo, podendo estes ser um grande investimento, existem outras formas de o fazer. Os áudio-guias podem estar disponíveis numa plataforma, como por exemplo o soundcloud²⁸. Relativamente aos vídeos com linguagem gestual, estes poderiam ser colocados, por exemplo, numa playlist no YouTube. A existência de informação em braille, como legendas das obras e outros textos deveriam também ser equacionados pelo Museu. Ainda assim, a meu ver, estas ações não descartam a importância de serem feitas parcerias com associações como a Federação Portuguesa das Associações de Surdos, de forma a que, quando requerido, fosse possível oferecer ao visitante uma visita orientada ajustada ao mesmo.

Outro aspeto salientado pelo público com deficiência visual é a falta de experiências táteis. Não sendo necessária a disponibilização de peças reais, o Museu poderia disponibilizar réplicas ou maquetes. A criação de kits sensoriais poderiam

²⁸ Desse modo, a existência de um QR code seria a melhor forma dos visitantes acederem

também ser uma mais-valia, para além de ser algo simples de elaborar, de forma a serem utilizados em visitas orientadas.

Para uma melhor circulação por parte dos mesmos, a adaptação do espaço é também um aspeto importante. A existência de uma *guideline* no chão ou de um corrimão, iria fazer a diferença para o público com deficiência visual. Sendo o trajeto para o Museu outra dificuldade com que se deparam estes visitantes, seria uma mais-valia se a instituição pudesse oferecer apoio nessa chegada.

O Museu deveria também prestar uma atenção redobrada à altura a que coloca os diferentes objetos e as respetivas legendas, de forma a que qualquer um consiga visualizá-las facilmente. O tamanho da fonte da descrição é também algo que deve ter em conta.

O desenvolvimento de programação dirigida a públicos neurodivergentes a realizar-se fora do horário de abertura ao público seria também uma ótima forma de incluir outros públicos, tal como a existência de outros programas como Reavivar memórias e restaurar sorrisos, um projeto realizado anteriormente com públicos com demência.

Para além disso, sugiro a elaboração e disponibilização de mapas, onde se encontre assinalado os diferentes espaços e percurso²⁹. Este poderá ser um mapa mais conciso ou um pouco mais complexo, com referência a algumas das obras mais importantes. Este será uma ótima ferramenta de apoio para públicos com incapacidade motora ou cognitiva. A existência de sinalética no próprio espaço para o SE deveria também ser equacionada. A existência de um maior número de bancos é também algo solicitado pelos visitantes, que desejam observar as várias obras com calma e tranquilidade, tal como a disponibilização de um maior período de tempo para observação das mesmas após explicações por parte dos orientadores, para uma melhor assimilação das informações recebidas.

Ainda assim, pela minha experiência, não só enquanto observadora mas como visitante do MNSR e de outros museus, recomendo a disponibilização de mais informação através da existência de folhas de sala. É claro que as paredes do Museu

²⁹ O mapa disponível pelo MoMA é um ótimo exemplo (anexo 2)

não devem expor informação infinita, devendo esta ser resumida e de pequena dimensão. Contudo, existem sempre visitantes que desejam saber mais, sendo as folhas de sala o meio ideal para oferecer mais informação a quem assim o deseje³⁰.

A criação de uma programação que vá além das áreas estritamente artísticas e que integre outras áreas poderá também ser uma excelente forma de atrair novos públicos. Deste modo, a criação de novas pontes para novas perspetivas tornaria o museu um espaço mais inclusivo, sendo também uma oportunidade de se desenvolver parcerias com outras instituições ou associações.

Outra forma interessante de envolver o público seria convidá-lo a ir um dia ao Museu para criar e depois expor esses mesmos trabalhos no local. A finalidade de expor deveria ser logo divulgada, de forma a chamar mais visitantes. A gratuidade poderia estimular a participação por parte de públicos mais distantes com dificuldades económicas.

Sabemos que a ida ao museu pode ser muito significativa para uma criança, sendo este um momento de aprendizagem e descoberta. No entanto, facilmente percebemos como esta se pode tornar uma experiência aborrecida. Por esse motivo, materiais que sirvam de apoio para visitas livres poderiam ser elaborados. Esta é uma forma de tornar a experiência mais dinâmica e divertida, através de jogos e perguntas que estimulam a curiosidade e a criatividade das crianças.

Como me foi possível observar, são imensas as peças em exposição no Museu. Como ouvi muitos dizer, a visualização de todas as peças num só dia torna-se muito cansativo, para alguns chega mesmo a ser assustador. O indivíduo deixa de conseguir pausar, pensar, refletir, assimilar da mesma forma. De forma a combater isso, e porque todos desejamos que a visita ao MNSR seja uma visita agradável e marcante de uma forma positiva, a existência de bilhetes com 48 horas, por exemplo, seria uma boa estratégia.

Como sugeri a Dra. Paula Azeredo, a construção de uma bolsa de colaboradores poderia também ser uma mais-valia. Precisando o SE de mais apoio,

³⁰ Informação essa que poderá também estar disponível num website, podendo os visitantes aceder através de um *QR code*

esta era uma forma de chamar indivíduos de várias áreas e de enriquecer a oferta do Museu com atividades várias.

A programação de atividades para os trabalhadores poderia ser também uma ótima forma de envolver a equipa e de dar a mostrar a programação do Museu, principalmente aos assistentes de sala que acabam por interagir no dia-a-dia com os visitantes. Deste modo, os assistentes poderiam partilhar informações com os visitantes de melhor forma.

Vários visitantes sugeriram que o Museu fizesse um maior investimento na divulgação, de forma a conseguir uma maior presença e visibilidade dentro da própria cidade. A análise dos dados levou-nos também a perceber a importância de se estabelecer parcerias com os pontos de turismo, facilitando assim a promoção do Museu junto de quem visita a cidade.

Como aludido anteriormente, a contemporaneidade tem vindo a exigir a flexibilização do espaço. Dos museus é esperado que apresentem as suas coleções, mas que também sejam locais de descanso, sendo esperado que possuam outros espaços para além dos expositivos, como cafeteiras, restaurantes, lojas e bibliotecas. Sendo que o MNSR já possui biblioteca penso que seria vantajoso que esta estivesse aberta ao público sem marcação. Relativamente à cafetaria, tendo esta já existido nas instalações do MNSR o público aguarda pelo seu regresso.

No que diz respeito a parcerias, penso ser importante manter relações com os Hospitais envolventes, sendo o projeto Arte e Saúde bastante significativo. Ainda assim, qualquer parceria deve ser vista com bons olhos, pois esta é sempre enriquecedora para ambos os lados. Apesar dos vizinhos serem a preocupação do Museu, penso que este deveria também estabelecer parcerias independentemente da sua distância. Numa lógica de democratização cultural, era importante o MNSR alargar o seu alcance e conseguir chegar a zonas do país mais interiores e isoladas, identificando espaços como bibliotecas, escolas ou centros comunitários onde pudesse colaborar em diferentes projetos.

Por fim, considero importante a implementação da avaliação como um hábito, dado que a mesma deve ser contínua. Esta pode ser feita através da análise das visitas

e oficinas, mas também através da auscultação das percepções dos técnicos e visitantes. Para uma avaliação do SE por parte dos técnicos poderá ser mais vantajoso a aplicação de inquéritos, pois o anonimato contribuirá para uma maior fiabilidade dos dados. Ainda assim, a realização de reuniões com maior frequência permitiria um maior fluxo de troca de ideias que poderia ser muito positivo. Relativamente ao público, sendo o Museu uma instituição que serve a sociedade é realmente importante que este a consiga auscultar. Desse modo, a aplicação de inquéritos ao longo do decorrer das exposições é uma ótima forma de ouvir um grande número de visitantes. Eventuais debates poderão também ser uma excelente forma de lhes dar voz. É também desta forma que o museu consegue a participação dos públicos, que tanto a anseiam. Assim, numa relação mútua, ambos beneficiam com esta avaliação, podendo os públicos aproveitar para refletir sobre uma série de questões e lutar para que a sua experiência no Museu se aproxime da mais desejada. Outra forma mais simples de deixar os visitantes participarem na transformação do Museu é a criação de uma caixa de sugestões.

Posto isto, esta avaliação deve monitorar os resultados e impactos do Museu nos visitantes, para que o Museu consiga perceber se os seus objetivos são ou não cumpridos e pensar quais as transformações que devem ser feitas. Contudo, quando falamos em avaliação há uma série de questões que devem ser levantadas - Por quem? Quando? A avaliação deverá ser feita por uma equipa interna ou externa? Muitas vezes é desejada que a avaliação seja feita por alguém externo pelo seu olhar mais distante, ainda assim, não me parece que, neste caso, se perca com uma avaliação feita por algum membro da equipa, desde que este esteja preparado e tenha as ferramentas para tal. Até porque o sucesso dos vários projetos são um objetivo da equipa, e desta forma, o indivíduo responsável pela sua avaliação terá mais conhecimento sobre o trabalho da instituição ao longo do tempo, tendo mais perceção da sua evolução. Respondendo à questão “Quando?”, parece-me fundamental que esta avaliação seja contínua, acompanhando as diferentes exposições e programações.

Assim sendo, destaco alguns indicadores que penso serem importantes nesta avaliação, indicadores que guiaram o meu projeto e que poderão guiar outros semelhantes futuramente (anexo 23).

O MNSR tem feito um excelente trabalho, bastante comentado por parte dos visitantes mais assíduos que acompanham a evolução do Museu. Ainda assim, existe sempre um caminho pela frente onde se pode inovar.

Considerações finais

Termino este relatório refletindo sobre a importância da educação não formal, tanto na vida das crianças como na vida dos jovens e dos adultos. Sendo a aprendizagem um processo constante na vida humana e sendo a instituição museológica responsável por educar os seus públicos, é crucial o seu empenho na luta pela democracia cultural. Como sabemos, persistem ainda diferentes obstáculos ao indivíduo para que consiga estabelecer uma relação com a arte e a cultura. Sendo o museu uma instituição sem fins lucrativos a serviço da sociedade, só com uma estratégia focada na democracia cultural é que se conseguirão criar condições de liberdade e igualdade para todos. Deste modo, o museu deve sempre primar por transformar os públicos mas deve também deixar-se transformar pelos mesmos.

Com um olhar sobre o nosso estudo de caso, os técnicos do MNSR têm trabalhado muito para transformar o Museu. Têm como objetivo proporcionar espaços de mediação criadores de aprendizagens, vivências e memórias, estimulando sempre a criatividade e alertando para questões atuais de grande importância. Querem tornar o Museu um espaço inclusivo e participativo, um lugar de encontro, um palco de discussão e reflexão. Tendo estado o Museu encerrado durante quase três anos, quando abriu a exposição de longa duração abriu em grande. De uma forma geral, os visitantes comentavam as melhorias - a disposição, os textos, as visitas, as novas perspetivas.

Ora, todas estas melhorias são de louvar, mas como já tive o ensejo de o dizer, a sociedade está em constante transformação, e portanto, o museu deve também estar em constante transformação. Há sempre margem para melhorias e portanto há sempre um caminho por ser traçado. O MNSR descreve-se como um Museu de todos e para todos, e portanto, deve traçar o seu caminho com essa mesma preocupação, de se tornar acessível a todos os públicos.

Ao longo deste estágio, procurei identificar os pontos fortes e detetar qualquer fragilidade, para que estas pudessem ser trabalhadas e melhoradas. Espero que a avaliação aqui feita se revele útil para a instituição, podendo servir não só como uma ferramenta num momento de introspecção e construção de uma nova estratégia como poderá também servir de base para avaliações futuras. Terminado este estágio, espero que a minha presença no Museu e que o projeto por mim realizado seja relevante para o Museu, da mesma forma que o foi para mim.

A nível pessoal, posso dizer que todo o trabalho aqui desenvolvido foi bastante gratificante, tendo sido o estágio no MNSR uma experiência muito enriquecedora. Para além de ter sido uma oportunidade para colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante este mestrado, este serviu também para o desenvolvimento de outras competências conseguidas apenas através de uma experiência profissional. Acompanhar o trabalho do SE no Museu levou-me a compreender como este é um trabalho realmente desafiante, não só pela necessidade de um estudo constante como pela importância de cativar os diferentes públicos. Posso dizer que este é um trabalho que requer uma verdadeira paixão e investimento contínuo na nossa formação, de forma a se conseguir a mudança e a transformação no contexto em que nos inserimos.

A presença no terreno permitiu-me perceber não só as rotinas e as dinâmicas dos diferentes agentes sociais como também como lidar perante irregularidades e imprevistos que vão surgindo.

Além do mais, posso ainda dizer que esta experiência me ajudou a perspectivar de melhor forma um futuro na sociologia, compreendendo o papel do sociólogo não só no contexto museológico como no contexto cultural. Com este estágio, posso dizer que cresci, não só enquanto socióloga mas também como pessoa.

Referências Bibliográficas

- Ashmolean Museum. (s.d.). Ashmolean Museum. Disponível em: <https://www.ashmolean.org>
- Azevedo, N. (2014). Pontos para uma discussão operacional sobre políticas culturais (locais). *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 2(2), 131-143.
- Batista, F. (2019). *Oferta cultural acessível para públicos com deficiência visual nos museus da cidade do Porto* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- Bourdieu, P. (1998). *O Poder Simbólico*. Difel.
- Bourdieu, P. (1999). Os três estados do capital cultural. In *Escritos de Educação*. Editora Vozes.
- British Museum. (s.d.). *British Museum*. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org>
- Burawoy, M. (2006). Por uma sociologia pública. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*.
- Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projectos: Guião prático*. Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Castro, L. (2011). *Museu Nacional de Soares dos Reis*. QuidNovi.
- Clifford, J. (1997). Museums as Contact Zones. In *Routes: Travel and Translation in the Late 20th Century* (pp. 188-219). Harvard University Press.
- Cohen, E. & Franco, R. (2008). *Avaliação de Projetos Sociais*. Editora Vozes.
- Costa, A. F. D. (1997). Políticas Culturais: Conceitos e Perspetivas. *Observatório das Actividades Culturais*, 2, 10-14.
- Cuche, D. (2006) *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Fim de Século.
- Eça, T. (2010). O Museu como interface entre cultura local e cultura global. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, 2, 274-282.

- EPortugal (2024). ePortugal. Disponível em: <https://eportugal.gov.pt/noticias/museus-monumentos-e-palacios-com-entrada-gratis-52-dias-por-ano>
- Falcão, A. (2009). Museu como lugar de memória. In *Museu e escola: educação formal e não formal* (pp.10-21).
- Fernandes, A. (2002). Poder local e turismo social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 12, 9-26.
- Ferreira, C. (2004). Grandes eventos e revitalização cultural das cidades. Um ensaio problematizante a propósito das experiências da Expo'98 e da Porto 2001. *Território do Turismo*, 2.
- Ferro, L. (2005) Sociologia e fotografia: Percursos iniciais divergentes ao encontro dos interesses dos seus "campos". *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 25, 373-398.
- Fundação Calouste Gulbenkian. (s.d.). Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: <https://gulbenkian.pt>
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gohn, M. (2014). *Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*. *Investigar em Educação*, 2(1).
- Guapo, A. (2009) *Avaliação Museológica. Estudo de caso: avaliação da exposição permanente do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra "Segredos da Luz e da Matéria"* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- International Council of Museums Portugal. (2022). Nova definição de Museu. Disponível em: <https://icom-portugal.org>
- Karp, I. & Lavine, S.(1991). *Exhibiting cultures. The Poetics and Politics of Museum Display*. Smithsonian Institution Press.
- Lidchi, H. (1997) The Poetics and the Politics of exhibiting other cultures, in S. Hall (ed), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices* (pp.151-222). Sage Publications.

- Lopes, J. (2007). *Da democratização à democracia cultural: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*. Profedições.
- Lopes, J. (2009). *Da democratização da Cultura a um conceito e práticas da Democracia Cultural*. Saber & Educar.
- Lopes, J. (2014). *Fundação Dr. António Cupertino de Miranda: 2005-2014*. Fundação Dr. António Cupertino de Miranda
- Louvre. (s.d). *Louvre*. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en>
- Macdonald, G. (1992). Change and Challenge: Museums in the Information Society. In *Museums and communities in The Politics of Public Culture*. Smithsonian Institution.
- Marstine, J. (2006). *New Museu Theory and Practice. An Introduction*. Blackwell Publishing.
- Mesquita, S. & Carneiro, M. (2012). A acessibilidade à interpretação para deficientes visuais em museus de Lisboa. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 17/18, 45-62
- Metropolitan Museum of Art. (s.d). Metropolitan Museum of Art. Disponível em: <https://www.metmuseum.org>
- Museum of Modern Art. (s.d.) Museum of Modern Art. Disponível em: <https://www.moma.org>
- Museu Nacional Soares dos Reis. (s.d.). Museu Nacional Soares dos Reis. Disponível em: <https://museusoaresdosreis.gov.pt>
- Neves, J. (2021). Políticas culturais de museus em Portugal: ciclos e progressos de reflexão estratégica participada. *MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares*
- Neves, J., Lima, M., Santos, J. & Pereira, T. (2018) *Estudo de Públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional de Soares dos Reis*. Direção Geral do Património Cultural.
- Oliveira, A e Galego, C. (2005). *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. Observatório da Imigração.

- Porto. (2023). Renovado Museu Soares dos Reis reabre com tesouros para a próxima década. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/02/01/jornal/porto-2001--tres-anos-depois-183677>
- Queirós, J. & Rodrigues, V. (2006). “Não, não somos jornalistas”. Uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- Rijksmuseum. (s.d.). Rijksmuseum. Disponível em: <https://www.rijksmuseum.nl/en>
- Rocha, N. (2017). *Projeto de criação de um SE nos Museus do Instituto Superior Técnico* (Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade Nova de Lisboa).
- Roque, P. & Semedo, A. (2017). Deficiência e exclusão social: o papel da representação no contexto dos museus. *Journal of Studies on Citizenship and Sustainability*, 3, 42-54.
- Semedo, A. (2004). Re-imaginar o museu. In *II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*. Centro Cultural de Paredes de Coura.
- Semedo, A. (2006). Museus: Políticas de representação e zonas de contacto. *Boletim Rede Portuguesa de Museus*.
- Semedo, A. (2013) Formação em museologia: *Círculos e outras geometria*. *Anais do Museu Paulista*, 21(1), 49-62
- Semedo, A. (2015). Representações e identidade em exposições de museus. *CLIO. History and History teaching*.
- Semedo, A. & Pizarro, M. (2017) ComingOut e se o museu saísse à rua? A exposição-*como-um-mundo dentro do mundo-como-uma-exposição* in R. Christofolletti (Org.), *Bens culturais e relações internacionais: o património como espelho do Soft Power*.
- Semedo, A. (2019). Questões de autoridade e educação em museus. *Anais do 3º Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia*. São Paulo.

- Silva, A. S. (1997). *Cultura: das obrigações do Estado à participação civil. Sociologia - problemas e práticas*, 23, pp.37-48.
- Silva, A. S., Babo, E. & Guerra, P. (2015). *Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. Sociologia, problemas e práticas*, 78, pp.105-124.
- Sousa, A. (2022). *(Re)descobrimos os Serviços de Educação do Museu Nacional Soares dos Reis. Os públicos dos 3 aos 5 anos* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- Trilla, J. (1998). *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Instituto Piaget.
- Vilela, L. (2020). *Avaliação diagnóstica de serviços educativos: O caso da Rede de Museus de Vila Nova de Famalicão*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- World Health Organization & The World Bank (2011). *Relatório Mundial sobre a Deficiência*. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo
- Witney Museum of American Art. (s.d.). *Witney Museum of American Art*. Disponível em: <https://whitney.org>

Anexos

Anexo 1 - Modelo hierarquizado dos níveis de cultura

	Cultura erudita	Cultura de massas	Cultura popular
Elemento diferenciador	Aura da obra única e irrepetível	Decadência da aura	Ausência de aura; invenção da tradição e do povo
Públicos	Muito restritos	Alargados	Muito restritos
Capital específico	Carisma	Reprodutibilidade	Tradição
Agência de consagração hegemónica	Pares; Academias	Mercado	Intelectuais e cientistas sociais (etnógrafos, antropólogos, sociólogos, historiadores)

Fonte: Lopes, 2007. Da democratização à democracia cultural - Uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público

Anexo 2- Mapa acessível do MoMA

Uncrowded & Quiet Spaces

- **Uncrowded & Quiet Space**



Legend

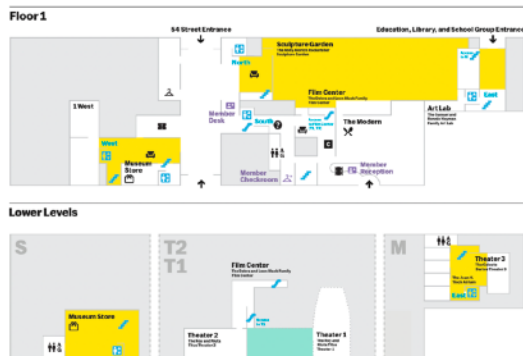
- Tickets
- Film Desk
- Store
- ✕ Restaurant
- ☕ Coffee
- ♿ Checkroom
- ☺ Lounge
- ⚡ Charging station
- ♿ Wheelchair pickup/drop-off
- ☑ Member Desk and Reception
- ♿ Member Checkroom
- ♿ Wheelchair-accessible restrooms and baby changing stations are located on every floor.
- ♿ All-gender restrooms

3

Fonte: MoMA (s.d.)

Natural- & Low-Light Spaces

- Natural Light
■ Low Light



Legend

-  Tickets
-  Film Desk
-  Store
-  Restaurant
-  Coffee
-  Checkroom
-  Lounge
-  Charging station
-  Wheelchair pickup/drop-off
-  Member Desk and Reception
-  Member Checkroom
-  Wheelchair-accessible restrooms and baby changing stations are located on every floor.
-  All-gender restrooms
-  Mamava Pod

6

Fonte: MoMA (s.d.)

Anexo 3- Grelha de análise de programas acessíveis em diferentes

Museus

Museu	Programa	Público-alvo	Frequência e horário	Experiência/recursos	Preço
Museum of Modern Art (Nova Iorque, Estados Unidos)	<i>Art in Sight</i>	Incapacidade visual	Mensalmente	Discussão de diversos temas, artistas ou exposições. Descrição verbal e experiência multi-sensorial	Gratuito
	<i>Interpreting MoMA</i>	Incapacidade auditiva	2 em 2 meses	Abordagem a obras ou exposições em linguagem gestual	Gratuito
	<i>Create Ability</i>	Incapacidade intelectual ou de desenvolvimento	Mensalmente	Exploração de obras e oficina de criação	Gratuito
	<i>Meet Me at MoMA</i>	Alzheimer ou demência	Mensalmente	Discussão de diferentes temas, artistas e exposições	Gratuito
				Mapas com marcação de zonas mais calmas e com mais ou menos luminosidade	Gratuito
				<i>Sensory kit</i> - mapa, guia com informação relativa ao espaço e profissionais, auscultadores de cancelamento de ruído e óculos de sol	

Metropolitan Museum (Nova Iorque, Estados Unidos)	<i>Picture this!</i>	Incapacidade visual		Descrições detalhadas e atividade tátil	
	<i>Seeing through drawing</i>	Incapacidade visual	Mensalmente	Oficina de desenho	
		Incapacidade auditiva		Visitas orientadas com linguagem gestual	
		Incapacidade auditiva		Conversas com linguagem gestual (se requerida pelo menos duas semanas antes) ou legendas em tempo real (se requerida pelo menos três semanas antes)	
	Audioguia	Incapacidade visual ou auditiva			Gratuito
	<i>MET Escapes</i>	Demência	Mensalmente	Experiência multi-sensorial e oficina	
	<i>Discoveries</i>	Dificuldades de aprendizagem e autismo	Mensalmente (Duas sessões, uma para públicos entre os 5 e os 13 anos e outra para idade superior a 23)	Oficina multi-sensorial	

Whitney Museum of American Art (Nova Iorque, Estados Unidos)	<i>Whitney Signs</i>	Incapacidade visual e auditiva	Mensalmente	Tradução em linguagem gestual (se requerida pelo menos cinco dias antes), legendas em tempo real e informação em braille (se requerida pelo menos duas semanas antes)	
	<i>Verbal Description Tours</i>	Incapacidade visual	Mensalmente Horário em que o Museu já se encontra encerrado ao público em geral	Visita às exposições com descrições detalhadas e atividade tátil	Gratuito
	<i>Sensory-friendly programs for neurodivergent</i>	Neurodivergente	Duas sessões, uma para famílias com crianças de idade igual ou superior a 6 anos, outra dirigida a adultos Antes do Museu abrir ao público em geral	Visita às exposições com uma linguagem simples e oficina sensorial	
	<i>Social Narratives</i>	Neurodivergente		Disponibilização de um guia com informação e fotografias do que o público pode esperar	Gratuito

	<i>Disability pride</i>		Uma vez por ano (aniversário da Lei Americana que proíbe a discriminação com base na deficiência)	Exposição de artistas com incapacidades e obras que remetem para esse tem	
British Museum (Londres, Inglaterra)		Incapacidade visual		Guias de linguagem gestual através de uma aplicação no telemóvel	Gratuito
		Incapacidade auditiva		Audioguia através do telemóvel (playlist no soundcloud)	Gratuito
	<i>Object handling</i>	Incapacidade visual	Diário Entre as 11h e as 16h	Atividade tátil	Gratuito
	<i>Touch Tours</i>	Incapacidade visual		Atividade tátil em esculturas egípcias e acesso a desenhos e informação em braille e audios	Gratuito
Louvre (Paris, França)		Incapacidade visual, mobilidade reduzida e neurodivergentes		Mapas com sugestões de percursos para pessoas de mobilidade reduzida e com identificação de zonas de maior e menor luminosidade e zonas mais calmas	Gratuito

		Incapacidade auditiva		Nintendo 3DS com mapas, áudios e fotografias das obras, onde o utilizador pode fazer zoom e ver peças em 3D	Gratuito
		Incapacidade visual		Acompanhamento por parte de um membro do Museu da estação de metro ou parque de estacionamento até ao edifício e mesmo no interior do Museu (com pedido prévio)	
		Incapacidade visual		Atividade tátil no Departamento de Arte Islâmica	
Rijksmuseum (Amsterdão, Holanda)		Incapacidade auditiva	Sábados e domingos 15h-16h30 (Marcação prévia pelo menos catorze dias antes)	Visita orientada com linguagem gestual	30 euros por grupo (máximo 15 pessoas)
	<i>With other senses</i>	Incapacidade visual	Qualquer dia da semana 10h-11h30 15h-16h30 (Marcação prévia pelo menos sete dias antes)		30 euros por grupo (máximo 8 pessoas)

	<i>Art and dementia</i>	Demência	Qualquer dia da semana 14h30-16h	Conversas e partilha de histórias, ideias e memórias	30 euros por grupo (maximo 12 pessoas)
	<i>Special attention</i>	Neurodivergente	Qualquer dia da semana 15h-16h		30 euros por grupo (10 pessoas)
	<i>Sensory friendly</i>	Neurodivergente	Sábado Após encerramento ao público em geral (18h-21h) Para famílias: 2 vezes por ano	Visita com áudio-guia gratuito, num momento mais tranquilo (com menos visitantes, iluminação de menor intensidade e mais locais de descanso disponíveis)	Para famílias: 22,50 euros por pessoa Gratuito para menores de 18 anos
Fundação Dr. António de Cupertino de Miranda - Museu da Moeda (Vila Nova de Famalicão, Portugal)		Incapacidade auditiva		Audio-guias em português e inglês com transmissor para aparelhos auditivos Video guias com linguagem gestual	
		Incapacidade visual		Guias em braille Guias ampliados Notas táteis ampliadas	

		Públicos com idade superior a 55 anos		Atividades com o objetivo de combater o défice de literacia financeira e digital e educar sobre a reforma (Lopes, 2014)	
Museu do Azulejo (Lisboa, Portugal)				Braille (antes de encerrar para reestruturação mas de acordo com Mesquita e Carneiro algumas dessas gravações estavam já danificadas) (Mesquita & Carneiro, 2012).	
Fundação Calouste Gulbenkian				Adaptação de todas as zonas para fácil acesso de visitantes com restrições de mobilidade	

Fonte: Museum of Modern Art; Metropolitan Museum; Whitney Museum of American Art; British Museum; Louvre; Rijksmuseum; Fundação Dr. António de Cupertino de Miranda; Museu do Azulejo, Fundação Calouste Gulbenkian (s.d.)

Anexo 4- Análise dos conteúdos disponibilizados pelo Serviço

Educativo do MNSR

Documento	Público-alvo	Resumo
Catálogo para a Comunidade Educativa	Pré-escolar	Visita orientada - A minha primeira vez no Museu. Pretende-se iniciar o relacionamento pessoal com o museu e com a arte
		Visita oficina - O que é a arte e de que é feita? Desenvolver o conceito de arte e sensibilidade estética e artística, tratando as formas, as cores, as texturas e as funções da arte
		Visita oficina - Contos em viagem no museu Utilizando como ponto de partida um conto infantil inicia-se uma viagem por diferentes obras. Um fantoche ou uma máscara assumem o protagonismo.
	Estudantes 1º e 2º ciclo do Ensino Básico	Visita orientada - Na pele do artista Iniciação à contemplação e observação plástica através das obras de Soares dos Reis, Henrique Pousão, Silva Porto, Sousa Pinto, Eduardo Viana, Canto da Maya e António Quadros.
		Visita orientada - Os objetos contam histórias Entrar no museu e tornar-se num investigador. O objetivo é descobrir as histórias desconhecidas de três objetos presentes e de seguida, produzir na oficina um objeto que conte uma história do presente.

		Visita orientada temática -Uma viagem ao Oriente no século XVI Saber mais sobre os descobrimentos através da cultura material existente, nomeadamente as consequências do encontro de culturas.
		Visita orientada temática - Entre liberais e absolutistas Através da história do Palácio dos Carrancas, do retrato de D. Pedro IV e outras obras, evoca-se episódios da Guerra Civil Portuguesa e as suas consequências culturais.
		Visita oficina - Personagens e cenários improváveis Partindo da decomposição de diferentes planos de uma obra espera-se que os alunos construam uma nova narrativa onde se cruzam cenários e personagens prováveis e improváveis.
		Visita oficina - O que cabe nesta paisagem Transformar uma paisagem de Silva Porto com animais e plantas.
	Estudantes 3º ciclo do Ensino Básico	Visita orientada - Obras que dão que pensar Explorar o papel da cultura material na construção de conhecimento histórico a partir de diferentes obras
		Visita orientada temática - Heranças do mediterrâneo Explorar características das civilizações do Mediterrâneo e suas marcas na contemporaneidade a partir de diferentes obras

		Visita orientada temática - A abertura ao mundo Explorar a descoberta de novos povos e territórios - condições e consequências para a expansão marítima
		Visita orientada temática - Entre liberais e absolutistas
		Visita orientada temática - Por mares nunca dantes navegados Partindo da obra de Luís de Camões, explora-se quatro obras que nos leva a compreender o contexto em que os Lusíadas foram escritos
		Visita oficina - Paisagens improváveis Partindo da análise de uma pintura naturalista, explora-se o tema da paisagem na pintura, caracteriza-se e imagina-se a flora e fauna aí presentes
	Estudantes do Secundário História A e B, História e Cultura das artes e História, Cultura e Democracia	Visitas orientadas à medida
		Visita orientada temática - Entre liberais e absolutistas
		Visita orientada temática - Por mares nunca dantes navegados
		Visita orientada temática - A paisagem, o retrato e o quotidiano na arte do século XIX Exploração da influência da Escola de Barbizon, a tendência para a representação objetiva do real
		Visita oficina - Registos botânicos 3D Partindo da exploração de paisagens da pintura naturalista, da decoração neoclássica, recolhem-se algumas plantas no jardim do Museu, utilizados em contexto de oficina como registos botânicos de alto e baixo relevo em gesso

		Visita orientada temática - Desenhar no Museu Experiência de desenho nas galerias do Museu com recursos secos
	Estudantes de Ensino Universitário	Programa à medida
		Desenho no Museu
	Estudantes de Universidades e Academias Sénior	Visita orientada temática - Exposição de longa duração Conhecer a história do Museu a partir da construção das suas coleções
		Visita orientada temática - Uma leitura história do Museu a partir das suas coleções A história do Museu cruza-se com os acontecimentos políticos e sociais de Portugal durante os últimos 190 anos
		Visita orientada temática - Da Residência ao Museu: cruzar dois séculos de história Explorar a história do edifício
		Visita orientada temática - Artistas mulheres São dadas a conhecer sete artistas mulheres a partir das obras expostas
		Visitas orientadas às exposições temporárias
		Visitas orientadas à medida

Dossier de Apoio à Visita	Professores (documento de orientação para visita autónoma com os seus alunos)	Nível 1 - A história do Museu Nacional Soares dos Reis organizada a partir da construção das suas coleções A fundação do Museu; O Museu e os mosteiros extintos; O Museu e a Academia Portuense de Belas Artes; O Patrono do Museu - Soares dos Reis; O estatuto de Museu Nacional; O Museu ao encontro do Modernismo; Centro de Arte Contemporânea (CAC); O Museu no Palácio dos Carrancas e a diversificação das coleções; A Sala da Música no Palácio; O depósito das coleções da Câmara Municipal do Porto; A diversificação das coleções; A Sala de Jantar do Palácio; Novos temas - o Oriente
		Nível 2 - Os movimentos artísticos em que os artistas e as suas obras se integram Vieira Portuense e Domingues Sequeira; O Romantismo; O Naturalismo Silva Porto e Marques de Oliveira; Henrique Pousão; Estudo do modelo; António Soares dos Reis; Estudos livres e ilustrações; 1900- a entrada no novo século; Aurélia de Souza, António Carneiro e Artur Loureiro; Os anos 1940-50; Modernismos; Os bens artísticos da Igreja; Joalharia arqueológica; Ourivesaria do século XVIII; Joias e acessórios de uso pessoal; A coleção Allen; Escultura religiosa; Primitivos Portugueses e Pintura Luso-Flamenga; Pintura do norte da Europa dos séculos XVII e XVIII; A coleção de Lapidária
Catálogo para Famílias	Famílias	Visitas temáticas
		Visitas oficina

		Oficinas temáticas, acompanham comemorações festivas durante o ano como o Natal, a Páscoa, o Dia da Mãe, o Dia dos Namorados, etc.
Catálogo para a Comunidade	Jovens, Adultos e Sêniores	Visitas orientadas à exposição de longa duração
		Visitas orientadas às exposições temporárias
		Visitas temáticas
		Conversas no MNSR. À conversa com... Ciclos de conversas que pretendem trazer novos e diferentes olhares
		Oficinas de Verão
		Cursos de Verão
		Oficinas temáticas
Roteiro História do Museu Nacional Soares dos Reis		A Fundação do Museu; O Museu e os Mosteiros extintos; O Museu e a Academia Portuense de Belas Artes; O Patrono do Museu - Soares dos Reis; O Estatuto de Museu Nacional; O Museu ao encontro do Modernismo; o Centro de Arte Contemporânea (CAC)
Roteiro Os artistas nas coleções do Museu Nacional Soares dos Reis		Vieira Portuense e Domingues Sequeira; Silva Porto, Marques de Oliveira e Henrique Pousão; António Soares dos Reis; Aurélia de Souza, António Carneiro e Artur Loureiro; Eduardo Viana, Dordio Gomes, Lino António; Fernando Lanhas, Júlio Resende, Augusto Gomes; António Quadros, Armando Alves

Peça do Mês	Público em geral (inscrição até 48h antes)	Através das redes sociais o Museu partilha todos os meses três peças, dando a possibilidade ao público de escolher através de votação nos comentários. A peça vencedora fica em exposição no museu durante um mês, sendo depois marcados dois momentos de meia hora que se realizam à hora de almoço para uma sessão focada na peça, abrindo-se ainda espaço para questões.
Arte e Saúde - projeto colaborativo com Centro Hospitalar Universitário do Porto (Hospital Santo António, Centro Materno Infantil do Norte e Centro Integrado de Cirurgia de Ambulatório)		Projeto que tem como objetivo a promoção da arte como terapia. O mesmo consiste não só em realizar visitas temáticas para os profissionais de saúde, mas em oferecer vouchers de valor reduzido para os utentes e acompanhantes. Para além disso, dispuseram impressões de variadas obras nestes mesmos espaços. Numa parceria com o CMIN, foi também desenvolvido um programa educativo com a equipa do Serviço Educativo de ambas as instituições, que visavam a transferência de ferramentas para as educadoras do CMIN, de forma a que, sendo elas as mediadores, pudessem depois trabalhar com as crianças e jovens utentes. Este projeto teve como base o património do MNSR, sempre em relação com a exposição Vida e Segredo - Aurélia de Souza.

Fonte: Museu Nacional Soares dos Reis (s.d.)

Anexo 5- Grelha de observação

Data	
Tipologia da atividade	
Descrição	
Espaço	
Limite de participantes	
Número de participantes	
Duração	
Objetivos	
Público-alvo	
Responsáveis	
Parcerias	
Recursos materiais	
Meios de comunicação	
Número de sessões	
Bilhete	

Fonte: Autora

Anexo 6- Protocolo de consentimento informado para recolha de imagens

Consentimento informado para recolha de imagens

Eu, Maria Francisca Machado, sob orientação do Professor Doutor João Teixeira Lopes, no âmbito do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, solicito a sua autorização para a recolha de imagens no Museu Nacional Soares dos Reis durante o desenvolvimento das atividades e durante o processo de investigação no Serviço Educativo. As imagens serão unicamente utilizadas para fins académicos, estando a identidade de todos assegurada. Ao assinar, está a autorizar a captação de imagens e sua utilização neste estudo.

Assinatura (instituição)

Assinatura (Investigadora)

Anexo 7- Protocolo de consentimento informado para entrega de inquéritos

Protocolo de Consentimento Informado

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

No âmbito do Mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes, eu, Maria Francisca da Rocha Cunha Rodrigues Machado, solicito a sua autorização para a entrega de inquéritos por questionário a trabalhadores do Museu Nacional Soares dos Reis e visitantes que participem em visitas orientadas e outras atividades. Ao inquirido será pedido o seu consentimento, sendo a sua participação voluntária. Para além disso, será garantida a confidencialidade dos dados. Nos inquéritos aos trabalhadores será ainda garantido o anonimato. A informação recolhida será utilizada unicamente para fins académicos.

Se concordar, peço que assine.

Assinatura (Diretor da instituição)

Assinatura (Investigadora)

Data: _____

Anexo 8- Protocolo de consentimento informado aos trabalhadores

Idioma Português - Português Alterar o idioma

Caraterização sociodemográfica dos trabalhadores do Museu Nacional Soares dos Reis

No âmbito do estágio curricular realizado no Museu Nacional Soares dos Reis, inserido no mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a orientação do Professor Doutor João Teixeira Lopes e do Doutor António Ponte, diretor do MNSR, este inquérito tem como objetivo proceder à caracterização sociodemográfica dos trabalhadores do museu. Estou certa de que as informações partilhadas serão de extrema importância para a realização desta investigação, que passa por perceber se o MNSR se insere no novo paradigma museológico e por fazer uma análise e avaliação do trabalho do Serviço Educativo. Toda a informação recolhida será confidencial e só será utilizada no âmbito deste estudo, pelo que garantimos o anonimato. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento. Ao clicar em seguinte está a consentir a recolha destes dados.

Em caso de alguma dúvida ou sugestão, entre em contacto: up201805697@up.pt

Existem 31 perguntas neste questionário.

[Este inquérito é anónimo.](#)

O registo das respostas ao inquérito não contém qualquer informação sobre a sua identidade, excepto se alguma pergunta do inquérito solicitar alguma identificação e a fornecer.

Se usou um código para aceder a este inquérito este código não será guardado junto com as suas respostas. O código é gerido numa base de dados separada e apenas é utilizado pelo programa para registar que concluiu o inquérito. Não há forma de relacionar os códigos dos convidados a participar no inquérito com as respostas dadas.

[Seguinte](#)

Anexo 9- Protocolo de consentimento informado aos visitantes



Protocolo de Consentimento de Participação em Projeto de Pesquisa

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Convido-o/a a participar num Projeto de Investigação conduzido por mim, Maria Francisca da Rocha Cunha Rodrigues Machado, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do Mestrado em Sociologia sob a orientação científica do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes e do Doutor António Ponte, Diretor do Museu Nacional Soares dos Reis. Estou certa de que as informações partilhadas serão de extrema importância para a realização desta investigação, que tem como objetivo perceber se o Museu Nacional Soares dos Reis se insere no novo paradigma museológico e fazer uma análise e avaliação do trabalho do Serviço Educativo do museu. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento. Saliento ainda que qualquer informação obtida no âmbito do presente estudo será confidencial. Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a proteção e privacidade dos mesmos, sendo eliminados ao fim de 12 meses. Para esclarecimentos adicionais ou em caso de alguma dúvida entre em contacto. Telemóvel- 918025512; Email- up201805697@up.pt

Se concordar, peço que assine.

Assinatura (Participante)

Assinatura (Investigadora)

Data: _____

Anexo 10- Protocolo de consentimento informado às famílias



Protocolo de Consentimento de Participação em Projeto de Pesquisa

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Convido-o/a a si e ao seu educando a participar num Projeto de Investigação conduzido por mim, Maria Francisca da Rocha Cunha Rodrigues Machado, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do Relatório de Estágio do Mestrado em Sociologia sob a orientação científica do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes e do Doutor António Ponte, Diretor do Museu Nacional Soares dos Reis. Estou certa de que as informações partilhadas serão de extrema importância para a realização desta investigação, que tem como objetivo fazer uma análise e avaliação do trabalho do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis. A sua participação e do seu educando são voluntárias e poderão desistir a qualquer momento. Saliento ainda que qualquer informação obtida no âmbito do presente estudo será confidencial. Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a proteção e privacidade dos mesmos, sendo eliminados ao fim de 12 meses. Para esclarecimentos adicionais ou em caso de alguma dúvida entre em contacto: telemóvel- 918025512; email- up201805697@up.pt

Se concordar, peço que assine.

Assinatura (Pai/mãe/representante legal)

Assinatura (Investigadora)

Data: _____

Anexo 11- Inquérito aos trabalhadores

1. Caraterização do indivíduo

1 Sexo:

 Feminino	 Masculino	 Sem resposta
--	---	--

* 2 Idade:

* 3 Naturalidade:

* 4 Nacionalidade:

* 5 Estado civil:

 Selecione todas as que se apliquem

☐ Solteiro/a

☐ Casado/a

☐ União de facto

☐ Divorciado/a

☐ Viúvo/a

2. Território

* 6 Local de residência:

* 7 Já viveu noutra localidade? Se sim, qual?

 Escolha uma das seguintes respostas

☐ Sim

☐ Não

Por favor, escreva o seu comentário aqui:

* 8 Em que tipo de habitação está a residir?

! Selecione todas as que se apliquem

☐ Apartamento arrendado

☐ Apartamento de propriedade

☐ Casa arrendada

☐ Casa de propriedade

☐ Outro:

3. Composição do núcleo familiar

* 9 Tem filhos? Se sim, quantos?

! Escolha uma das seguintes respostas

☐ Sim

☐ Não

Por favor, escreva o seu comentário aqui:

* 10 Qual a composição do seu grupo doméstico? Com quem vive?

* 11 Qual o grau de ensino que a sua mãe atingiu?

! Escolha uma das seguintes respostas

☐ Ensino primário

☐ Ensino básico 2º ciclo

☐ Ensino básico 3º ciclo

☐ Ensino secundário

☐ Licenciatura

☐ Pós-graduação

☐ Mestrado

☐ Doutoramento

☐ Não sei

* 12 Qual o grau de ensino que o seu pai atingiu?

! Escolha uma das seguintes respostas

- ☐ Ensino primário
- ☐ Ensino básico 2º ciclo
- ☐ Ensino básico 3º ciclo
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Não sei

4. Formação académica

* 13 Habilitações académicas

! Escolha uma das seguintes respostas

- ☐ Ensino primário
- ☐ Ensino básico 2º ciclo
- ☐ Ensino básico 3º ciclo
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

* 14 Frequentou alguma formação extra-curricular? Se sim, qual?

! Escolha uma das seguintes respostas

- ☐ Sim
- ☐ Não

Por favor, escreva o seu comentário aqui:

* 15 Qual a sua área de formação?

5. Condição profissional

* 16 Qual o cargo que ocupa na instituição e desde quando?

* 17 Explique a atividade profissional que exercia anteriormente

* 18 Atualmente trabalha na sua área de formação? Se não, especifique

❗ Escolha uma das seguintes respostas

☐ Sim

☐ Não

Por favor, escreva o seu comentário aqui:

* 19 Qual o valor do seu salário médio mensal?

* 20 Tipo de contrato e sua duração

❗ Escolha uma das seguintes respostas

☐ Contrato a tempo certo

☐ Contrato a tempo indeterminado

Por favor, escreva o seu comentário aqui:

* 21 Está satisfeito com o seu trabalho?

❗ Escolha uma das seguintes respostas

☐ Sim

☐ Não

☐ Prefiro não responder

* 22 Caso não se encontre satisfeito com o seu trabalho porque razões o mantém?

Selecione todas as que se apliquem

- ☐ Ainda não encontrou outro emprego
- ☐ É bem remunerado
- ☐ É próximo do seu local de residência
- ☐ Permite ter mais tempo livre
- ☐ Permite articular melhor a vida familiar e profissional
- ☐ Permite melhores perspectivas de emprego
- ☐ Outro:

* 23 Assinale os aspetos que considera serem mais importantes no seu trabalho

Selecione todas as que se apliquem

- ☐ Capacidade de síntese
- ☐ Capacidade de escrita
- ☐ Capacidade de comunicação oral
- ☐ Capacidade de trabalhar em equipa
- ☐ Capacidade de planeamento e organização
- ☐ Capacidade de decisão
- ☐ Capacidade de resolução de problemas
- ☐ Capacidade de pensamento crítico
- ☐ Criatividade
- ☐ Outro:

* 24 Sente-se valorizado no seu trabalho?

6. Deslocação

* 25 Como se desloca para o trabalho?

! Selecione todas as que se apliquem

☐ A pé

☐ De bicicleta

☐ De metro

☐ De autocarro

☐ De comboio

☐ De automóvel

☐ Outro:

* 26 Quanto tempo demora, em média, a chegar ao seu local de trabalho?

! Escolha uma das seguintes respostas

☐ até 15 minutos

☐ 15-30

☐ 30-45

☐ 45-60

☐ 60-90

☐ 90+

7. Práticas culturais

27 Tem ou teve como prática alguma das seguintes atividades? Se sim, assinale

! Selecione todas as que se apliquem

☐ Escrita

☐ Pintura/desenho

☐ Escultura/cerâmica

☐ Fotografia/vídeo

☐ Música

☐ Artes performativas

☐ Artes digitais

☐ Artesanato

☐ Outro:

* 28 Assinale os espaços que frequentou nos últimos 12 meses

! Selecione todas as que se apliquem

- ☐ Outro museu
- ☐ Monumento histórico
- ☐ Galeria de arte
- ☐ Cinema
- ☐ Teatro
- ☐ Biblioteca

* 29 Assinale as afirmações com as quais concorda. O Museu Nacional Soares dos Reis é um espaço...

! Selecione todas as que se apliquem

- ☐ Acessível
- ☐ Inclusivo
- ☐ Que promove a diversidade
- ☐ Que promove a sustentabilidade
- ☐ Que incentiva à participação
- ☐ Que incentiva ao diálogo e debate de ideias
- ☐ Não concordo com nenhuma das afirmações

* 30 Tem acompanhado o trabalho do Serviço Educativo?

! Escolha uma das seguintes respostas

- ☐ Sim
- ☐ Não

Anexo 12- Inquérito aos visitantes

Inquérito por questionário

Nº _____

I. RELAÇÃO COM O MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS

1. É a primeira vez que visita o Museu Nacional Soares dos Reis?

Sim ☐

Não ☐

2. Em média, com que frequência visitou o museu nos últimos 12 meses? _____

3. Com quem realizou a visita?

Sozinho/a ☐

Com familiares ☐

Com amigos ☐

Com grupo da escola ☐

Com associação ☐

Outro (especifique) _____

4. Como conheceu o Museu Nacional Soares dos Reis?

Através de um amigo ou familiar ☐

Através de uma instituição ou associação ☐

Através das redes sociais ☐

Através da televisão ☐

Através da rádio ☐

Através de jornais ☐

Outro (especifique) _____

5. Que tipo de bilhete utilizou?

Bilhete normal ☐

Bilhete com desconto ☐

Bilhete gratuito ☐

6. Foi a primeira vez que participou em atividades promovidas pelo museu?

Sim ☐

Não ☐

7. Se não foi a primeira vez, com que frequência participa nas atividades do museu? _____

8. Descreva uma das atividades que mais lhe agradou _____

9. Através de que meios teve conhecimento das atividades?

De um amigo ou familiar ☐

Das redes sociais do museu ☐

De outras redes sociais ☐

Da newsletter do museu ☐

De outros meios de comunicação social ☐

Outro (especifique) _____

10. Tendo em conta as seguintes afirmações relativamente à atividade que realizou, assinale de acordo com a sua opinião:

	Discordo totalmente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
Foi marcante para mim					
Recomendaria a um amigo ou familiar					
Levou-me a refletir sobre o meu papel na sociedade					

11. Adquiriu novas competências? Quais? _____

12. De que mais gostou nesta visita? _____

13. Considera o MNSR um espaço de diálogos e troca de conhecimentos? _____

14. De que forma acha que o MSNR poderia melhorar a sua relação com a cidade? _____

15. Avaliação dos serviços do MNSR (1= Muito Mau, 2= Mau, 3= Bom, 4= Muito Bom, 5= Excelente)

	1	2	3	4	5
Uso de linguagem clara, simples e adequada					
Prestação de informação completa					
Disponibilidade dos trabalhadores para responderem a perguntas					
Conteúdo das atividades					
Divulgação das exposições e atividades					
Acessibilidade no museu					

16. Sugestões

II. HÁBITOS DE VISITA A MUSEUS

17. Com que frequência costuma visitar museus? _____

18. Onde se situavam os restantes museus que visitou nos últimos 12 meses?

No concelho onde reside ☐

Noutro concelho ☐

Noutro país ☐

19. Indique as principais razões pelas quais não visita museus mais vezes

Não tenho interesse ☐

Não tenho tempo ☐

Não tenho com quem ir ☐

Situam-se longe da minha área de residência ☐

O preço é elevado ☐

Falta de acessibilidade na zona ☐

Falta de acessibilidade no próprio espaço ☐

Outro (especifique) _____

III. CARATERIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

20. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐ Prefiro não responder ☐

21. Idade: _____

22. Naturalidade: _____

23. Nacionalidade: _____

24. Estado civil:

Solteiro /a ☐

Casado/a ☐

União de facto ☐

Divorciado/a ☐

Viúvo/a ☐

IV. COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO FAMILIAR

25. Tem filhos? Se sim, quantos? _____

26. Qual a composição do seu grupo doméstico? Com quem vive?

27. Qual o grau de ensino que a sua mãe atingiu?

Ensino primário ☐

Ensino básico 2º ciclo ☐

Ensino básico 3º ciclo ☐

Ensino secundário ☐

Licenciatura ☐

Pós-graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

28. Qual o grau de ensino que o seu pai atingiu?

Ensino primário ☐

Ensino básico 2º ciclo ☐

Ensino básico 3º ciclo ☐

Ensino secundário ☐

Licenciatura ☐

Pós-graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

V. TERRITÓRIO

29. Local de residência: _____

30. Já viveu noutras localidades? Se sim, quais? _____

31. Em que tipo de habitação está a residir?

Apartamento arrendado ☐

Apartamento de propriedade ☐

Casa arrendada ☐

Casa de propriedade ☐

VI. FORMAÇÃO ACADÉMICA

32. Habilitações académicas (grau concluído):

Ensino primário ☐

Ensino básico 2º ciclo ☐

Ensino básico 3º ciclo ☐

Ensino secundário ☐

Licenciatura ☐

Pós-graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

33. Qual a sua área de formação? _____

VII. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

34. Condição atual de trabalho

Estudante ☐

Trabalhador/estudante ☐

Estágio profissional ☐

Exerce profissão a tempo inteiro ☐

Exerce profissão a tempo parcial ☐

Não apto a trabalhar ☐

Desempregado/a ☐

Reformado/a ☐

35. Tipo de contrato

Contrato a tempo certo ☐

Contrato a tempo indeterminado ☐

Empregado sem contrato ☐

Recibos verdes ☐

36. Especifique a sua atividade profissional_____

37. Como se costuma deslocar para o local de trabalho?

A pé ☐

De bicicleta ☐

De metro ☐

De autocarro ☐

De comboio ☐

De automóvel ☐

Outro (especifique)_____

38. Qual a duração da viagem?

Até 15 minutos ☐

15-30 ☐

30-45 ☐

45-60 ☐

60-90 ☐

90+ ☐

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo 13- Inquérito às famílias

Inquérito por questionário

Nº _____

i. Para o/a filho/a

1. Quantos anos tens? _____
2. Foi a primeira vez que vieste ao museu?
Sim ☐ Não ☐
3. Foi a primeira vez que participaste em atividades no museu?
Sim ☐ Não ☐
4. Gostaste da atividade?
Sim ☐ Não ☐
5. O que mais gostaste de fazer?

6. E que outras atividades gostas de fazer?

7. Gostavas de voltar ao museu?
Sim ☐ Não ☐
8. Queres fazer alguma crítica? Houve alguma coisa que não gostaste?

ii. Para os pais

9. É a primeira vez que visita o Museu Nacional Soares dos Reis?

Sim ☐ Não ☐

10. Se não é a primeira vez, com que frequência visitou o museu nos últimos 12 meses? _____

11. Considera que o/a seu/sua filho/a adquiriu novas competências? Quais? _____

12. Caso já tenham participado noutras atividades no museu, descreva a atividade que pensa mais ter agradado ao/à seu/sua filho/a

13. Avaliação dos serviços do MNSR (1= Muito Mau, 2= Mau, 3= Bom, 4= Muito Bom, 5= Excelente)

	1	2	3	4	5
Uso de linguagem clara, simples e adequada					
Prestação de informação completa					
Disponibilidade dos trabalhadores para responderem a perguntas					
Conteúdo das atividades					

	1	2	3	4	5
Divulgação das exposições e atividades					
Acessibilidade no museu					

14. Sugestões _____

15. Com que frequência visitou museus nos últimos 12 meses?

16. Onde se situavam os restantes museus que visitou nos últimos 12 meses?

No concelho onde reside ☐

Noutro concelho ☐

Noutro país ☐

17. Indique as principais razões pelas quais não visita museus mais vezes:

Não tenho interesse ☐

Não tenho tempo ☐

Não tenho com quem ir ☐

Situam-se longe da minha área de residência ☐

O preço é elevado ☐

Falta de acessibilidade na zona ☐

Falta de acessibilidade no próprio espaço ☐

Outro (especifique) _____

18. Tem ou teve como prática alguma das seguintes atividades? Se sim, assinale

Escrita ☐

Pintura/desenho ☐

Escultura/cerâmica ☐

Fotografia/vídeo ☐

Música ☐

Artes performativas ☐

Artes digitais ☐

Artesanato ☐

19. Idade: _____

20. Naturalidade: _____

21. Nacionalidade: _____

22. Estado civil:

Solteiro /a ☐

Casado/a ☐

União de facto ☐

Divorciado/a ☐

Viúvo/a ☐

23. Local de residência _____

24. Habilitações académicas (grau concluído):

Ensino primário ☐

Ensino básico 2º ciclo ☐

Ensino básico 3º ciclo ☐

Ensino secundário ☐

Licenciatura ☐

Pós-graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

25. Qual a sua área de formação? _____

Agradecemos a vossa colaboração.

Anexo 14- Protocolo de consentimento informado CMIN



Protocolo de Consentimento de Participação em Projeto de Pesquisa

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Convido-o/a a participar num Projeto de Investigação conduzido por mim, Maria Francisca da Rocha Cunha Rodrigues Machado, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do Mestrado em Sociologia sob a orientação científica do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes e do Doutor António Ponte, Diretor do Museu Nacional Soares dos Reis. Estou certa de que as informações partilhadas serão de extrema importância para a realização desta investigação, que tem como objetivo perceber se o Museu Nacional Soares dos Reis se insere no novo paradigma museológico e fazer uma análise e avaliação do trabalho do Serviço Educativo do Museu. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento. Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a proteção e privacidade dos mesmos e serão utilizados unicamente para fins académicos.

- a) Permite que grave a sua entrevista com o objetivo de a poder transcrever posteriormente
- b) Permite que analise a entrevista realizada para este estudo
- c) Permite a sua divulgação no relatório de estágio curricular

Se concordar, peço que assine.

Assinatura (Participante)

Assinatura (Investigadora)

Data: _____

Anexo 15- Guião de entrevista às educadoras do CMIN

1. Consideram que foi importante para o CMIN a colaboração com o MNSR?
2. Conseguiram aplicar as atividades trazidas pelo Museu?
3. Sentiram que as atividades trazidas foram possíveis de serem postas em prática pelas crianças do CMIN?
4. Na vossa perceção, acham que as crianças gostaram de realizar essas atividades?
5. Deram-vos algum *feedback*?
6. Alguma das crianças que esteve com técnicos do museu falou neles posteriormente?
7. Já falaram deste projeto com alguém? O que disseram?
8. Gostariam que esta parceria se mantivesse?

Anexo 16- Protocolo de consentimento informado ao Serviço Educativo



Protocolo de Consentimento de Participação em Projeto de Pesquisa

A avaliação do Serviço Educativo do Museu Nacional Soares dos Reis

Convido-o/a a participar num Projeto de Investigação conduzido por mim, Maria Francisca da Rocha Cunha Rodrigues Machado, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do Mestrado em Sociologia sob a orientação científica do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes e do Doutor António Ponte, Diretor do Museu Nacional Soares dos Reis. Estou certa de que as informações partilhadas serão de extrema importância para a realização desta investigação, que tem como objetivo perceber se o Museu Nacional Soares dos Reis se insere no novo paradigma museológico e fazer uma análise e avaliação do trabalho do Serviço Educativo do Museu. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento. Todos os dados recolhidos serão armazenados de forma a permitir a proteção e privacidade dos mesmos e serão utilizados unicamente para fins académicos.

Ao assinar, está a concordar em participar num grupo focal, que tem como objetivo avaliar o projeto “Arte e Saúde” realizado em parceria entre o Museu Nacional Soares dos Reis e o Centro Materno Infantil do Norte.

- a) Permite que grave a entrevista com o objetivo de a poder transcrever posteriormente
- b) Permite que analise a entrevista realizada para este estudo
- c) Permite a sua divulgação no relatório de estágio curricular

Se concordar, peço que assine.

Assinatura (Participante)

Assinatura (Investigadora)

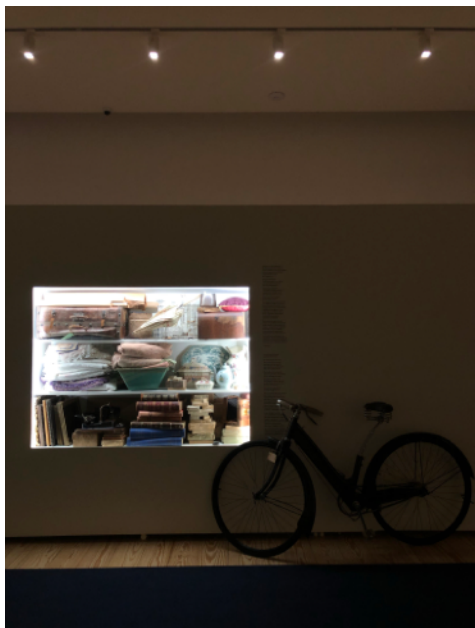
Data: _____

Anexo 17- Guião de entrevista a técnico do Serviço Educativo

1. Como definiram as oficinas para a exposição *Vida e Segredo-Aurélia de Souza*?
2. E para a exposição de longa duração?
3. Considera que o Serviço Educativo tem feito um bom trabalho?
4. Sente o apoio dos técnicos do Serviço Educativo?
5. Sente o apoio de técnicos do Museu externos ao Serviço Educativo?
6. Como poderia o Serviço Educativo melhorar? O que mudaria?
7. Considera que o MNSR é um museu para todos?
8. A seu ver, porque motivo as dinâmicas do museu não se ajustam a todos os públicos?
9. Durante muito tempo a conservação e a exposição foram as prioridades dos museus, sendo a educação uma das novas vertentes fundamentais, sente que essa mudança é visível aqui no museu?

Anexo 18- Imagens

Figura 1- Bicicleta e respetiva legenda, Exposição *Vida e Segredo* - Aurélia de Souza



Fonte: Autora, 22.12.2022

Figura 2- Visita-oficina de escrita criativa



Fonte: Autora, 15.12.2022

Figura 3- Oficina de modelagem



Fonte: Autora, 6.12.2022

Figura 4- Oficina de postais de Natal com grupo de adultos



Fonte: Autora, 21.12.2022

Figura 5- Oficina de postais de Natal com grupo de adultos



Fonte: Autora, 21.12.2022

Figura 6- Oficina de postais de Natal com grupo de crianças



Fonte: Autora, 22.12.2022

Figura 7- Oficina de postais de Natal com grupo de crianças



Fonte: Autora, 22.12.2022

Figura 8- Oficina de postais de Natal com grupo de crianças



Fonte: Autora, 22.12.2022

Figura 9- Primeira sessão oficina IndieJúnior



Fonte: Autora, 24.01.2023

Figura 10- Primeira sessão oficina IndieJúnior



Fonte: Autora, 24.01.2023

Figura 11- Segunda sessão oficina IndieJúnior



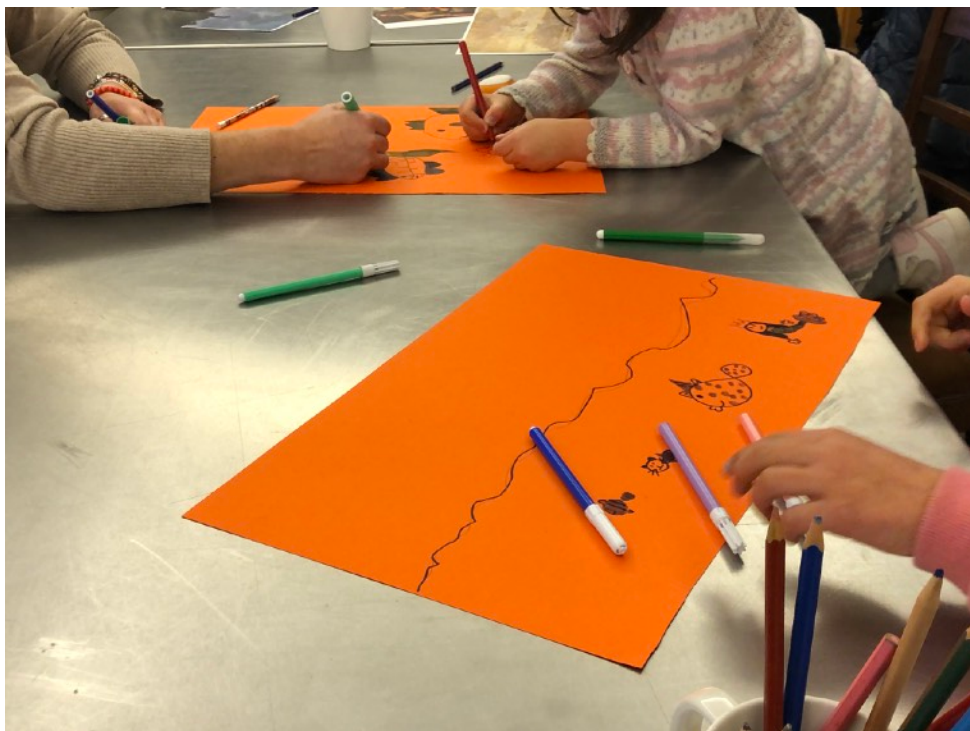
Fonte: Autora, 26.01.2023

Figura 12- Segunda sessão oficina IndieJúnior



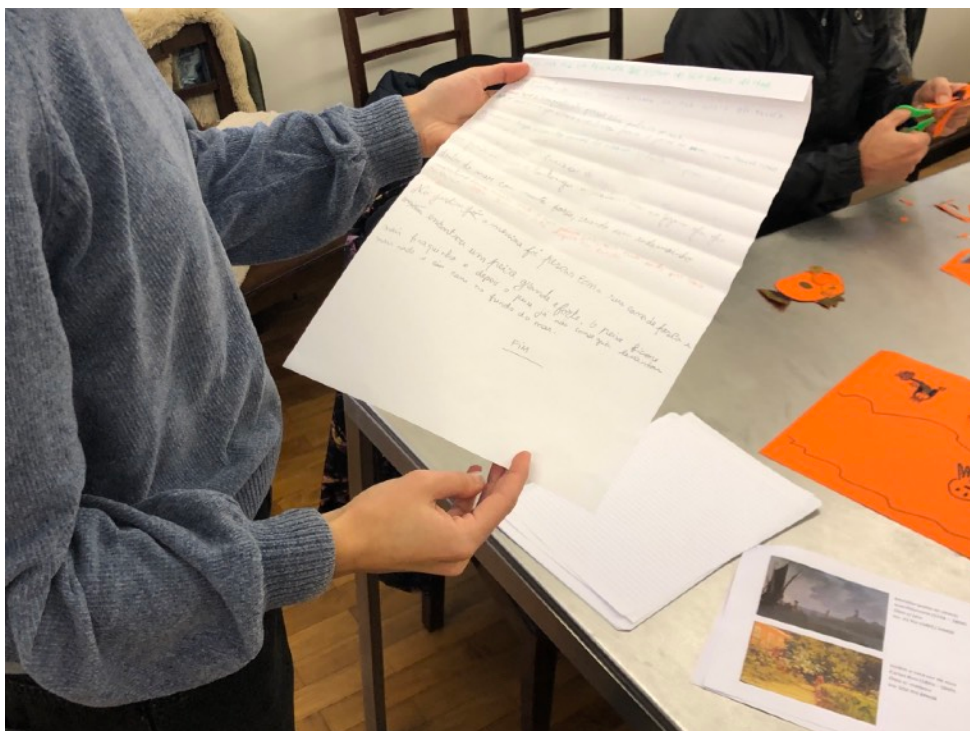
Fonte: Autora, 26.01.2023

Figura 13- Terceira sessão oficina IndieJúnior



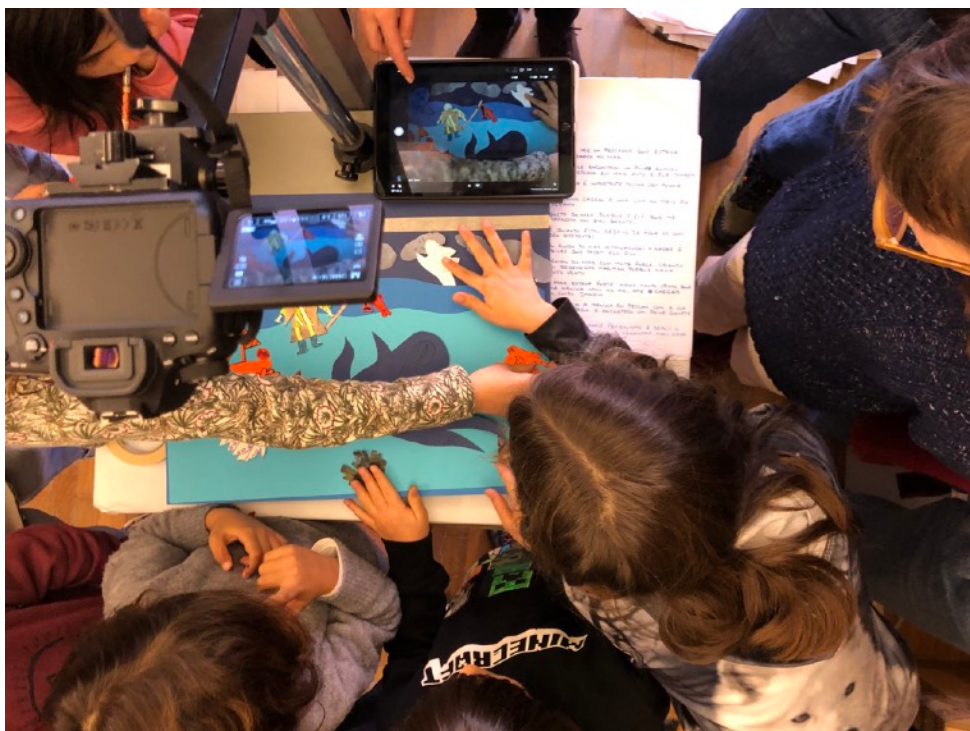
Fonte: Autora, 29.01.2023

Figura 14- Terceira sessão oficina IndieJúnior



Fonte: Autora, 29.01.2023

Figura 15- Terceira sessão oficina IndieJúnior



Fonte: Autora, 29.01.2023

Figura 16- Oficina famílias



Fonte: Autora, 12.02.2023

Figura 17- Oficina famílias



Fonte: Autora, 12.02.2023

Figura 18- Oficina famílias



Fonte: Autora, 12.03.2023

Figura 19- Oficina famílias



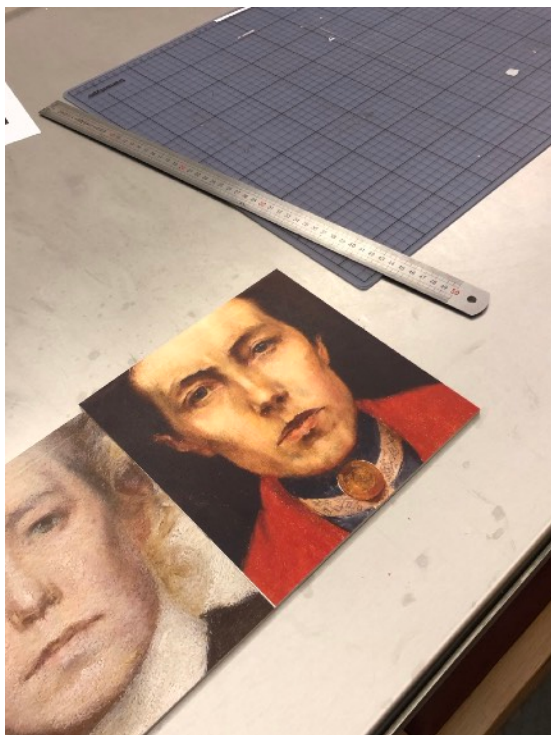
Fonte: Autora, 12.03.2023

Figura 20- Oficina famílias



Fonte: Autora, 16.04.2023

Figura 21 - Preparação de puzzles



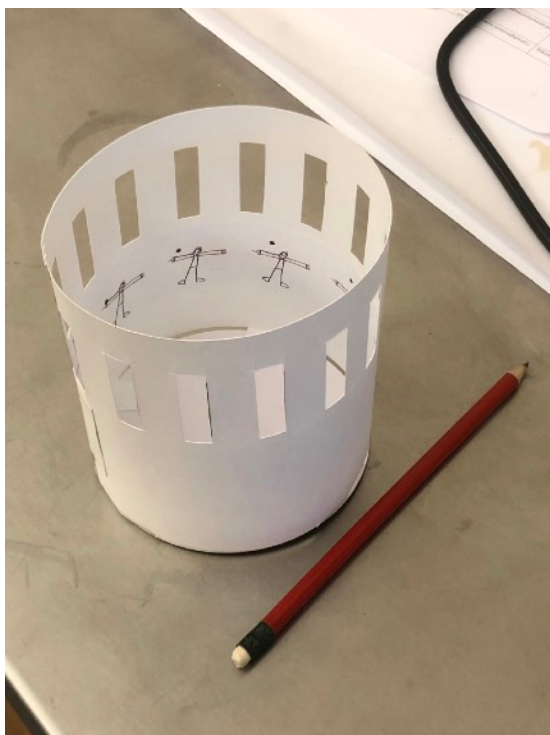
Fonte: Autora, 20.01.2023

Figura 22- Preparação da oficina do IndieJúnior



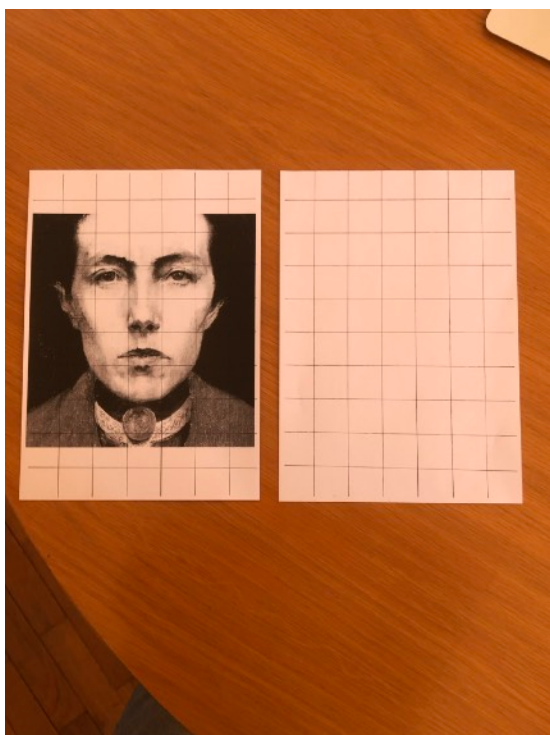
Fonte: Autora, 23.01.2023

Figura 23- Preparação da oficina do IndieJúnior (zootrópio)



Fonte: Autora, 23.01.2023

Figura 24 - Quadrícula



Fonte: Autora, 25.01.2023

Figura 25 - Preparação de oficina



Fonte: Autora, 08.03.2023

Figura 26- Preparação de oficina



Fonte: Autora, 08.03.2023

Figura 27- Preparação de oficina



Fonte: Autora, 08.03.2023

Figura 28 - Sessão 3 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O meu autorretrato



Fonte: Autora, 25.01.2023

Figura 29 - Sessão 3 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O meu autorretrato



Fonte: Autora, 25.01.2023

Figura 30 - Sessão 3 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O meu autorretrato



Fonte: Autora, 25.01.2023

Figura 31 - Sessão 3 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O meu autorretrato



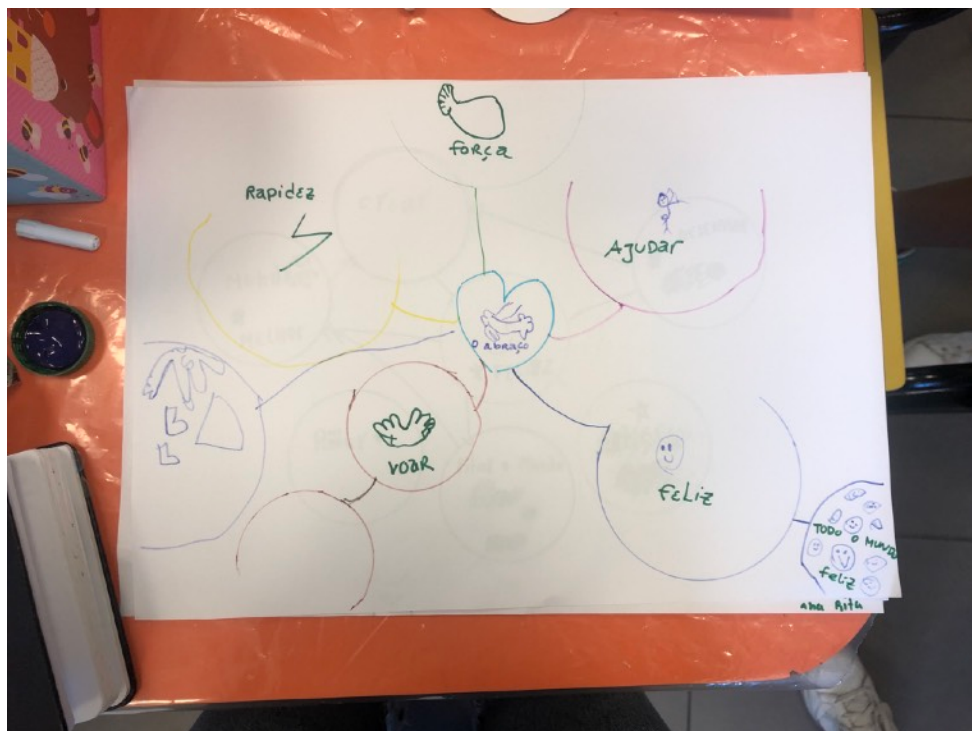
Fonte: Autora, 25.01.2023

Figura 32 - Sessão 4 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O super retrato



Fonte: Autora, 07.02.2023

Figura 33 - Sessão 4 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O super retrato



Fonte: Autora, 07.02.2023

Figura 34 - Sessão 4 Projeto Arte e Saúde no CMIN - O super retrato



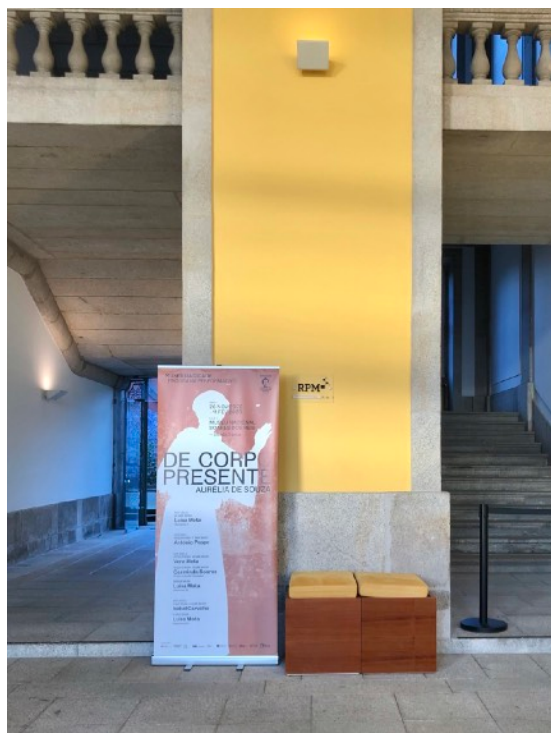
Fonte: Autora, 07.02.2023

Figura 35- Sessão 5 Projeto Arte e Saúde no CMIN -A casa mãe e atelier na Quinta da China e muitas viagens



Fonte: Autora, 14.03.2023

Figura 36- Programa performativo De Corpo Presente - “Crystal Beings” de Luísa Mota



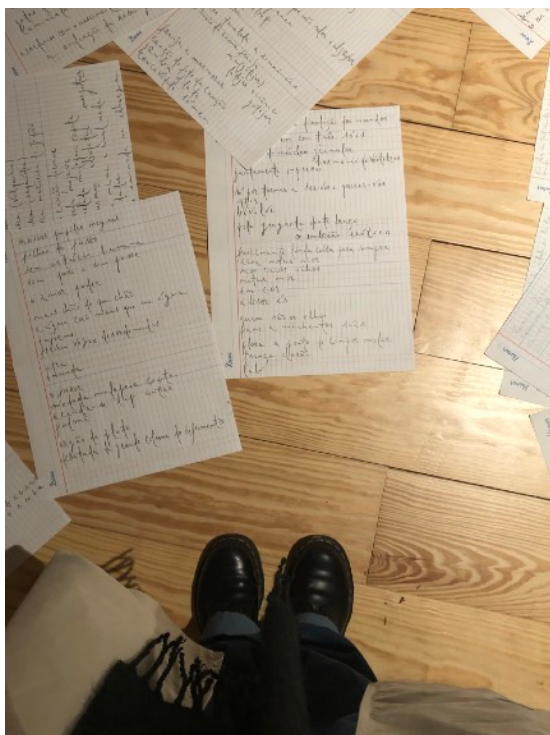
Fonte: Autora, 26.11.2022

Figura 37- Programa performativo De Corpo Presente - “Crystal Beings” de Luísa Mota



Fonte: Autora, 26.11.2022

Figura 38- Programa performativo De Corpo Presente - “Estudos para...” de António Poppe



Fonte: Autora, 15.12.2022

Figura 39- Programa performativo De Corpo Presente - “Estudos para...” de António Poppe



Fonte: Autora, 15.12.2022

Figura 40- Programa performativo De Corpo Presente - “Estudos para...” de António Poppe



Fonte: Autora, 15.12.2022

Figura 41- Programa performativo De Corpo Presente - “Desfazer - Monólogo para um Museu” de Carminda Soares



Fonte: Autora, 19.01.2023

Figura 42- Programa performativo De Corpo Presente - “Torne-se invisível” de Luísa Mot



Fonte: Autora, 28.01.2023

Figura 43- Programa performativo De Corpo Presente - “O Teatro das Plantas” de Isabel Carvalho



Fonte: Autora, 02.02.2023

Figura 44- Congresso *Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900*. Câmara Municipal de Matosinhos



Fonte: Autora, 13.04.2023

Figura 45- Congresso Aurélia de Souza. Mulheres Artistas em 1900. MNSR

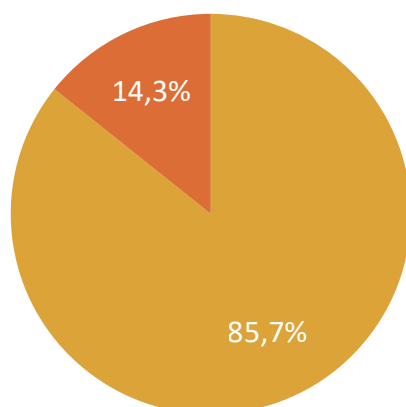


Fonte: Autora, 15.04.2023

Anexo 19- Análise dados trabalhadores

Gráfico 1- Sexo dos inquiridos

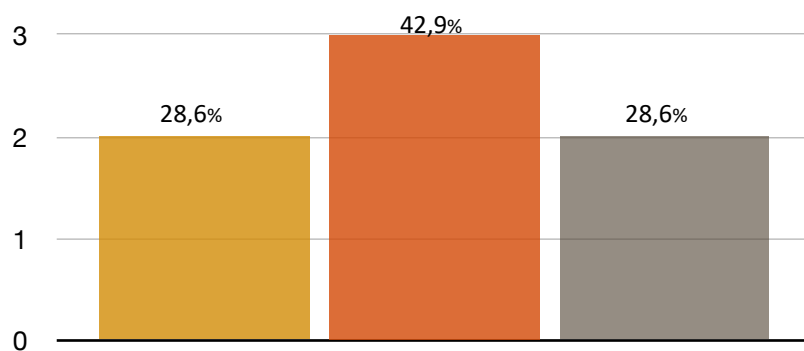
● Feminino ● Masculino



Fonte: Autora

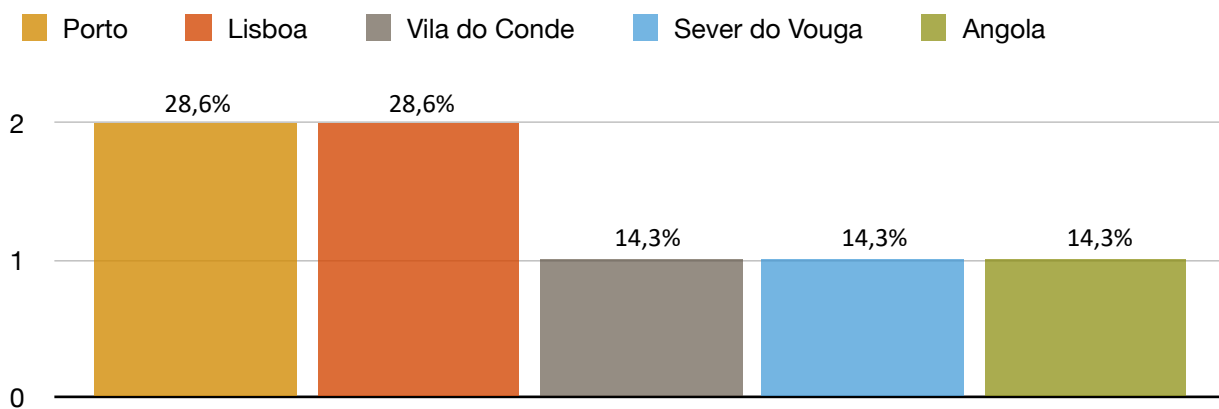
Gráfico 2- Idade dos inquiridos

■ 40-50 ■ 50-60 ■ 60-70



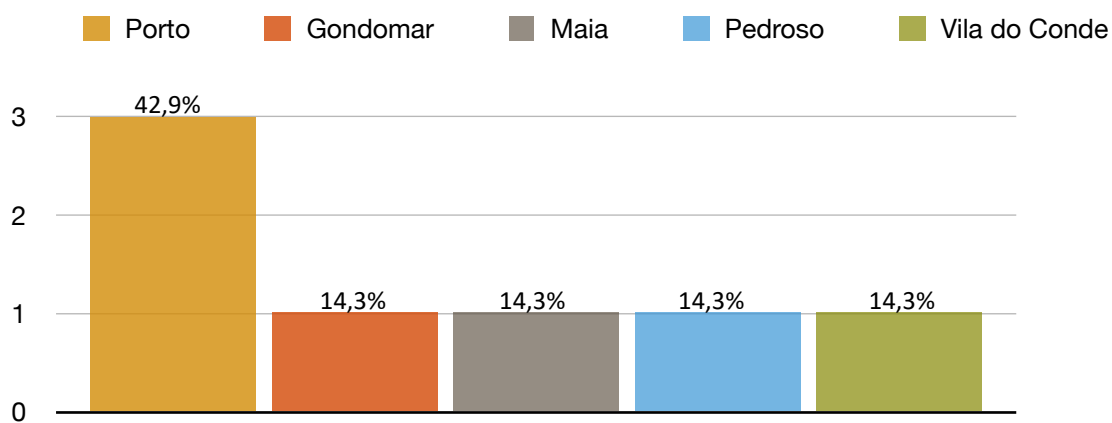
Fonte: Autora

Gráfico 3- Naturalidade dos inquiridos



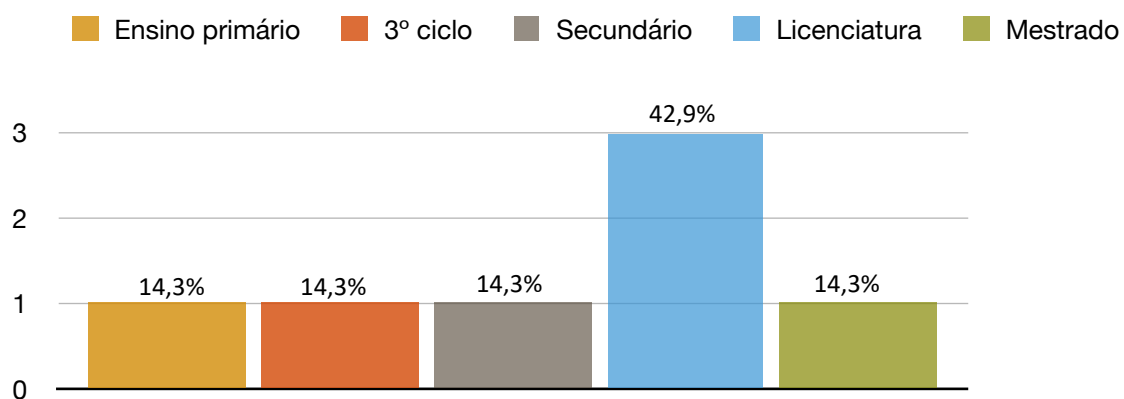
Fonte: Autora

Gráfico 4- Localidade dos inquiridos



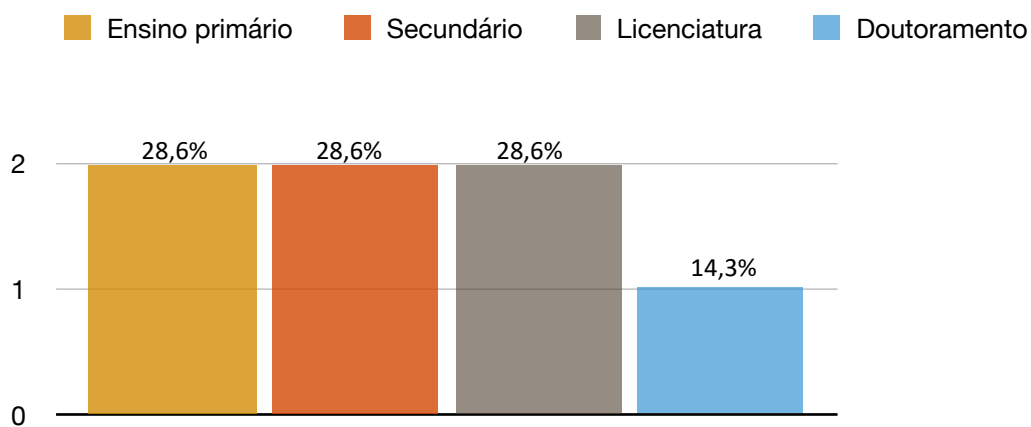
Fonte: Autora

Gráfico 5- Grau de ensino da mãe



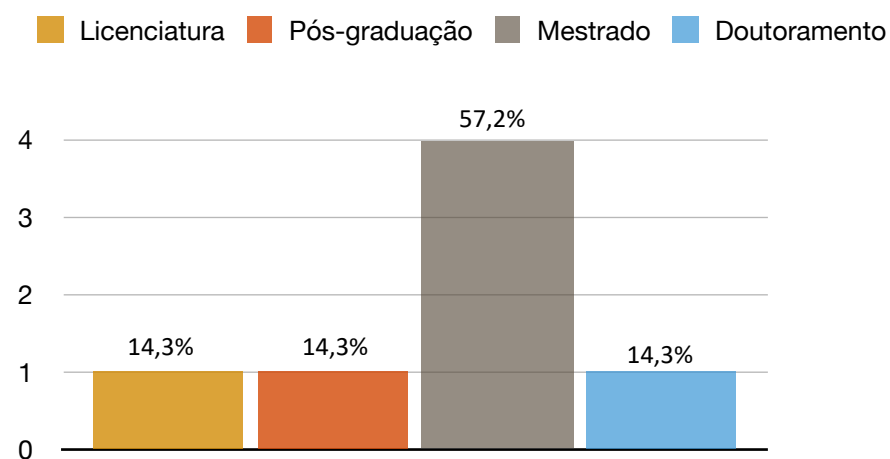
Fonte: Autora

Gráfico 6- Grau de ensino do pai



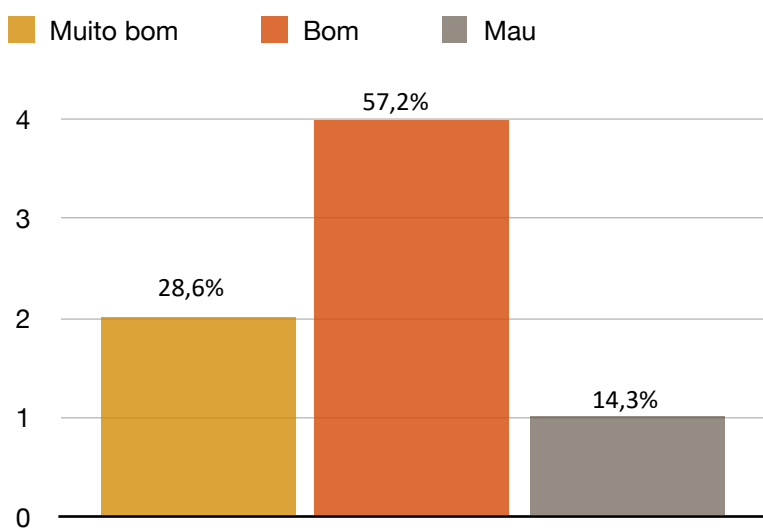
Fonte: Autora

Gráfico 7- Habilitações académicas dos inquiridos



Fonte: Autora

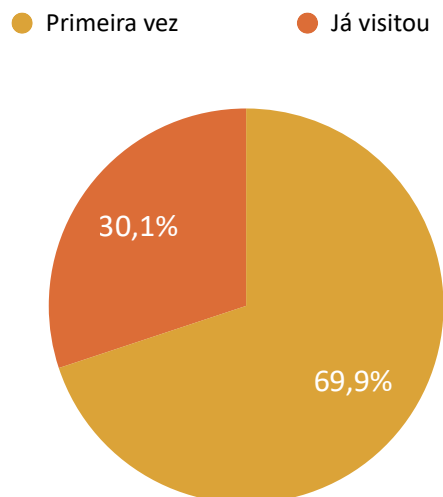
Gráfico 8- Avaliação ao Serviço Educativo



Fonte: Autora

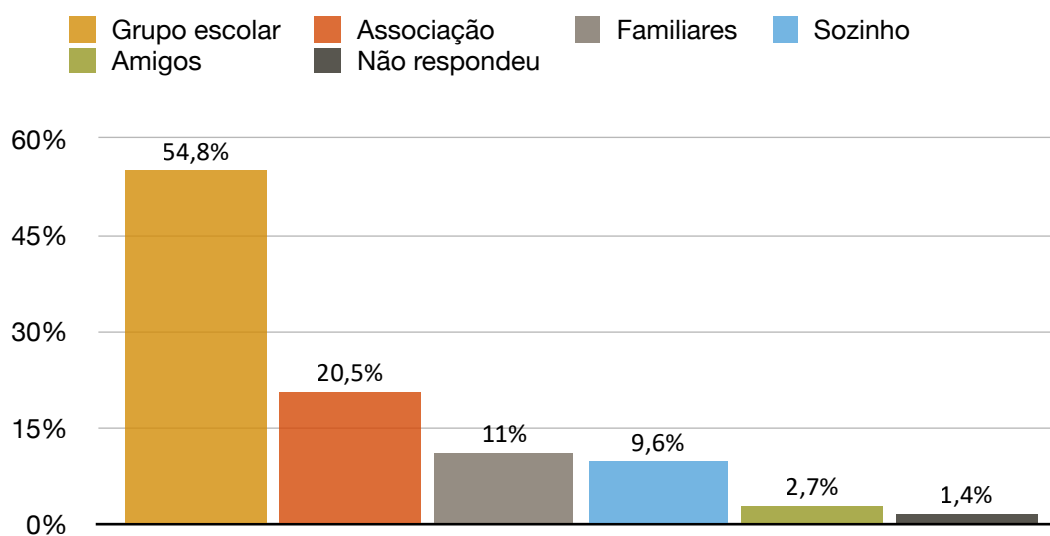
Anexo 20- Análise dados visitantes

Gráfico 1 - É a primeira vez que visita o MNSR?



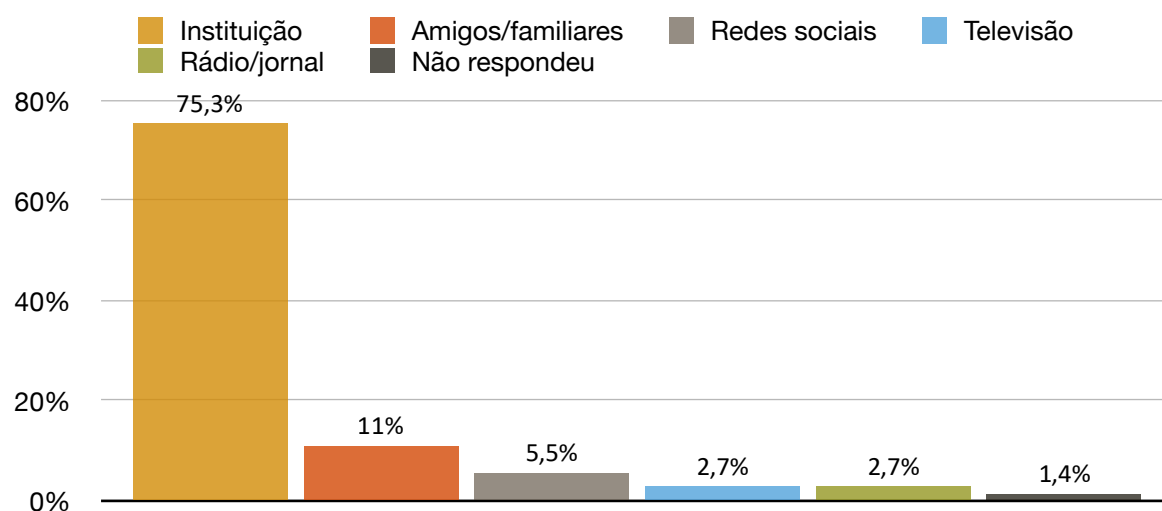
Fonte: Autora

Gráfico 2 - Com quem realizou a visita?



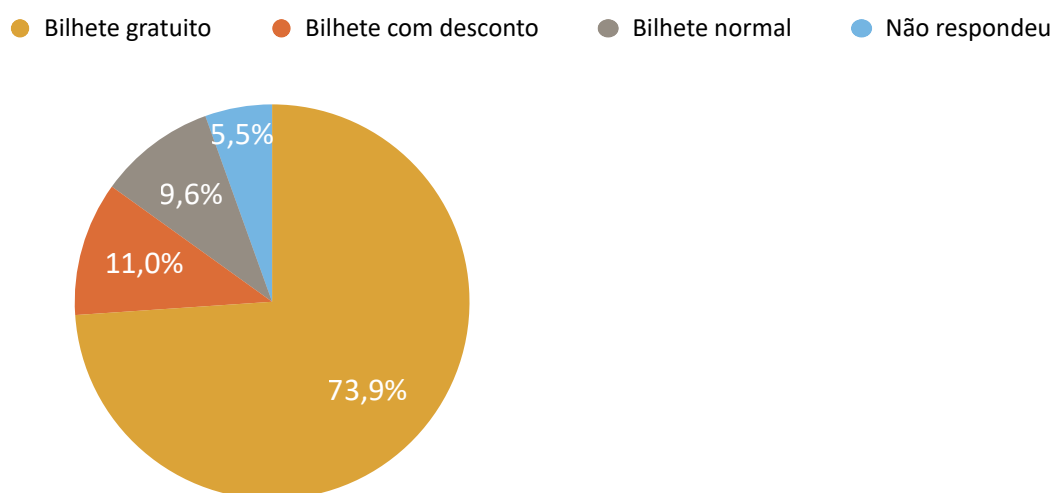
Fonte: Autora

Gráfico 3- Como conheceu o MNSR?



Fonte: Autora

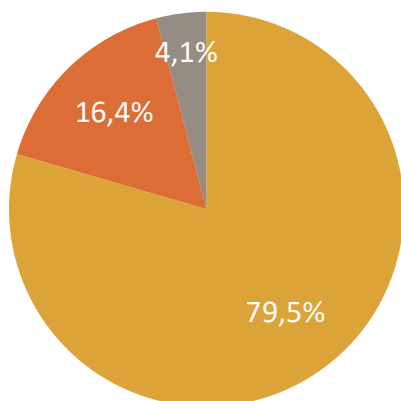
Gráfico 4- Que tipo de bilhete utilizou?



Fonte: Autora

Gráfico 5- É a primeira vez que participa em atividades promovidas pelo MNSR?

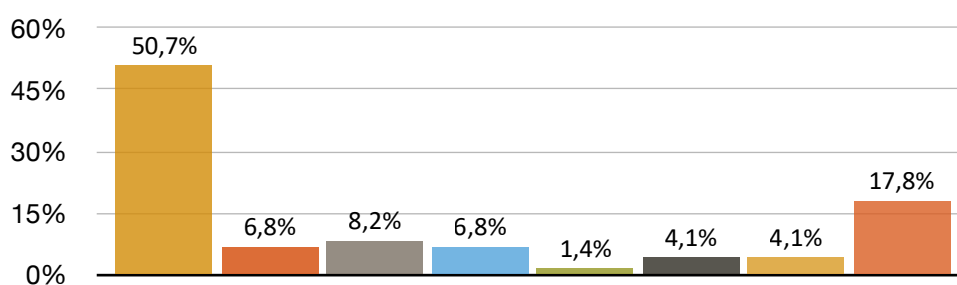
● Sim ● Não ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 6- Através de que meios teve conhecimento das atividades?

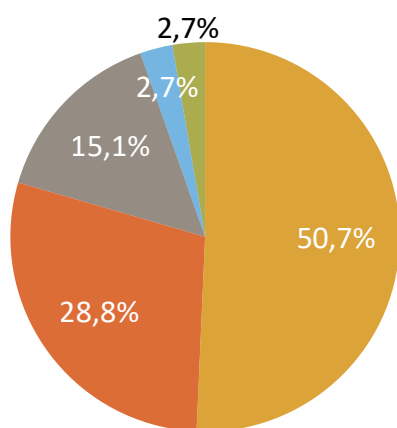
■ Associação/instituição ■ Redes sociais MNSR ■ Outras redes sociais
 ■ Outros meios ■ Televisão/rádio/jornais ■ Newsletter
 ■ Amigo/familiar ■ Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 7- A atividade foi marcante

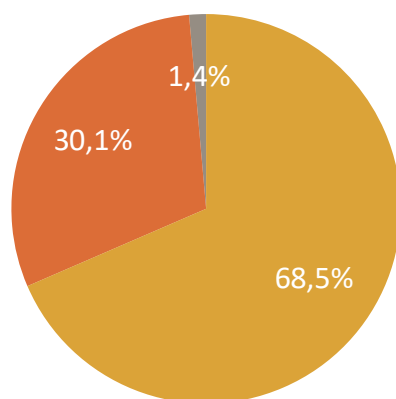
● Concordo ● Concordo totalmente ● Não discordo nem concordo
● Não concordo ● Não respondeu



Fonte: Autora

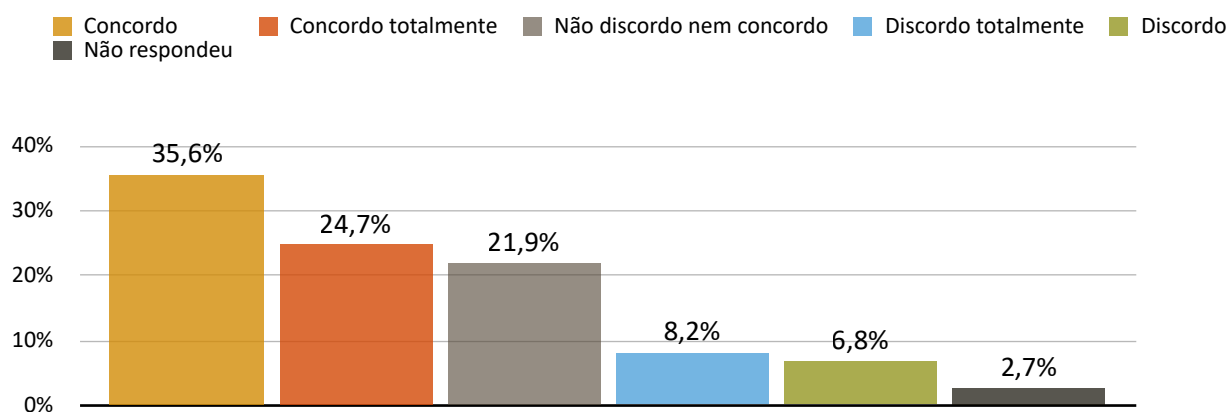
Gráfico 8- Recomendaria a um amigo ou familiar

● Concordo totalmente ● Concordo ● Não respondeu



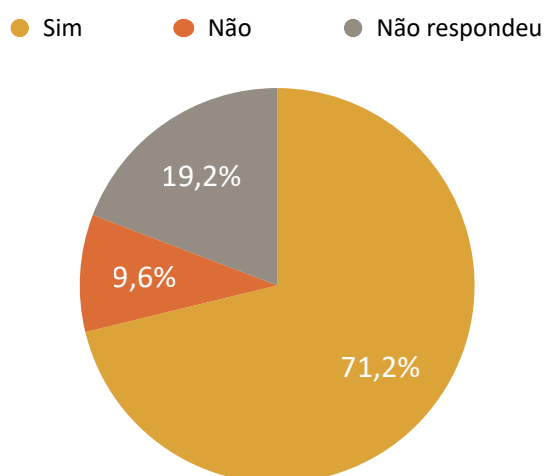
Fonte: Autora

Gráfico 9- Levou-me a refletir sobre o meu papel na sociedade



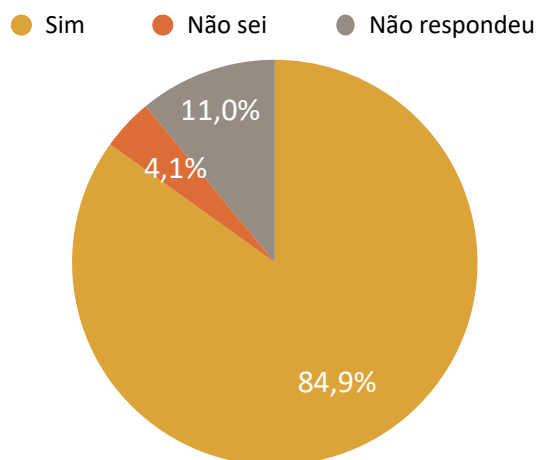
Fonte: Autora

Gráfico 10- Adquiriu novas competências?



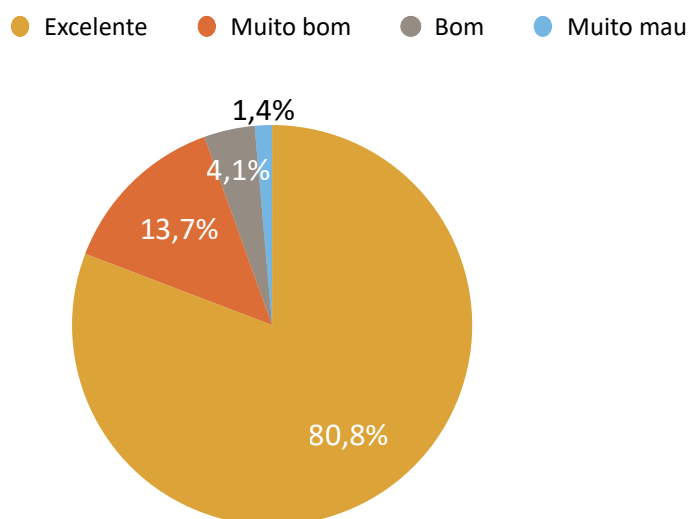
Fonte: Autora

Gráfico 11- Considera o MNSR um espaço de diálogos e troca de conhecimentos?



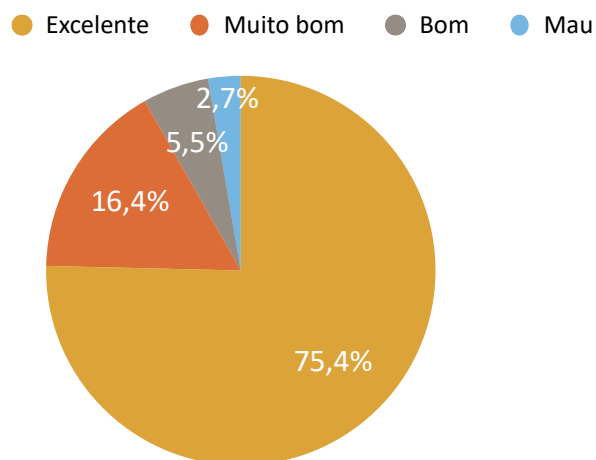
Fonte: Autora

Gráfico 12- Uso de linguagem clara, simples e adequada



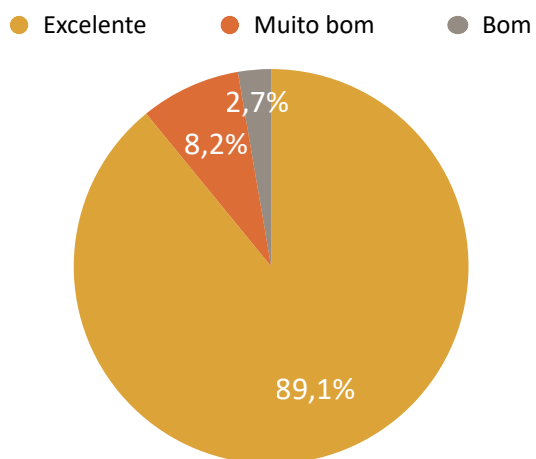
Fonte: Autora

Gráfico 13- Prestação de informação completa



Fonte: Autora

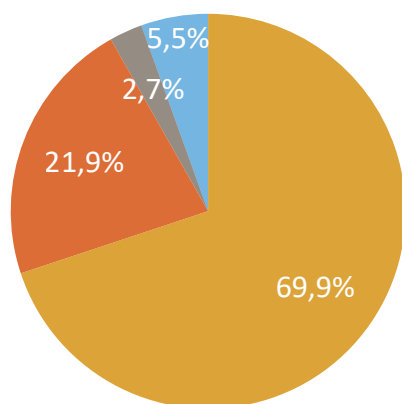
Gráfico 14- Disponibilidade dos trabalhadores para responderem a perguntas



Fonte: Autora

Gráfico 15- Conteúdo das atividades

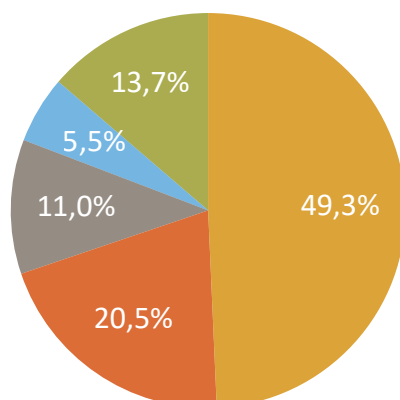
● Excelente ● Muito bom ● Bom ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 16- Divulgação das exposições e atividades

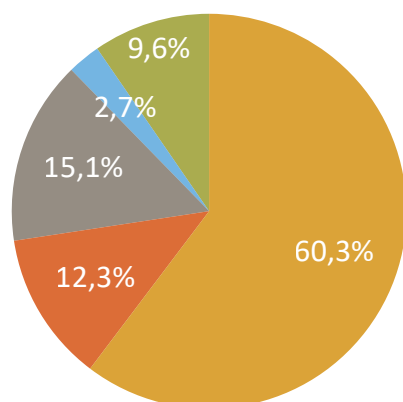
● Excelente ● Muito bom ● Bom ● Mau ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 17- Acessibilidade no Museu

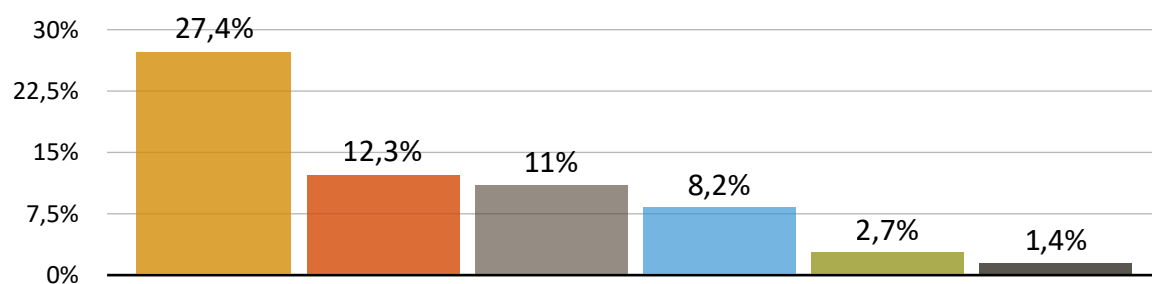
● Excelente ● Muito bom ● Bom ● Mau ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 18- Frequência de visita a museus

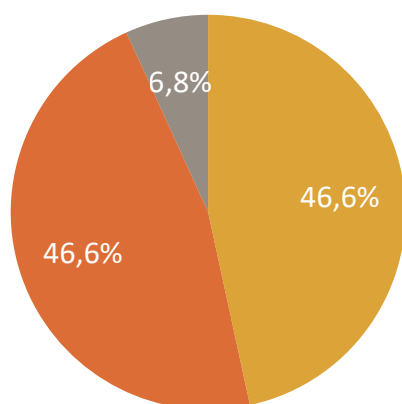
■ Raramente ■ Frequentemente ■ Ocasionalmente ■ Férias/viagem ■ Nunca
■ Muito frequentemente



Fonte: Autora

Gráfico 19- Nos últimos 12 meses visitou museus no concelho onde reside?

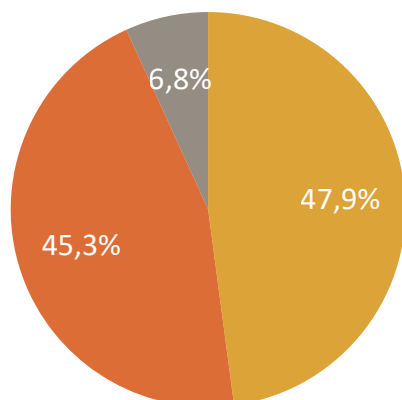
● Sim ● Não ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 20- Nos últimos 12 meses visitou museus noutro concelho?

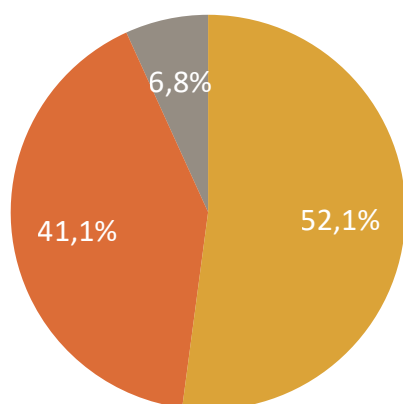
● Sim ● Não ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 21- Nos últimos 12 meses visitou museus noutro país?

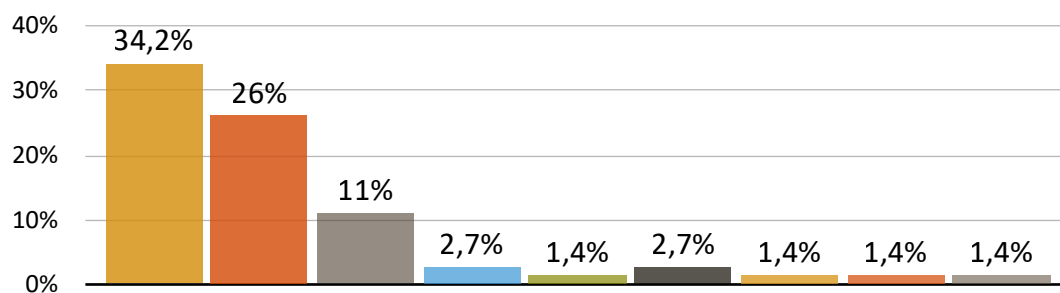
● Sim ● Não ● Não respondeu



Fonte: Autora

Gráfico 22- Indique as principais razões pelas quais não visita museus mais vezes

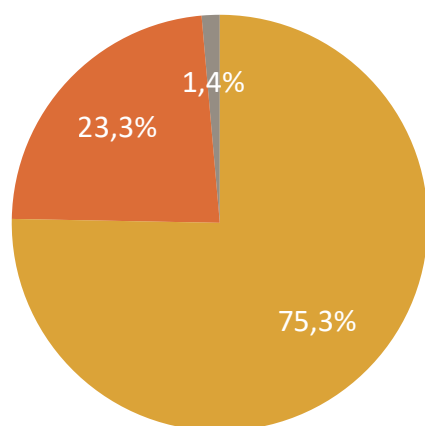
■ Longe da minha área de residência ■ Não tenho tempo ■ O custo é elevado
 ■ Não tenho interesse ■ Não tenho com quem ir ■ Visito sem limitações
 ■ Desinformação ■ Nenhuma razão ■ Não sei



Fonte: Autora

Gráfico 23- Sexo

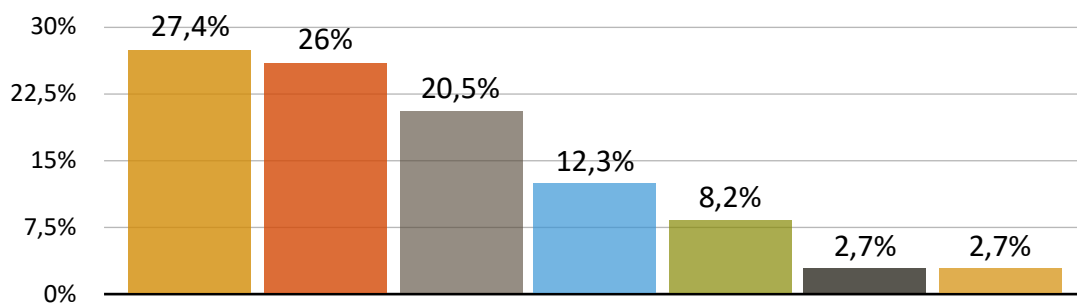
● Feminino ● Masculino ● Não respondeu



Fonte: Autora

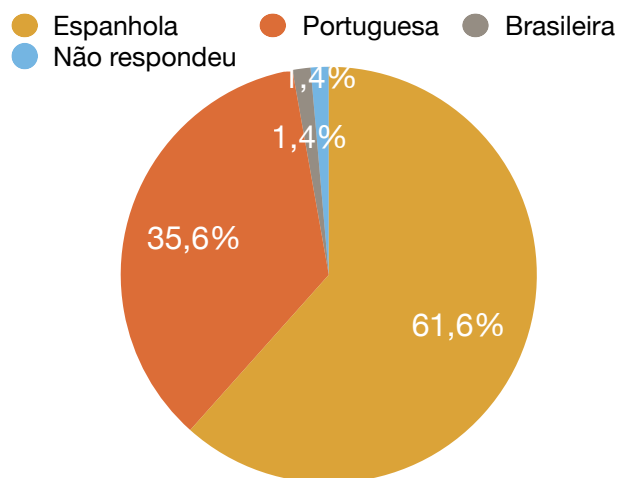
Gráfico 24- Idade

■ 40-49 ■ 50-59 ■ 30-39 ■ 60-69 ■ 20-29 ■ 70-79 ■ Desinformação



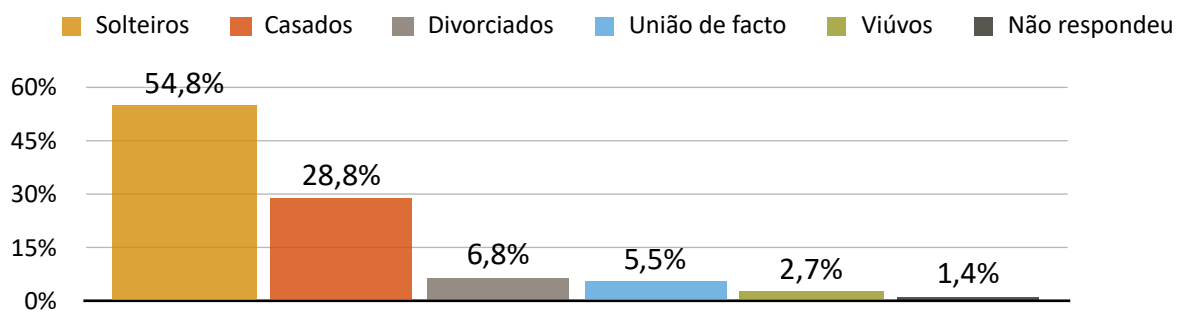
Fonte: Autora

Gráfico 25- Nacionalidade



Fonte: Autora

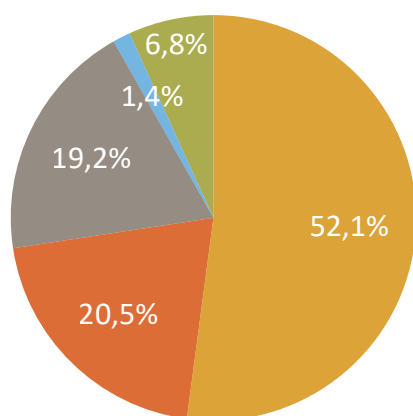
Gráfico 26- Estado civil



Fonte: Autora

Gráfico 27- Tem filhos? Quantos?

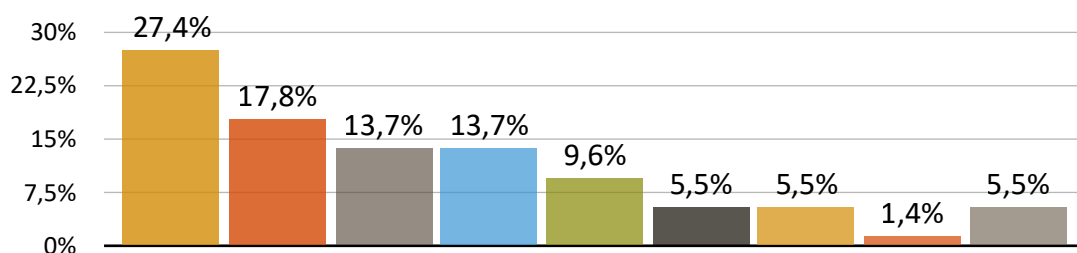
0 2 1 3 Não respondeu



Fonte: Autora

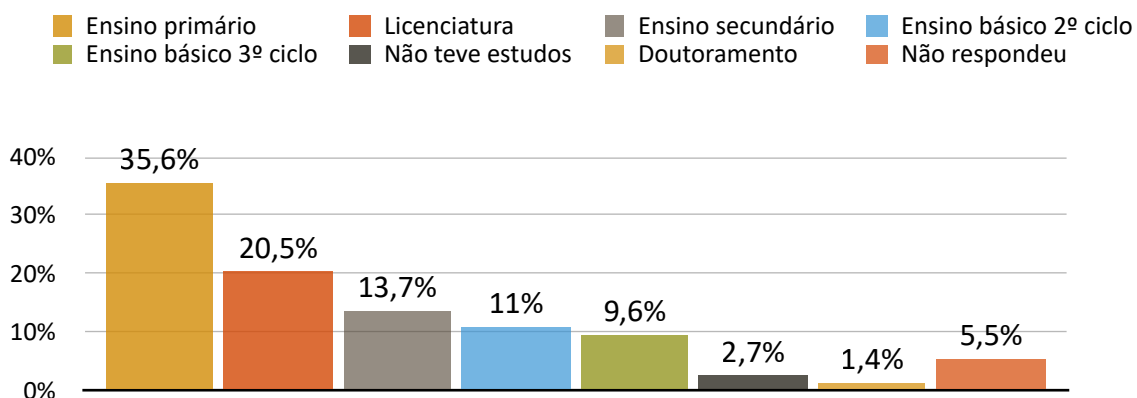
Gráfico 28- Habilitações académicas da mãe

Ensino primário Licenciatura Ensino básico 2º ciclo Ensino secundário
Mestrado Ensino básico 3º ciclo Não teve estudos Doutoramento
Não respondeu



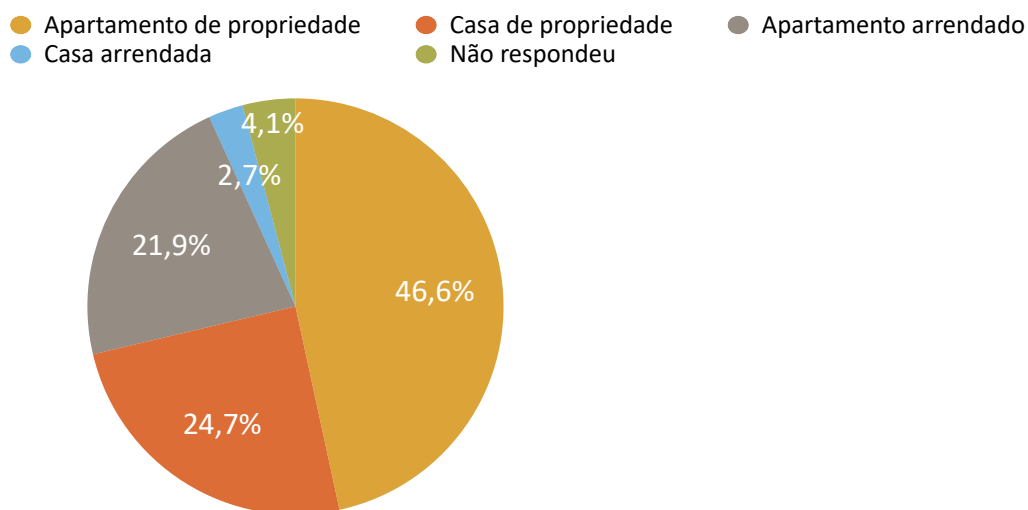
Fonte: Autora

Gráfico 29- Habilitações académicas do pai



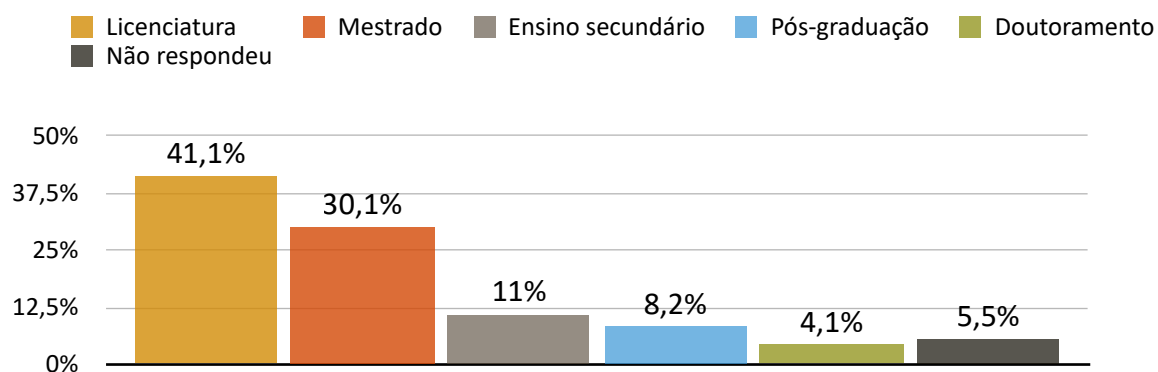
Fonte: Autora

Gráfico 30- Tipo de habitação



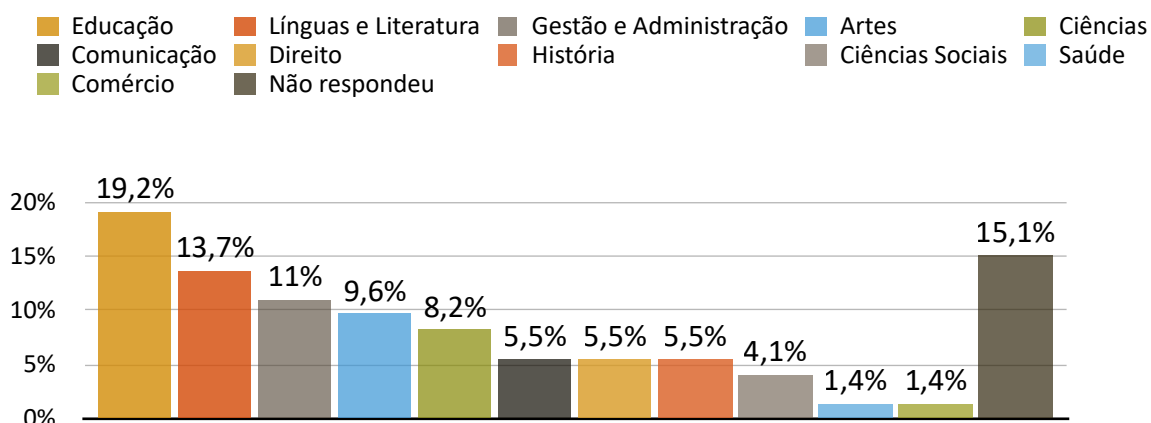
Fonte: Autora

Gráfico 31- Habilitações académicas



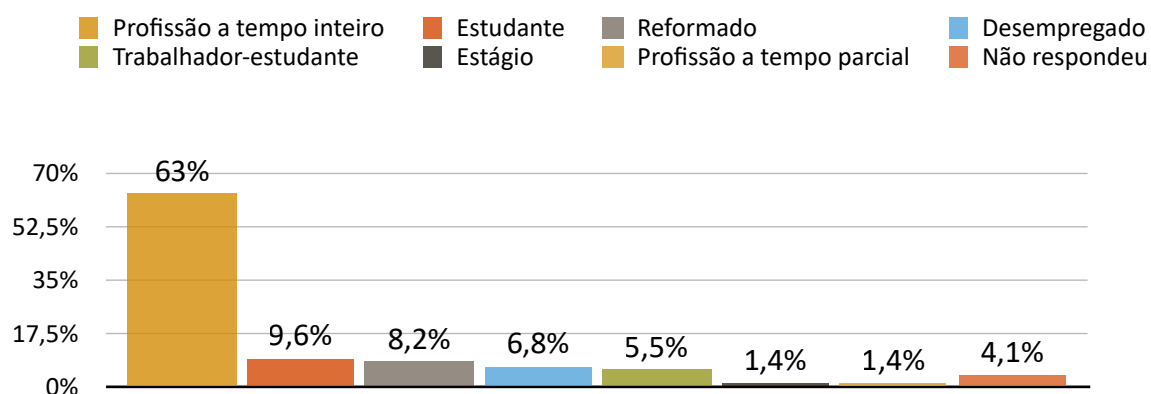
Fonte: Autora

Gráfico 32- Área de formação



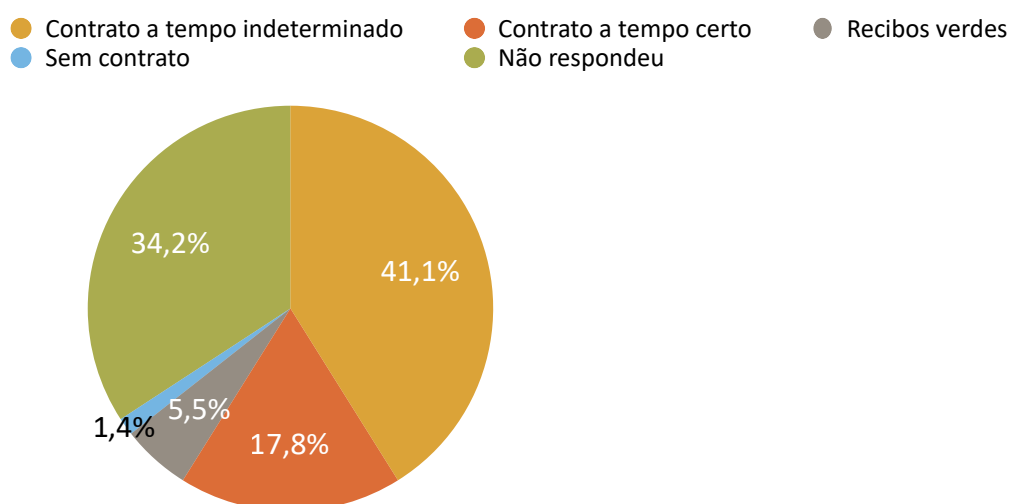
Fonte: Autora

Gráfico 33- Condição de trabalho



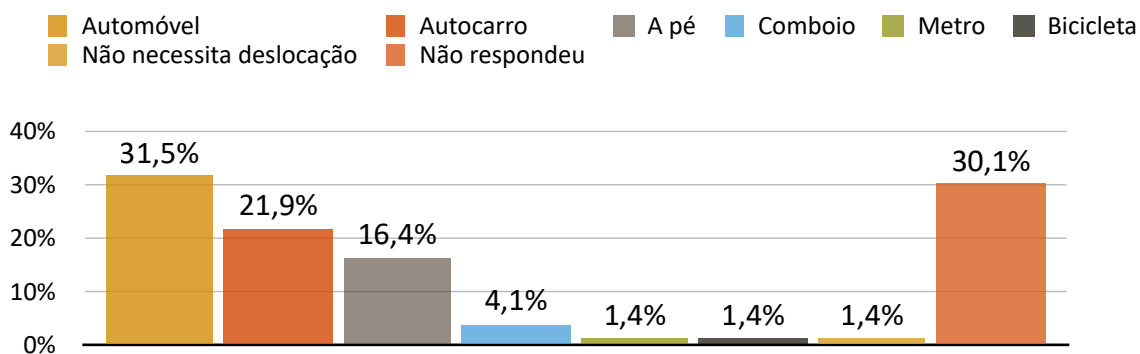
Fonte: Autora

Gráfico 34- Tipo de contrato



Fonte: Autora

Gráfico 35- Deslocação para o trabalho



Esta era uma resposta de escolha múltipla e os inquiridos puderam seleccionar mais do que uma opção, por esse motivo as percentagens somadas ultrapassam 100%.

Fonte: Autora

Anexo 21- Grelha de análise de entrevista às educadoras do CMIN

Grelha de análise de entrevista coletiva a educadoras do CMIN	
Data: 21/06/2024 Local: Sala do Serviço Educativo do CMIN Hora: 13h-13h34 Duração: 34 minutos	
Categoria	Excerto
Colaboração com o MNSR	“Foi muito importante” “Foi extremamente agradável” “Do ponto de vista da equipa, são pessoas extremamente solidárias, conhecedoras” “Acessíveis, disponíveis” “Cada um com as suas características diferentes e saberes e nós sentimo-nos muito apoiadas” “Muito agradados em nos estarem a transmitir também o saber deles” “Esta parceria está ligada ao CMIN mas a parceria Museu - Centro hospitalar tem a ver também com abrangência aos profissionais, nós já fomos lá visitar exposições que foram feitas visitas mesmo destinadas aos profissionais, foi excelente, foi excelente”
Aplicação das atividades	“foi extremamente agradável todo o suporte técnico que eles trouxeram, e até em atividades novas, com novas técnicas e com propostas de trabalho que para nós foi um aprofundar e um descobrir de algumas que já desenvolvíamos” “E que nós aproveitamos para aplicar noutros trabalhos” “Não sentimos dificuldades” “São técnicas que não se esqueceram, nomeadamente o livro. Nós a seguir tivemos uma exposição organizada por nós em parceria e já usamos as técnicas para fazer o livro portanto depois foi a aplicação dos conhecimentos” “Depois continuamos e demos e aplicamos noutras situações, noutras vivências”

Percepção das educadoras relativamente às atividades	“foi para nós quase que um abrir de portas e um entendimento, e percebendo nós que a arte e a saúde têm de estar e são indissociáveis, para as crianças acho que é sempre muito agradável, para as crianças e para as famílias, saber que é como se o exterior viesse cá para dentro. Eles aqui são privados de toda uma série de coisas da vida deles, como da escola, dos amigos, da família. O aproximar com situações que eles viveriam lá fora, o trazer o mundo lá de fora cá para dentro ajuda-os a passar melhor o tempo, ainda por cima com atividades super prazerosas”
Percepção das educadoras relativamente ao interesse por parte das crianças	“Gostaram gostaram. Eu acho que ficaram com curiosidade até de ir aos museus, sobretudo isso, foi essa a imagem. Antes achava-se que o museu era um sitio chato, um sitio aborrecido e hoje em dia eu acho que as crianças têm outra visão. E aproveitar o momento em que eles estão internados e acabam por estar menos distraídos com tantas solicitações e com a vida normal, acho que é um momento de excelência para lhes podermos proporcionar e dar experiências que se calhar de outra maneira até nem as teriam. Os museus estão aqui na cidade do Porto mas nós recebemos crianças de vários locais do país, portanto o eles terem permitido visitar ou ter uma atividade, o saber que existe um museu que tem estas características e que até há visitas virtuais e que podem ir e pesquisar e ver sobre isso.. Acho que é extremamente importante e às vezes até fica o bichinho, fica a curiosidade do tipo de atividade e descobrem até apetência muitas vezes para desenhar ou para a pintura. Muitas vezes dizem “eu não sei, eu não consigo” ou “eu não tenho jeito” e até é dos próprios pais. Eu lembro me de uma que o menino começou a pintar e ele dizia que não tinha jeito mas começou a pintar e a pintar e aquilo começou a ficar muito bonito e de repente já se veio a descobrir que ele tinha um avô que pintava porque o pai contou-lhe naquele momento. Achei mesmo uma mais-valia” “Eles perguntaram se vinham na semana seguinte”

Expectativas futuras	“Ficamos assim até na expectativa de continuar para o ano seguinte 2023/2024, mas só agora é que tivemos a confirmação que a parceria é para continuar. Mas pronto, isso são fatores externos, tanto ao serviço educativo de lá como de cá” “Mas olhe, se calhar este ano será de maneira diferente porque eles também vão perceber que poderão trazer outro tipo de atividades que possam ser deslocadas e que não careçam tanto, digo eu. Poderá ser uma sugestão, porque neste momento o que temos feito é ir ao encontro das crianças, não elas virem. Porque por exemplo, pode ser uma criança que esteja num quarto que não dê porque está a ser monitorizada e tem a necessidade de estar no quarto mas que está com capacidade para fazer e portanto nós aí vamos ao encontro dela. E pronto pode ser uma proposta para as próximas atividades, eu penso que sim. E quem diz ir ao quarto diz ir ao hospital de dia porque ali é semelhante, não sei se conhece. É uma sala bastante grande com seis boxes abertas, no meio uma ilha com os médicos e enfermeiros, tem seis unidades, três de um lado três do outro.. Temos uma mesa portátil, um cantinho com uma cozinha pequenina uns armários com uns livros. O que às vezes acontece é que a própria cama, eu desenrolo papel cenário e fica quase de cavalete e eles pintam. Posso mostrar fotografias. Não é impossível mas eu aí senti que eles talvez não tivessem tão preparados. Agora penso que sim que poderão estar”
----------------------	--

Anexo 22- Grelha de análise de entrevista a técnico do Serviço

Educativo

Grelha de análise de entrevista ao Dr. Jorge Coutinho	
Data: 23/08/2024 Local: Cafeteria do Museu Nacional Soares dos Reis Hora: 11h10-11h50 Duração: 40 minutos	
Categoria	Excerto
Construção da programação de oficinas	“Muitas vezes temos que nos reportar ao tempo em que a pintura, nomeadamente da Aurélia de Souza que é o que estamos a falar agora, foi feito, em que contexto social da época, essas coisas todas. E depois adequamos esse discurso às várias faixas etárias, portanto para crianças pequeninas provavelmente essa parte do contexto social não será muito importante a gente desenvolver (...). Quando já são faixas etárias mais jovens ou adultos isso já é importante” “Normalmente quem está a coordenar isso neste momento é a Liliana e mediante a exposição que é, nós falamos os conteúdos e depois a parte prática e oficial sou sempre eu que a desenvolvo uma vez que sou artista plástico e pronto, como domino várias técnicas desde o desenho, a joalharia, a cerâmica e todos os equipamentos que temos no Serviço Educativo vamos derivando isso tudo e fazendo várias ações nesse sentido” “O diretor nessa parte dá nos alguma liberdade de conceção dessas oficinas. Claro que a ultima palavra é dele. É escrita uma sinopse do que se vai fazer e porquê, ele lê e analisa. Até agora nunca disse que não. Pode haver um acerto aqui ou ali, uma sugestão, claro que a gente como equipa tem que ouvir todos os elementos” “a exposição de longa duração é a mesma dinâmica (...) fazemos também não numa ligação tão direta só da obra em si, mas todo um contexto geral que vá abranger... e depois fazer a ligação com o jardim da cerca em termos das espécies vegetais, da fauna”

Atratividade dos públicos mais novos	“Eu acho que este museu para agarrar, e é um termo que utilizo, a atenção das crianças tem realmente de ser pelo Serviço Educativo e a abordagem que se faz. Porque não é uma exposição que um grupo de crianças... olhar só para os quadros...” “É muita coisa, é muito pesado, e é através destas brincadeiras, brincadeiras muito sérias como eu digo, é que a gente consegue captar a atenção deles e educa-los no sentido do que é um museu hoje em dia. Não é só uma sala de exposição, de todo. E cada vez menos. Um museu não são só salas de exposição. São locais de diversão, de fruição, de criatividade. A gente puxando pela criatividade das crianças e tendo sempre por base a coleção do museu mas dando a volta de outra forma a gente consegue captar a atenção deles, e fazer eles gostarem de um museu tão clássico como este museu”
Educação enquanto prioridade do Museu	“é por aí que cada vez mais um museu faz sentido, só assim porque.. é como eu digo, principalmente com as camadas mais jovens um museu como este tem de viver muito da parte educativa para puxar a criatividade deles, fazendo paralelismo com outras coisas, outros mundos que estão sempre presentes nas obras clássicas não é, mas a gente tem que dar a volta para lhes captar a atenção. Hoje em dia é telemóveis, ecrãs, é tudo, ecrãs, ecrãs, telemóveis e tablets e essas coisas. E a parte prática é descurada. Nos aqui fazemos precisamente isso, essa ponte entre o moderno e o digital que também é importante e já não se pode viver sem essa parte, mas a componente prática nós desenvolvemos aqui e é o que faz a grande diferença. Eles saem daqui maravilhados às vezes, pelo simples facto de terem acesso aos materiais e meter as mãos na massa como a gente diz e fazer coisas. Não é ver as coisas no ecrã, na televisão ou no telemóvel. É por as mãos na massa e fazer e experimentar, a gente proporciona esses momentos que muitas vezes nem nas escolas nem em casa eles têm a hipótese de fazer. Nós aqui promovemos sempre uma componente muito prática, e penso que isso é que lhes fica

	no cérebro. E de facto nota-se que às vezes os miúdos entram aqui de cabeça baixa, com um certo medo, o edifício em si muito clássico, um bocado fechado e tal.. as pessoas ficam com a ideia do museu uma coisa assim escura, uma coisa muito conservadora, e depois saem daqui com uma ideia completamente diferente do que é um museu. Querem vir cá novamente seja com a escola, ou trazem depois os pais, ou trazem os padrinhos ou os avós nesse contexto”
Perceção do trabalho do Serviço Educativo	“Eu acho que evoluiu muito com esta direção nova. De facto, a aposta é bastante grande no Serviço Educativo. Há muito mais liberdade do que havia. E mesmo a nível de recursos tem se investido, não direi bastante mas o necessário, de forma a termos um serviço de qualidade. Eu acho que tem muita qualidade neste momento o nosso serviço educativo. Faz jus a qualquer museu, a qualquer um” “Agora como a aposta é muito mais forte com meia dúzia de trocos, isto é uma expressão porque não são assim trocos, mas também não é nada de especial, de facto faz a grande diferença. Agora com outros materiais e acesso a coisas com mais qualidade pode-se fazer coisas muito muito boas” “Eu acho que já mudou muito, é descomunal, é uma coisa... o que se passou desde esta direção, o apoio que o Serviço Educativo tem tido, não só a nível de oficinas. O serviço educativo passa por muitas outras coisas e de facto está tão tão melhor que eu agora até estou com alguma dificuldade de dizer o que poderia ser melhor. A nossa oferta neste momento é bastante grande e vai ser cada vez maior. E como isto está a melhorar bastante e temos tido um feedback muito positivo do que tem sido aqui feito, tem havido cada vez mais pedidos para se fazer oficinas, seja de artes plásticas, cerâmica, joalharia, escrita”

Percepção do seu trabalho	“eu tenho essa liberdade quase total de criar conteúdos, abordagens, materiais. Claro que falo com as outras pessoas, lógico. Mas as pessoas em si acham que o trabalho é muito válido. Uma das mais valias do meu trabalho, para além da parte técnica, que domino várias técnicas porque ao longo dos anos fui desenvolvendo muitas coisas, é que sou uma pessoa bastante criativa. Trabalhamos muitos anos com muito poucos recursos, muito pouco dinheiro e materiais, e fruto disso a gente desenvolve outras competências” “Ora bem, eu nessa componente das oficinas, considero o meu trabalho um bocadinho solitário. Eu gostava de ter mais uma pessoa que conhecesse a parte técnica, de fazer coisas, do desenho, a parte prática. Mas é o que é, não temos não temos”
Colaboração de técnicos internos exteriores ao Serviço Educativo	“A maior parte está afastado, eu acho que sim. Não sei bem o porquê. Mas é assim, também não vou perder tempo a perguntar isso. Era bom. Isto não é geral, há pessoas que vão ver e gostam imenso e até querem participar. Por exemplo, muitos dos assistentes de sala têm o posto deles, estão ali e não podem sair.” “E isso é uma coisa que eu acho que o nosso Serviço Educativo devia fazer, porque há montes de colegas que queriam fazer as oficinas, vêm o que sai daqui feito e queriam fazer mas pronto, têm horários a cumprir, têm de estar no seu posto de trabalho. Mas acho que era importante nós o serviço educativo fazermos isso para os colegas. Acho que a maior parte dos colegas “Jorge gostava tanto de fazer as oficinas” alguns trazem os filhos ou os sobrinhos, mas eles próprios...” “E acho que, não sei, possível é, fazer não só para o pessoal externo mas para as pessoas de cá, para os colegas, fazer especificamente para os colegas funcionários do Museu” “há um ou outro que já veio fazer fora do seu horário. Mas acho que é importante meter mais os colegas a ver o que se faz e a fazer, mesmo para passar a palavra. São eles que lidam diretamente com as pessoas, e se lhes fazem perguntas a maioria vai responder “vejam no site tem lá a sinopse”, mas se já

	tivessem experienciado conseguiam passar a mensagem de uma forma muito mais efusiva, muito mais... mas pronto, é o que é”
Colaborações externas	“nas redes sociais vai saindo umas coisas, mas a palavra que vai passando, e depois muita gente vem cá, seja escolas, associações, instituições, e de facto vêm a qualidade das coisas que aqui se faz e a abordagem que se faz às coisas, e nomeadamente já há muita... nós serviço educativo aqui estamos a dar formação a muitas instituições e nomeadamente aos técnicos da câmara municipal do Porto, os serviços educativos da câmara. As pessoas que estão à frente desses polos, hospitais e não sei quê, vem aqui aprender técnicas e maneiras de desenvolver oficinas, materiais que utilizamos e como são utilizados, nós aqui é que estamos a ensinar muita gente de fora. Sai mais daqui para fora do que de fora para aqui”
Aprendizagem com os públicos	“eu aprendo muito, até com as crianças. Eu a desenvolver uma oficina estou com eles, converso com eles, aprendo muito muito com eles. São extremamente criativos, são espetaculares, têm ideias fabulosas, abordagens à cor que eu às vezes fico a olhar para eles... meu deus... sim senhora... brilhante... mentes brilhantes... apanho crianças às vezes de uma criatividade espetacular. Eu já estou aqui há uns anos, já passaram aqui centenas ou milhares, e há crianças que nos marcam em todos os sentidos” “Aprendo mais com eles provavelmente do que com a maior parte dos adultos, porque eles têm uma visão muito mais livre”

Valores	“Nós utilizamos materiais muito mais contemporâneos, sempre numa base de sustentabilidade e com uma parte educativa. Simples materiais que são descartados no dia a dia de uma forma completamente gratuita, aquilo trabalhado, os metais de uma lata de refrigerante e outros materiais que a gente de outra forma não olhava para eles, a gente consegue fazer peças de grande valor não de valor em termos de ser materiais preciosos ou essas coisas. Mas hoje em dia não é isso que interessa, é educá-los outro sentido de valor...
---------	--

	o que nos rodeia, a natureza, isso é que tem valor de facto, e é essa parte educativa que nós martelamos, e desculpa lá o termo. É muito importante isso, e fazer essa ponte com a contemporaneidade, seja dos materiais seja da abordagem do desenho, da pintura, da cerâmica... fazer sempre a ponte com os materiais que estão expostos, seja ele das jóias, do desenho, da pintura, da escultura” "E é assim, eu promovo muito essa liberdade, a liberdade de expressão. Mal eles entram eu digo vamos para uma oficina, vamos nos divertir, vamos fazer uma coisa divertida. Não é como na escola que eles têm um programa escolar, que eu acho que tem muitas deficiências, e não tem essa componente prática que aqui desenvolvermos e os professores tem de seguir um plano que está definido” “Aqui a liberdade é total, para eles criarem, experimentarem coisas, fazerem a tal ponte entre a arte clássica e o moderno de uma forma divertida, em que não há regras. Quer dizer, há regras mas elas estão aí para serem quebradas. Eu promovo muito isso. Seja no modo como desenham, a cor que utilizam.. se lhes apetecer desenhar uma paisagem qualquer com tons completamente psicadélicos ótimo, e depois eu converso com eles sobre isso, e porquê que o fizeram e eles têm sempre resposta, nunca ficam a olhar para mim do tipo isto mal? Não está mal, é a visão deles. Estou aqui para ajudar, para orientar, mas nunca digo isso está mal, não está mal. O que estava mal era se eu dissesse isso está mal” "São dois conceitos que trabalhamos muito, a liberdade e a criatividade” “uma das frases chaves que utilizamos é “é preciso ter lata” é uma frase que lhes desperta atenção, e é literalmente usar uma lata de refrigerante, nas várias vertentes” “A gente bebe e deita fora. E começamos a aborda-los nesse sentido, o que fazem à lata. Hoje em dia essa parte da educação, a maior parte ou quase cem por cento sabe que a lata vai para o contentor amarelo, e daí nós
--	---

	trabalhamos tudo o resto. E se antes de deitares fora fizesses isto isto e aquilo? E mostramos exemplos práticos feitos e depois claro, vão ver que a partir desses elementos e outros se consegue produzir coisas de muita muita qualidade” “Não é o plástico que eu sou anti plástico. Não é pegar nas tampinhas e colar as tampinhas, não e ponto final. O plástico vai para onde vai, vai ser reciclado ou não, seja o que for, mas nós aqui, eu, plástico não. Pelo que vês aí, na coleção que aqui está, não vês plástico, vês madeiras, vês metais, vês papéis ok, plásticos não. E é uma coisa que eu também... pode ser panca minha, mas eu sou anti plástico.
Inclusão	“Agora sim, agora acho que sim, que o museu é um museu para todos. Aqui há uns anos... é como eu digo, a abordagem que se faz agora, até para as crianças, porque eu ouvi muitas vezes... a gente ouve na rua conversas... que não era um museu muito agradável para as crianças, que não era muito apelativo, e não era. Agora é. Agora é mesmo porque não é só o museu entanto sala de exposição, é o edifício, é os jardins, é a cerca lá em cima, que a gente utiliza como espaço criativo” “Estás a falar de amblíopes e cegos? Sim sim, nós quando é esse tipo de visitantes, seja por marcação seja... vamos incidir sobre, por exemplo, a parte do tato. Fazemos peças tridimensionais para eles sentirem as peças, mesmo visitas à escultura, aos altos e baixos relevos claro que com os devidos cuidados, com luvas e assim, mas eles podem sentir as peças. Além de que não é só sentir, o discurso que é feito para esses grupos, a descrição tem de ser muito mais pormenorizada e a par dessa descrição sempre que possível que eles possam tocar, claro que salvaguardando as peças como é lógico, com luvas e essas coisas, mas eles poderem sentir as peças, o material de que é feito, a pedra que é fria, os metais, as formas, os volumes. Mas por exemplo, acho que aí é uma coisa que pode ainda ser melhor trabalhada e acho que é necessário trabalhar mais isso”

	“Já na direção anterior havia e há uns kits de cerâmica para eles terem contacto com os materiais com que é feita a cerâmica ou reproduções em que podem tocar sem luvas, o tato livre. Claro que com as peças em si que estão expostas não vão por as mãos diretamente, mas com luvas próprias já na direção anterior se fazia isso, mas agora pronto além dessa parte acho que há mais cuidado com a descrição que se faz das peças. Essa componente prática existe na mesma sim” “Foi uma oficina com famílias, estava integrado numa família normalíssima, como os outros. Quando chegou cá vi que era invisual. Ok não vamos fazer drama, é uma pessoa que tem, não é deficiência pronto... é que tem uma necessidade especial. Eu não ia pô-lo à parte, faz parte do grupo. E os filhos são normais, normais no sentido em que conseguem ver, e eu fiz a oficina normalmente. Provavelmente houve ali momentos que dei mais atenção, uma atenção especial àquele caso, porque o senhor... os filhos muito divertidos sempre a ajudar o pai claro, e foi uma coisa que me marcou muito” “ontem eles levaram as pecinhas que tinham feito, eu peguei eu duas ou três que tinha feito eu com uma espessura mais... e disse este é para ti, este é para a tua irmã e levas esta também para a tua mãe. E aí foi engraçado, os miúdos ficaram maravilhados, e engraçado, o sentido da família... é imediata a descrição dos filhos para o pai em relação às cores que estavam lá “olha pai isto é azul e dourado, e esta que vai para a mãe é azul e verde” e o pai pegou com as mãos, sentiu a peça e disse logo “isto é como nós fizemos mas estas são mais espessas”. Eu disse sim são mais espessas, podem ser utilizadas como peça de joalharia, faço questão que leve uma para a sua esposa, a mãe, e a mãe vai usar esta peça. Ele gostou muito de ter feito uma oficina com os filhos. Estava integrado no grupo, sem necessidades especiais, integrou ok, fez na mesma, fez a mesma coisa que os outros, de uma forma um bocadinho, só um bocadinho diferente. As vezes tenho que dar mais atenção a um caso ou outro, sem descurar nunca os outros mas sim”
--	---

Anexo 23- Indicadores de avaliação

Indicadores	Fontes	Periodicidade
Nº de atividades e diversidade	Monitorização	Todas as exposições
Nº de inscrições	Observação - contabilização	Todas as atividades
Participação	Observação - atenção, intervenção, questionamento	Todas as atividades
Perceção por parte dos técnicos do MNSR	Inquéritos aos técnicos ou reuniões	Todas as exposições
Perceção por parte dos públicos	Inquéritos ou pontuais debates	Ao longo do ano

Fonte: Autora